



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO**

**THAMIRIS IZIDORO DA SILVA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE DESIGUALDADE SOCIAL EM  
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: COM A PALAVRA  
OS/AS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS E  
PRIVADAS DE PERNAMBUCO**

**RECIFE**

**2022**

**THAMIRIS IZIDORO DA SILVA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE DESIGUALDADE SOCIAL EM  
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: COM A PALAVRA  
OS/AS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS E  
PRIVADAS DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/a em Educação.

**Área de concentração:** Formação de Professores e Prática Pedagógica.

**Orientador (a):** Prof. Dr. Viviane de Bona

**RECIFE  
2022**

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Natália Nascimento, CRB-4/1743

S586p

Silva, Thamiris Izidoro da.

Representações sociais de desigualdade social em contexto da educação física escolar: com a palavra os/as estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas de Pernambuco. / Thamiris Izidoro da Silva. – Recife, 2022. 115 f.: il.

Orientadora: Viviane de Bona.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2022.

Inclui Referências e Apêndices

1. Desigualdade social. 2. Educação física escolar. 3. Representações sociais. I. Bona, Viviane de. (Orientadora). II. Título.

370 (23. ed.)

UFPE (CE2022-085)

**THAMIRIS IZIDORO DA SILVA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE DESIGUALDADE SOCIAL EM  
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: COM A PALAVRA  
OS/AS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS E  
PRIVADAS DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/a em Educação.

Aprovada em vídeoconferência em 26/08/2022

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Viviane de Bona (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco  
[Participação por vídeoconferência]

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Patrícia Siqueira Tavares Falcão (Examinadora Externa)  
Universidade de Pernambuco  
[Participação por vídeoconferência]

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lícia de Souza Leão Maia (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco  
[Participação por vídeoconferência]

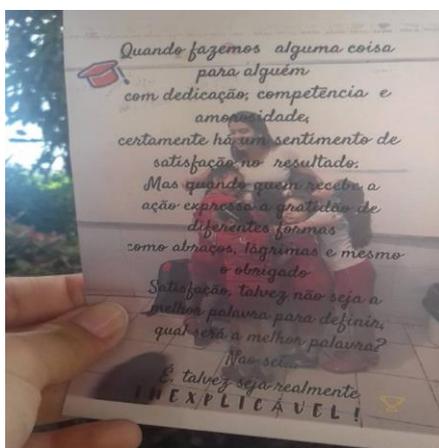
## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a essa força suprema, causa e explicação de todas as coisas, que me manteve de pé, que ficou comigo em todos momentos, dando sabedoria, calma e fé para continuar, chamada Deus. Agradeço a minha família, amigos e todas as pessoas que emanaram energias positivas para mim, durante todos esses anos – se você, que está lendo agora, fez isso, essas palavras são para você –.

Com carinho, agradeço a minha orientadora, Vivine de Bona. Obrigada por toda sua paciência, gentileza e sabedoria para auxiliar minha caminhada, – precisamos de mais professoras (es), no mundo, com esse olhar fraterno, responsável e gentil que você tem.

Gratidão a todas as pessoas, que mesmo sem saber, foram inspiração para mim. Para cada uma delas, dedico uma rosa vermelha – igual a do pequeno príncipe, pois, depois que conheci uma dessas *Rosas*, minha vida nunca mais foi a mesma – . Aprendi a ser mais gente, a não acreditar em tudo que me diziam, a ser mais gentil, a amar a educação e seus processos, aprendi a olhar para o outro com mais atenção, aprendi que aprender leva tempo e dedicação, aprendi a me reconhecer como capaz, aprendi a não desistir.

Obrigada, amores de titia, dinda, crianças desse mundo. Vocês fizeram e fazem minha trajetória na terra mais feliz. Vocês preenchem meus dias de amor, alegria e esperança em um mundo mais justo, leve, amável – bem assim, como vocês são – , esses foram e são os combustíveis, que fizeram e fazem, eu permanecer de pé e esperando.



*Gratidão!*

*Num encontro inesperado, na estação central do Recife,  
Késia, uma criança de onze anos, me fez pensar sobre  
o papel da educação na vida das pessoas. E hoje, Késia,  
aonde você estiver, gostaria que soubesse, siga firme, forte,  
atenta e esperançosa, acreditando que é possível ser mais gente,  
por meio da bondade e da prática de uma Educação Libertadora.*

## RESUMO

O objetivo do presente estudo é compreender a relação desigualdade social-prática pedagógica da Educação Física escolar, por meio das representações sociais de desigualdade social compartilhadas por estudantes do Ensino Médio de Pernambuco. Adota como referência a Teoria das Representações Sociais, com destaque na abordagem sociogenética. Para tanto, a investigação utilizou como instrumento questionário com perguntas abertas e fechadas, construído e aplicado por meio do *Google Forms*, sendo respondido por 139 estudantes do Ensino Médio, de escolas públicas e privadas de Pernambuco. Os dados coletados foram analisados recorrendo a técnica de análise de conteúdo, categorial temática (BARDIN, 2001). Tal técnica, permitiu a categorização do *corpus*, a partir das unidades: conceito, dificuldades, identificações e contribuições. Os resultados apontam que os principais elementos das representações sociais, amparados às relações entre desigualdade social e prática pedagógica da Educação Física, estão associados as questões de gênero, a deficiência, as inseguranças e diversidades que envolvem o corpo humano, práticas pedagógicas sexistas, as diferenças e a fatores econômicos. Além disso, a desigualdade social em contexto da Educação Física escolar, foi ainda considerada como algo que promove a exclusão das pessoas das aulas por suas diferenças corporais, o exercício das desigualdadee de gênero, o menosprezo de pessoas com deficiência, a diferença no trato do conteúdo ensinado, a desigualdade racial, falta de acessibilidade e a falta de materiais para as aulas. Entretanto, os estudantes também viram na Educação Física escolar viabilidades para a superação de tais desigualdades, reconhecidas por eles. Indicando que essas possibilidades podem ser realizadas por meio de atividades que todos participem, pela inclusão das pessoas nas práticas pedagógicas, o olhar mais atento dos professores, tratamento igualitário entre estudantes e professores, atitudes pedagógicas que reverberem no ensino desse componente curricular, aulas acessíveis para todos, oportunidades e incentivos, eventos esportivos e a preocupação com questões sociais.

**Palavras-chave:** Desigualdade Social; Educação Física escolar; Representações Sociais.

## ABSTRACT

The objective of this study is to understand the relationship between social inequality and pedagogical practice in school Physical Education, through the social representations of social inequality shared by high school students in Pernambuco. It adopts as a reference the Theory of Social Representations, with emphasis on the sociogenetic approach. Therefore, the investigation used a questionnaire with open and closed questions, built and applied through Google Forms, being answered by 139 high school students from public and private schools in Pernambuco. The collected data were analyzed using the content analysis technique, thematic category (BARDIN, 2001). This technique allowed the categorization of the corpus, based on the units: concept, difficulties, identifications and contributions. The results show that the main elements of social representations, supported by the relations between social inequality and pedagogical practice of Physical Education, are associated with gender issues, disability, insecurities and diversities that involve the human body, sexist pedagogical practices, differences and economic factors. In addition, social inequality in the context of school Physical Education was still considered as something that promotes the exclusion of people from classes due to their body differences, the exercise of inequality and gender, the contempt of people with disabilities, the difference in the treatment of content taught, racial inequality, lack of accessibility and lack of materials for classes. However, students also saw in school Physical Education possibilities for overcoming such inequalities, recognized by them. Indicating that these possibilities can be realized through activities in which everyone participates, through the inclusion of people in pedagogical practices, the closer look of teachers, equal treatment between students and teachers, pedagogical attitudes that reverberate in the teaching of this curricular component, accessible classes for all, opportunities and incentives, sporting events and concern for social issues.

**Keywords:** Social Inequality; School Physical Education; Social Representations.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Questões presentes no questionário.....	45
Quadro 2- Rede de Ensino dos estudantes participantes.....	48
Quadro 3- Gênero indicado pelos estudantes participantes.....	48
Quadro 4- Idade dos estudantes participantes.....	49
Quadro 5- Série do Ensino Médio indicadas pelos estudantes participantes.....	49
Quadro 6- Município das escolas indicadas pelos estudantes.....	49
Quadro 7- Critérios para análise.....	50
Quadro 8- Quadro de análise escolas públicas e privadas.....	51
Quadro 9- Unidades de registro Escolas Públicas: categoria conceitos.....	53
Quadro 10- Unidades de registro escolas privadas: categoria conceitos.....	56
Quadro 11- Unidades de registro escolas públicas: categoria dificuldades.....	59
Quadro 12- Unidades de registro escolas privadas: categoria dificuldades.....	62
Quadro 13- Unidades de registro das escolas públicas: categoria identificação.....	65
Quadro 14- Respostas escolas Públicas “Não sei” e “não”.....	71
Quadro 15- Unidades de registro escolas privadas: categoria identificação.....	72
Quadro 16- Respostas “Não” e “Não sei” dos estudantes das escolas privadas.....	74
Quadro 17- Unidades de registro das escolas públicas: categoria contribuições.....	75
Quadro 18- Unidades de registro das escolas privadas: categoria contribuições.....	79

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AIDS - *Acquired Immunodeficiency Syndrome*

COVID- 2019 *Coronavirus disease 2019*

RS - Representações Sociais

TRS - Teoria das Representações Sociais

## 1 SUMÁRIO

<b>1.1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 DESIGUALDADE SOCIAL E PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....</b>	<b>16</b>
2.1 Escalando o time: Caminhos da Desigualdade Social.....	16
2.2 Conhecendo o gramado: Desigualdade Social x Educação Física.....	17
2.3 Iniciando a partida: prática pedagógica em Educação Física.....	24
<b>3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: APROXIMANDO DA PRÁTICA.....</b>	<b>31</b>
3.1 A Teoria das Representações sociais: descobrindo os caminhos.....	31
3.2 Jogando com Jodelet: TRS e a perspectiva sociogenética.....	34
3.3 Representações sociais e práticas sociais em educação física escolar: conferindo a escalação.....	38
<b>4 METODOLOGIA: entrando em campo .....</b>	<b>43</b>
<b>5. EDUCAÇÃO FÍSICA E DESIGUALDADE SOCIAL: com o “apito” estudantes.....</b>	<b>48</b>
5.1 Os árbitros da partida.....	48
5.2 Analisando a “ficha técnica”: resultado dos questionários.....	50
5.3 O apito final: discutindo os resultados .....	52
<i>5.3.1 Conceitos relacionados a desigualdade social.....</i>	<i>53</i>
<i>5.3.2 Dificuldades relacionadas a relação Educação Física escolar - Desigualdade Social.....</i>	<i>58</i>
<i>5.3.3 Possíveis potencializadores das desigualdades sociais em contexto da Educação Física escolar.....</i>	<i>64</i>
<i>5.3.4 Contribuições da prática pedagógica da Educação Física na superação das desigualdades sociais.....</i>	<i>75</i>
<b>CUMPRIMENTO FINAL.....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE A Quadros da Revisão da literatura (Estado do conhecimento).....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE B: Quadros de Análise dos dados com base em Bardin (2011).....</b>	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A desigualdade revela em sua etimologia da palavra a oposição ao que se diz ser igual. O acréscimo do prefixo ‘des’ à palavra igualdade, que vem do latim *aequalitas* (aquilo que é igual), permite acentuar o olhar para as curvas desenhadas ao longo do desenvolvimento humano. No entanto, em se tratando de desigualdade social, essas curvas começam a apresentar questões que refletem da natureza humana às suas convicções.

Sendo a Educação Física escolar o ponto inicial da nossa curva da desigualdade social em questão, torna-se imprescindível contextualizar as convicções humanas produzidas ao longo dos anos sobre essa área do conhecimento, no que diz respeito a moral, política, cultura, educação.

A Educação Física, enquanto expressão, foi criada por volta do século XVIII e buscava evidenciar sua contribuição “[...] na formação, na construção corporal e moral dos indivíduos do período” (QUEIROZ, 2012, p. 1). A sua criação foi fortemente impulsionada pelas instituições médicas e militares que, na época, direcionavam suas práticas ao fornecimento de projetos voltados a assepsia social em busca de corpos fortes e vigorosos.

Posterior a esse período, em 1871 na Europa, foram criados os Sistemas Nacionais de Ensino, sobretudo ligados ao sistema de ensino alemão (HEROLD JUNIOR, 2005), e a eles incorporados a ginástica, primeiro nome dado à Educação Física. Com um caráter de obrigatoriedade, a ginástica possuía papéis ideológicos bem definidos para homens e mulheres, além de, segundo Vago (1995), sempre estar vinculada a preparação do Homem para o campo do trabalho e para o perfil da escola.

No Brasil, a Educação Física chega por volta do século XIX, por meio dos militares franceses. Nessa época, a Educação Física era conduzida por instrutores militares que apresentavam hábitos higiênicos a população, devido ao contexto de adaptação aos padrões mundiais, sofridos por causa da revolução industrial vinda da Europa. Segundo Queiroz (2012, p.1):

Neste momento histórico era papel da educação física preparar o corpo das crianças, futuros adultos para aderirem como mão de obra qualificada no mundo do trabalho. Educar o corpo para a produção significava promover saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis e higiênicos) e essa virilidade foi também ressignificada numa perspectiva nacionalista e patriótica.

Já na década de setenta e oitenta do século XX, o esporte ganha espaço na Educação Física e, conseqüentemente a mecanização de movimentos motores. Passando a cumprir um papel de controle social, onde era imposto a obediência às regras estabelecidas.

Tal cenário, refletia na Educação Física durante a ditadura militar, onde, os governantes preocupados com a resistência que os estudantes estavam fazendo ao regime militar, “[...] além de reprimi-los pela força, utilizaram-se do esporte como uma forma de desmobilização e alienação” (BATISTA; GONÇALVES JUNIOR, 2010, p.4).

Somente com o ressignificado do pensamento pedagógico da década de oitenta, após ditadura, é que a Educação Física se depara com a obrigatoriedade de realizar um resgate social, negado ao longo de sua história. Resgate esse, que possibilita a inclusão da psicomotricidade nas tarefas escolares, desencadeando aulas com propósitos teóricos e metodológicos.

Em seguida, uma outra corrente da Educação Física passa a ser incorporada a escola e, com ela, a esperança de superação sobre as diversas formas de desigualdades sociais produzidas e alimentadas ao longo dos anos, que envolveram a área. Trata-se da perspectiva da Cultura Corporal do Movimento, criada na década de oitenta. Essa perspectiva, segundo Bracht (2003), contempla uma pedagogia crítica, criativa e emancipatória, além de enxergar os corpos como um meio de cultura.

Atualmente, mesmo com tantas divergências, a Educação Física busca o desenvolvimento integral do ser humano, sob dimensões sociológicas, pedagógicas e filosóficas. Por isso, as relações entre Educação Física e sociedade passaram a ser discutidas sob teorias críticas da educação, questionando-se sobre o seu papel e sua dimensão política e social.

Pode-se perceber que a Educação Física vem desenhando sua curva de desigualdade social desde a sua origem até a atualidade. Sob a compreensão de que desigualdade social já possui sua origem na própria espécie humana e que pode ser entendida pelos seus aspectos naturais ou físico, morais ou políticos (ROUSSEAU, 1754).

Dando ênfase à essas maneiras de olhar a Educação Física foi que o presente estudo teve sua origem. Problematizando, enquanto professora de Educação Física, aquilo que vai além da minha capacidade de intervenção, colocando em questão o sentido da prática pedagógica em Educação Física e tudo aquilo que a envolve (educador, educando, práxis, conhecimento, relações). Sob o olhar atento de quem gostaria de (res)significar os valores atribuídos à Educação Física no ambiente escolar, questionei-me: Por que Educação Física? Para quê? Como? Aonde? Quando?

Persiti na tentativa de tentar compreender, por exemplo, o por quê o futebol é tão enaltecido por uma nação, homens e mulheres e, na escola, ele é alvo de exclusão na hora da prática. Ou, talvez, entender por que a dança é praticada fora da escola em diversos ambientes, por milhares de pessoas, em grandes eventos, academias e, na escola, é visto como uma prática

que deve ser voltada a um só gênero ou, onde só os mais habilidosos podem praticar. Ou, talvez, entender por que ainda existem estudantes que verbalizam sobre a menor importância da disciplina Educação Física se, ao mesmo tempo, são esses estudantes apaixonados pelos esportes e artes marciais. Falo dessas questões não como quem aponta algum dado científico, mas como quem sente na pele, observa na prática, e busca por um fazer pedagógico diferente.

Tais comportamentos observados, a partir da minha experiência, despertou reflexões sobre a possibilidade da reprodução desses comportamentos estarem orientados pelo pensamento social compartilhado sobre a desigualdade social em contexto da Educação Física. Trazendo, portanto, a importância de fundamentar este estudo no campo das representações sociais, tendo como lente a Teoria das Representações Sociais (TRS).

Neste sentido, preenchida por essas inquietações que dão ânimo e vida a esse estudo, é que foi possível delimitar o objeto da pesquisa, que consiste na prática pedagógica da Educação Física escolar e sua relação com a desigualdade social. Só foi possível identificar tal objeto a partir do esclarecimento sobre a importância do mesmo. Segundo Sá (1998) o objeto de pesquisa contribui para a escolha teórica-conceitual do estudo, como também, para a “[...] viabilidade metodológica e a disponibilidade ou desenvolvimento de técnicas adequadas [...]” (SÁ, 1998, p.15).

Para tal escolha, foi necessário ter clareza sobre a diferença entre objeto de pesquisa e fenômeno de pesquisa, considerando que esse é um estudo que busca olhar o objeto sob a perspectiva da representação social. É possível a existência de vários fenômenos, que são construídos e espalhados no processo de sociabilização e criação humana, se firmando naquilo que foi intitulado de universos conceituais por Serge Moscovici, como elucida Celso de Sá (1998). Ainda segundo o autor, esses fenômenos de representação social se tornam ainda mais complexos se comparados ao objeto de pesquisa, cabendo ao pesquisador simplificar esse objeto para poder entendê-lo.

Por isso, Sá (1998) diz que o processo de construção e delimitação desse objeto é uma simplificação, para torná-lo mais compreensível à teoria das representações sociais. Neste sentido, podemos afirmar que o objeto desta pesquisa, de fato, é a prática pedagógica da Educação Física escolar e sua relação com a desigualdade social e, o fenômeno da representação social é a desigualdade social em contexto da Educação Física escolar.

A delimitação do objeto e fenômeno, de modo geral, permitiram que o estudo se configure como relevante para o aprofundamento, busca e compreensão das representações sociais, em contexto da Educação Física escolar, constituídas nas práticas pedagógicas e nas relações. Sendo essas relações entre professores-estudantes, conteúdos-prática pedagógica,

ensino-aprendizagem.

Representação social é entendida como uma forma de saber, que permite “[...] aos indivíduos compreender e explicar a realidade, construindo novos conhecimentos” (ALMEIDA, 2001, p.3). Resgatamos conceitos sob a perspectiva de Jodelet (2001, p.1) que enxerga a representação social como uma “[...] maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la”. Sendo, aqui, esses movimentos de interpretar, estatuir e defender voltados a relação Educação Física-desigualdade social, no contexto escolar.

Vale ressaltar que, neste estudo, a desigualdade social será contextualizada dentro da diversidade da produção de conhecimento. Uma vez que, compreende-se que a relação desigualdade social-Educação Física, no contexto escolar, vem semeando frutos ao longo da história que perpassam desde a desigualdade econômica à desigualdade de gênero. Sendo, portanto, o presente estudo, uma oportunidade de compreender melhor essa relação e, talvez, conhecer a/as desigualdade/es que aparece com mais visibilidade, a ponto de ser/em representada/as pelos estudantes, no ambiente escolar. Para, quem sabe, nesse movimento dialético de conhecer, objetivar e discutir sobre o objeto, possamos superar essa/as forma/as de desigualdade/es.

Neste sentido, buscamos responder: como os estudantes do Ensino Médio enxergam as relações entre desigualdade social e prática pedagógica em Educação Física?

Portanto, a investigação tem como objetivo compreender a relação desigualdade social-prática pedagógica da Educação Física escolar, por meio das representações sociais de desigualdade social compartilhadas por estudantes do Ensino Médio de Pernambuco. Delimitou-se enquanto objetivos específicos: a) Identificar as representações sociais de desigualdade social compartilhadas por estudantes do Ensino Médio. b) Aprender os elementos dessas representações sociais amparados às relações entre a desigualdade social-prática pedagógica da Educação Física escolar.

Escolher enquanto sujeito da pesquisa os estudantes do Ensino Médio, é uma forma de reconhecer que ao pesquisar sobre prática pedagógica e formação de professores, estamos falando de todos os envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem. Não vai ser somente olhando para os pensamentos e reflexões do professor, que as transformações da prática pedagógica irão acontecer.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo

os da classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 2015, p.31).

Consideramos este estudo uma possibilidade de estabelecer, também, essa relação de saberes, aprendizagem e representações sociais, na construção de uma formação profissional mais qualificada e de uma prática pedagógica mais consciente.

Enquanto lógica atribuída à organização deste trabalho, a introdução aborda as primeiras indagações referentes ao contexto, ao objeto do estudo, ao problema e objetivos. Na sequência o Capítulo II: Desigualdade social e prática pedagógica da Educação Física escolar, traz reflexões em torno da desigualdade social de maneira mais ampla até a especificidade em contexto da Educação Física e Educação Física escolar. Em seguida, o Capítulo III: Representações Sociais: aproximando da prática, aborda estudos e discussões sobre a Teoria das Representações Sociais, entra na especificidade da Representações Sociais segundo Denise Jodelet, como também, traz trabalhos em contexto da Educação Física que tomam como referência essa Teoria. Na continuidade, o Capítulo IV apresenta a Metodologia com os caminhos percorridos para responder ao problema elaborado. Dando sequência, o Capítulo V: Educação Física e Desigualdade Social: com o “apito” os estudantes, contempla os elementos das representações sociais amparados às relações entre a desigualdade social-prática pedagógica da Educação Física escolar, compartilhadas por estudantes do Ensino Médio. Por fim, são tecidas as considerações finais sobre os resultados alcançados durante a pesquisa.

## 2 DESIGUALDADE SOCIAL E PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

### 2.1 ESCALANDO O TIME: Caminhos da Desigualdade Social

Ao iniciar o percurso sobre os caminhos da desigualdade social, de antemão, nos deparamos com o pensamento de Jean Jacques Rousseau<sup>1</sup> de 1754 no livro *A origem da desigualdade*. Pensamento esse, que nos convida a perceber a desigualdade enquanto fenômeno que estabelece relações entre homem-natureza, homem-sociedades.

Neste contexto, Rousseau (1754, p.38) concebe

[...] na espécie humana duas espécies de desigualdade: uma, que chamo de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma; a outra que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e que é estabelecida, ou pelo menos, autorizada pelo consentimento do homem. Consiste essa nos diferentes privilégios de que gozam alguns com prejuízo dos outros, como ser mais rico, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por eles.

Colocando em evidências essas duas maneiras de enxergar a desigualdade, o autor problematiza em seu discurso o constante impacto sofrido pelo contato das pessoas com as leis, com as relações de poder, com a avidez, opressão, orgulho e tudo aquilo que transpõe ao estado do que se diz ser natureza humana. Sob esse aspecto, Rousseau (1754) resgata características do humano em seus primeiros meios de sobrevivência e aponta, a mudança de comportamento desse humano que precisa caçar, se defender e criar seus filhos, para o Homem civil.

Tal mudança, salientam desigualdades que, para o autor, desperta

[...] a extrema desigualdade na maneira de viver, o excesso de ociosidade de uns, o excesso de trabalhos de outros, a facilidade de irritar e satisfazer a nossa sensualidade, os alimentos muito requintados dos ricos, que os nutrem com sucos excitantes e os aflige com indigestões, a má nutrição dos pobres que chega muitas vezes a faltar-lhes [...] (ROUSSEAU, 1754, p. 49).

Neste contexto, Rousseau (1754) começa a transitar das reflexões iniciais considerando o homem físico, para o que diz respeito ao homem e seu lado metafísico e moral.

Sobre isso, pôde-se perceber que o homem foi se distanciando de sua natureza, construindo meios que trouxeram consigo a existência de desigualdades observadas em um determinado grupo. Ou seja, o afastamento do humano de sua essência foi ocasionando o que, hoje, compreende-se por desigualdade social.

---

<sup>1</sup> Jean Rousseau, ao pensar as desigualdades, também, problematizou o corpo sobre o que tange aos cuidados corporais. Trazendo à tona uma “proposta pedagógica que levou em conta a educação do corpo buscando a autonomia, a liberdade e a formação do “homem integral”, isto é, integrado de corpo e mente” (GOELLNER, 1997, p.1).

Um desses meios, que denunciam tais aspectos de desigualdade social, é o dinheiro. Onde, fazendo parte de um sistema socioeconômico, sobretudo, contribui para o desenvolvimento de mecanismos econômicos e sociais que produzem desigualdades e injustiças sociais, como elucida Thomaz Piketty (2015). Com efeito, o autor esclarece que tais produções de desigualdades sociais decorrem da lógica do sistema capitalista, que pretende “[...] alargar incessantemente a desigualdade entre duas classes sociais opostas [...]” (PIKETTY, 2015, p.31). Além disso, Thomaz Piketty (2015) chama atenção para as relações de desigualdade social entre o trabalho e o capital. Deixando evidente que a organização desse sistema capitalista “[...] consiste apenas em juntar quantidades fixas de capital e trabalho e colocar os  $n$  trabalhadores numa máquina [...]” (PIKETTY, 2015, p.57).

Contextualizando os olhares sobre as desigualdades sociais discutidas por Rousseau (1754) e Piketty (2015) com a educação escolar, pode-se compreender que tais desigualdades não se abstêm a um só fator, seja ele de natureza humana ou de construção social.

Neste sentido, os debates sobre a importância da educação escolar para o desenvolvimento econômico e a redução das desigualdades sociais passou a acontecer no Brasil de maneira mais intensa. Refletindo na elaboração de leis que destacam, segundo Alves (*et al*, 2016, p.51), “[...] dois conceitos-chave relacionados a esses objetivos: a qualidade e a equidade da educação.”

Ainda sobre isso, os autores comprovam que

Na Constituição Federal, esses objetivos estão implícitos na noção do direito à educação universalista (CURY, 2008). No artigo 6º da Constituição, a educação é o primeiro dos direitos sociais e o artigo 205 explicita que a educação visa dotar cada cidadão dos aprendizados necessários para “o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988) (ALVES *et al*, 2016, p.51).

Esses fatores não só evidenciam questões da legalidade, voltadas ao sentido da superação dessas desigualdades, como também, compreendem em suas entrelinhas indícios de uma desigualdade direcionada ao rendimento (aprovação, reprovação e abandono) e desenvolvimento escolar.

No entanto, não basta só ter clareza de que é preciso haver um movimento de superação dessas desigualdades, torna-se necessário o esclarecimento sobre a noção de equidade em educação. Sobre isso, Alves *et al* (2016, p.51), afirmam que “[...] a equidade está associada ao tratamento desigual de desiguais, ação necessária tendo em vista a desigualdade inicial entre os estudantes.”

Para tanto, seria imprescindível a atuação de uma política social equitativa, sendo essa

[...] aquela em que ações são tomadas para o controle das desigualdades de gênero, de raça/cor e de nível socioeconômico dos alunos, por exemplo. Essas

políticas podem ser planejadas para combater as desigualdades de acesso à escola, de progressão no sistema educacional ou de resultados escolares (desempenho, aprovação, conclusão de uma etapa, diploma etc.) (ALVES et al, 2016, p.51).

Em contrapartida, não só os efeitos sociais devem ser avaliados na educação básica como indicadores de desigualdades sociais. Mas sim, as relações entre os grupos sociais, que permite esclarecer as desigualdades e suas esferas. Para isso, é preciso comparar e estudar os grupos segundo seu sexo, raça/cor, região do país, local de moradia, nível socioeconômico ou outra característica de interesse, como elucida Alves *et al* (2015).

Essas questões observadas sobre os caminhos percorridos pela desigualdade social reafirmam, também, a correlação entre desigualdade social e desigualdade escolar. Onde, tendo enquanto princípio a igualdade de base, busca

[...] confrontar desafios e contradições presentes nas sociedades democráticas contemporâneas tais como: essas sociedades vivem a contradição de valorizar liberdade e igualdade e ao mesmo tempo produzir permanentemente desigualdade; a meritocracia, nesse tipo de sociedade, é responsável por articular a representação de igualdade e a hierarquia de posições sociais, de modo a evitar o retorno à noção de castas; a desigualdade escolar afeta a trajetória escolar das crianças e sua dignidade; a desigualdade escolar impacta a configuração futura da desigualdade social devido à relação entre trajetórias escolares, desigualdade social e desigualdade escolar; a educação básica é direito obrigatório subjetivo, portanto, se há correlação entre desigualdade social e desigualdade escolar não é justo que, na educação básica de direito obrigatório, a distribuição do bem social “educação escolar” seja pautada por princípios de justiça meritocrática (RIBEIRO, 2016, p.173).

Diante disso, pôde-se observar que a desigualdade social é um fenômeno que pode ser estudado e compreendido sob diversas lentes. Neste sentido, no tópico a seguir serão abordadas questões sobre a relação desigualdade social-Educação Física, extraída da busca realizada durante a fase exploratória da pesquisa. Articulando temas no campo da Educação, Educação Física, atividade física, ciência do esporte, saúde integral, prática pedagógica e representações sociais. Boa parte, destinadas a profissionais que intervêm ou estudam/investigam campos disciplinares relacionados a essas temáticas, promovendo articulações inter, trans e multidisciplinar.

## **2.2. Conhecendo o gramado: Desigualdade Social x Educação Física**

Discutir sobre Educação Física e desigualdade social, subentende-se o reconhecimento do impacto social da Educação Física, enquanto construto humano. Englobando desde o atleta de alto rendimento ao jogo de barrinha na comunidade, nas tardes de um sábado de sol. Para tanto, buscando avançar nesse universo torna-se indispensável relacionar a história e a trajetória

que a Educação Física vem desenhando ao longo dos anos e, mais especificamente, em contexto brasileiro, com os reflexos da desigualdade social.

De maneira mais formal, a Educação Física veio fazer parte da legislação brasileira em 1851, por meio da Lei nº 630 de 17 de setembro que ficou conhecida como reforma Couto Ferraz, onde incluía a ginástica nas escolas primárias do município da Corte, localizado no Rio de Janeiro. Tal reforma, segundo Pereira e Gomes (2018), causou grande adversidade por parte dos pais dos estudantes, por verem os filhos envolvidos em atividades que não denunciavam certo caráter intelectual. Ainda segundo os autores, a tolerância com os estudantes do sexo masculino era um pouco menor, já que a ideia de ginástica se associava as instituições militares. No sexo feminino, não acontecia da mesma forma, houve pais que proibiram a participação de suas filhas. Em reflexo disso, em 1870 houve uma reforma educacional que tornava a ginástica algo obrigatório nas escolas públicas de instituições primárias de sexo masculino. Salientando ainda mais a desigualdade do trato da prática corporal entre estudantes homens e mulheres.

A Educação Física passou pela Reforma Leôncio de Carvalho, sendo incluída no ensino primário do estado de Pernambuco, Ceará, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Distrito Federal. No início do século XX sofreu influência do movimento escola-novista, sendo uma disciplina baseada nos métodos de ginástica. Na década de trinta a Educação Física, segundo Pereira e Gomes (2018, p.3) “[...] passou a ter o objetivo de melhorar a capacidade produtiva de trabalho visto o processo de urbanização e industrialização pelo qual o país passava”. Em seguida, com a promulgação da constituição de 1937, a Educação Física foi incluída junto ao ensino cívico, ao trabalho manual, na educação brasileira como um todo.

Tal decisão de delimitar a Educação Física como uma disciplina que está relacionada ao trabalho manual e a manutenção da ordem no ensino cívico, causou impactos nas maneiras de enxergar e discriminar essa disciplina até a atualidade. Os olhares para a Educação Física como uma disciplina que tem, por obrigação, apenas manter um corpo saudável para o mercado de trabalho foi tirando dela a legitimidade de ser incluída em meio as demais disciplinas que, socialmente são vistas como disciplinas que contribuem para a formação do ser humano, intelectualmente e emocionalmente.

Além disso, esses acontecimentos, ao longo da história, foram criando lacunas que transitam sob o contexto da desigualdade social. Seja ela relacionada ao corpo que pratica exercício, ao gênero que é discriminado no mundo do esporte - pelo simples fato de ser-, seja pelo acesso a essas práticas corporais, ou a falta dele, seja, até mesmo, pela maneira que essas práticas são consideradas no ambiente escolar, se comparadas as demais práticas pedagógicas.

Tais lacunas foram gerando desconfortos no contexto educacional, intitulados em outros

estudos como incompreensão do que seja a Educação Física na escola. Desencadeando, segundo Santini e Molina Neto (2005, p. 209) “[...] um profissional do ensino que remete a figura do professor cansado, desiludido com a profissão, sem vontade de ensinar, implicando, assim, baixo nível na qualidade de ensino”.

Os autores ainda avançam, no sentido de afirmarem que não é só a incompreensão do que seria a Educação Física escolar que a coloca diante da periferia da escola, mas também, a ausência e a pouca qualidade de espaço físico e instalações para as aulas, que podem ser compreendidas sob dois aspectos “[...] a não valorização social desta disciplina e o descaso das autoridades para com a educação destinada às camadas populares” (DUTRA; BENETES, 2018, p.2).

Sobre isso, Trussi (2020) diz que esses aspectos refletem no comportamento e que esses comportamentos acabam sendo aprendidos e compartilhados em nosso meio social, seja ele familiar, entre amigos, na escola, etc. Assim foi acontecendo na Educação Física. O autor afirma que as mulheres começaram a ser excluídas das práticas esportivas, estigmatizadas, por serem consideradas frágeis, por não conseguirem os mesmos resultados que os homens. No ambiente escolar, eram até consideradas um ‘estorvo’ pelos meninos do Ensino Médio, sendo que [...] “as discriminam e as excluem do jogo porque as julgam inferiores aos homens” (TRUSSI, 2020, p.3, tradução nossa).

Dando continuidade às discussões, Trussi (2020) cita alguns exemplos de estudos que tratam sobre a temática, como o estudo de Scharagrodsky (2004) que observou durante as aulas mistas de Educação Física uma certa masculinidade e feminilidade que são construídas e transformadas em produção de relação de poder, marcado pela desigualdade e assimetrias, resultando em atitudes sexistas e estereotipadas. Outro estudo citado pelo autor, é o de Blández, Fernández e Sierra (2007) que aprofunda o olhar sobre os estereótipos em torno da Educação Física e os sujeitos que a praticam, compreendendo que na Educação Física escolar isso acontece, também, por ainda haverem esportes considerados mais ou menos adequados para as mulheres. Estando os homens mais envolvidos com as atividades de força e as meninas com as atividades que envolvem ritmo e expressão.

Neste contexto, pode-se observar construções sobre a personalidade do que seria masculino e feminino, em contexto das práticas corporais voltadas a Educação Física. Surgindo assim apontamentos sobre o corpo que é mais ou menos habilidoso, mais ou menos gordo, mais ou menos forte e dentre outros fatores que compõe uma desigualdade, marcada pela segregação daquilo que é masculino ou feminino.

Lins (2018) afirma que falar sobre essas questões de gênero acaba sendo uma tarefa

árdua, pois é algo que vem sendo discutido e debatido nos mais diversos campos de comunicação. O autor toma tal posição ao relatar uma experiência vivenciada no estado do Rio de Janeiro nas aulas de Educação Física, onde os estudantes faziam as práticas corporais separados, as meninas dos meninos. Lins (2018) relata que nos últimos anos, tais situações, veem provocando a modificação de conceitos, e incentivando as reflexões sobre essas questões de gênero nas aulas de Educação Física, estimulando a evolução de um pensamento mais crítico sobre o tema.

Contudo, sabe-se que há um percurso longo de desconstrução pela frente. Principalmente, quando temos a clareza de que existe toda uma construção social e elementos culturais atrelados às questões da desigualdade social que amplia o problema as camadas políticas, econômicas, midiáticas. No caso das aulas de Educação Física e da desigualdade voltada as questões de gênero, temos práticas sociais e fenômenos culturais que se somam a cultura dessa discriminação, como por exemplo, o caso do futebol.

Isso porque o futebol é uma prática corporal que, majoritariamente, foi intitulada como masculina. Em termos de Brasil, é uma prática que dentro da Educação Física escolar é escolhida pela forte influência de uma cultura de massa, além de sofrer com os impactos causados por uma mídia que invade o ambiente escolar, atrelada a uma indústria do consumo, do marketing, da comunicação.

Por outro lado, pode-se entender isso como uma desigualdade construída com base nas diferentes formas de linguagens. Arquero (2019) diz que o uso de determinadas formas de linguagens pode causar o encobrimento da mulher e a masculinização do pensamento. Principalmente, se isso for feito de maneira inapropriada e imprecisa “[...] pode envolver exclusão, ocultação, discriminação ou ofensa, às vezes intencionalmente e às vezes não intencionalmente [...]” (ARQUERO, 2019, p.2, tradução nossa).

Arquero (2019) avança nos seus estudos, afirmando que, embora a educação tenha grande contribuição na hierarquização de estruturas, com esse domínio masculino, é necessária uma mudança de comportamento, valores e práticas para reformular e transformar essas questões. Como, por exemplo, o incentivo a pluralidade de imagem, através da própria educação, no sentido de desconstruir aquilo que é habitualmente feminizada ou masculinizada.

Tal pluralidade de imagem vem sendo encontrada nas novas tecnologias aplicadas ao campo educacional, principalmente, se incorporadas à escola como um recurso que permite o enriquecimento pessoal dos sujeitos da aprendizagem. Um estudo publicado em 2019, escrito por Gorka Arruzabala, mostra como o uso consciente das redes sociais podem contribuir positivamente com a Educação Física e suas barreiras sociais. O autor reforça a ideia de que a

rede social, se usada, com criticidade e consciência do seu propósito, pode agregar a disciplina Educação Física e aproximar aquilo que é vivenciado no ambiente escolar, daquilo que é representado nas redes sociais sobre o incentivo as práticas corporais, no sentido da promoção da saúde.

Contudo, torna-se propício cair no campo daquilo que pode se tornar inútil ou útil à Educação Física no ambiente escolar. Correndo o risco de contribuir na manutenção do que a anos tem-se preocupado em transformar, uma Educação Física escolar para alguns. Nesse caso, para alguns que possuem acesso as redes sociais e que com elas conseguem boa comunicação e desenvoltura para atrair mais e mais público.

Se voltarmos o olhar para a prática pedagógica, considerando esses fatores, podemos reconhecer elementos de uma crise social que, também, se instala na escola, “[...] crise essa que se manifesta, muitas vezes, na forma de preconceitos e discriminação aos setores mais explorados da sociedade, que se configuram como opressões [...]” (DIAS *et al*, 2019, p.90). Ainda segundo os autores, na escola os sujeitos da aprendizagem convivem com as padronizações, silenciamentos e opressões ocasionando certa homogeneidade forçada, devido a uma não aceitação social de um coletivo. “[...] Dessa maneira, fica cada vez mais difícil compreender como as diferenças são utilizadas para a manutenção das desigualdades” (DIAS *et al*, 2019, p.91).

Dias (2019) ressalta que, deste modo, torna-se imprescindível a atuação da educação e da Educação Física diante desses fatos. Pois, se tratando de problemas emergentes da estruturação social desse sistema capitalista, não se pode permitir que adentrem no ambiente escolar e se naturalizem. Por isso, o autor traz questões para serem discutidas criticamente nesse sentido, como exemplo, as questões raciais e seus reflexos no mundo do trabalho e as opressões sofridas pela mulher e suas mais variadas formas de violência.

Mesmo sabendo da necessidade de superação dessas desigualdades Dias (*et al*, 2019, p.93) realçam que é um desafio para a educação, que depende de

[...] uma série de fatores intrínsecos que limitam a atuação destas atividades no âmbito escolar, como aspectos conservadores, relações políticas e religiosas que se limitam a uma padronização excludente da sociedade. E a escola que é uma microestrutura da sociedade reflete todos esses conflitos existentes na sociedade em seu interior.

O que implica dizer que cabe aos sujeitos da aprendizagem, professor e estudante, juntos, lutarem por esse fim das formas de desigualdades dentro e fora do ambiente escolar. Dentro do ambiente escolar, isso deve acontecer em todos os espaços da escola, mas principalmente, na prática pedagógica, através de estratégias que contribuam para a superação

“[...] de qualquer forma de dominação e exploração do ser social, substituindo práticas e ações permeadas por relações de exclusão e preconceitos por práticas de valorização da realidade de grupos socialmente excluídos” (DIAS *et al.*, 2019, p.94).

Ademais, o autor ainda acrescenta que o contexto da escola pública se torna muito mais favorável a discussão sobre as questões de desigualdades sociais, uma vez que as crianças e adolescentes acabam forjando sua personalidade e caráter, baseado nas formas da sociedade tratar esses fatores.

Entretanto, vale questionar: será que na especificidade da Educação Física, a escola pública ainda se torna esse ambiente privilegiado a esses debates? Será que o discurso sobre as desigualdades sociais nesse ambiente não se aproxima ao da escola privada? Será que a posição social reflete no tipo de desigualdade social que mais aparecem nas práticas pedagógicas em Educação Física?

Antes mesmo de tentar encontrar discussões que respondam essas perguntas, torna-se imprescindível continuar com as buscas e discussões sobre a Educação Física e desigualdade em um contexto mais amplo. E, a partir disso, caminhar ao encontro da especificidade da escola, adentrando nas representações sociais dessas desigualdades sociais em contexto da Educação Física escolar, no sentido de sua compreensão.

Neste caminho, estudos como o de Lima e Magalhães (2019) que discute a questão da mulher no esporte e o começo do Portal ESPNW no Brasil, salientam as rupturas da presença da mulher no mundo do esporte. Os autores destacam que na esfera competitiva as mulheres ainda não recebem os melhores salários, nem possui tanta visibilidade, premiação e patrocínio. Eles apontam que isso acontece pela grande visibilidade que é dada aos homens nesse meio esportivo, dizendo que “[...] as mulheres carregam narrativas históricas da representação hegemonicamente masculina do esporte. Por vezes invisíveis e em outras diminuídas” (LIMA; MADAGALHÃES, 2019, p. 153).

Lima e Madagalhães (2019) trazem alguns exemplos para afirmar tal narrativa. Como por exemplo, o caso dos esportes presentes nos jogos olímpicos de 2016 no Brasil, onde, a canoagem, por ser considerada um esporte complexo e de grande esforço físico, foi disputado apenas pelos homens, em contrapartida a ginástica, esporte estigmatizado como delicado, foi disputado só pelas mulheres. Além disso, os autores ressaltam desigualdades que acontecem dentro das regras de uma mesma modalidade, como é o caso da “[...] ginástica artística, em que as mulheres fazem determinados aparelhos e homens outros. Uma ultrapassada e equivocada separação entre os gêneros” (LIMA; MADAGALHÃES, 2019, p. 164). Isso nos estimula a pensar que tais apontamentos devem servir para rompermos

com algumas barreiras e conseguirmos estabelecer um crescimento na participação das mulheres através das discussões de igualdade de gênero no mundo esportivo, pois foram criadas categorias e abertos novos espaços para as mulheres; o segundo ponto é que mesmo com estas vitórias e o ganho de terreno nos jogos olímpicos, a visibilidade e reconhecimento das mulheres entre espaços de televisão, patrocinadores e premiações continua muito aquém dos homens (LIMA; MADAGALHÃES, 2019, p. 164).

E, por que não, iniciar essa transformação pela escola? Por que não, fazer da aula de Educação Física um espaço de discussão e avanço sobre esses aspectos de desigualdade social e desigualdade de gênero? Já que a escola é um dos espaços de educação que abrange “[...] os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

Dessa maneira, as razões pelas quais a Educação Física escolar apresenta elementos de desigualdades sociais não estão apenas vinculadas a uma só gênese. Embora a maioria dos estudos coletados envolvendo as questões de desigualdade social-Educação Física, até então, tenham apresentado mais fortemente a questão de gênero, não se pode afirmar que essa é a única desigualdade social presente nas práticas pedagógicas em Educação Física. Principalmente, quando recorremos a história e percebemos o estigma do corpo forte e o corpo que é fraco, reforçando o caráter biológico; quando presenciamos a ausência de práticas corporais por falta de estrutura e, até mesmo, de professores; quando vivenciamos a exclusão de pessoas com deficiência pelo simples fato de não pertencer ao padrão de normalidade estabelecido. Quando o corpo é considerado ‘gordinho’ e que, por não fazer parte dos ‘iguais’ é deixado de lado da atividade proposta na aula.

Por isso, olhar para dentro da diversidade de desigualdades sociais na escola, é olhar com várias lupas para a prática pedagógica. Sob a compreensão que é nessa prática que as relações são estabelecidas e alimentadas, é nessa prática que os sujeitos compartilham os processos de ensino e de aprendizagem e, é nessa prática que professor e estudante podem iniciar uma trajetória de transformação social, gerando benefícios para além dos muros da escola.

### **2.3 Iniciando a partida: prática pedagógica em Educação Física**

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, escreveu Antonie de Saint E-xupery (2015, p. 70), no livro *O Pequeno Príncipe*. No livro, a raposa estabelece um diálogo com o pequeno príncipe, a fim de que ele nunca se esqueça que o ato de cativar é eterno e que,

por isso, torna a pessoa que teve o exercício de cativar responsável pelo objeto ou sujeito cativado. Neste sentido, trazendo esta reflexão para o contexto do presente estudo, posso dizer que me sinto responsável pela prática pedagógica em Educação Física, que me cativou.

Enquanto professora de Educação Física venho buscando olhar a prática de forma atenta e sensível por compreender que não se trata apenas de um momento de transmissões de conhecimentos. A prática pedagógica, por mim, sempre foi vista como algo que ultrapassa as paredes da escola, algo que estimula a criatividade, a evolução humana e a transformação dos sujeitos.

Neste contexto, assim como na obra *O Pequeno Príncipe*, que para cativar o príncipezinho a raposa foi sentando cada vez mais perto e conhecendo aos poucos aquele sujeito encantador, fui sentando cada vez mais perto da prática pedagógica em Educação Física e percebendo que por meio dela podemos vencer barreiras sociais, estimular a diminuição das desigualdades sociais que perpassaram gerações e que ainda se fazem presentes. Para tanto, é preciso viver a prática, questionar a prática e buscar compreendê-la, no sentido de sua transformação.

Há registros de que a introdução da Educação Física na escola, de uma forma mais pedagógica, tenha ocorrido por volta do século XIX, onde a prática esportiva na Inglaterra passou de uma prática esportiva escolarizada a um conteúdo exclusivo da Educação Física no ambiente escolar.

Trazendo para uma realidade brasileira, tal feito, estimulou um processo de esportivização da Educação Física escolar, marcando as décadas de 1960 e 1980. Isso só ocorreu porque enxergaram no esporte um caráter educativo muito forte, onde promovia uma aceleração cultural e levava para as práticas pedagógicas atividades que eram consideradas passatempo, divertimento, brincadeiras e jogos, recebendo o nome de desporto (BENVEGNÚ JUNIOR, 2011).

Contudo, não só o esporte passou a fazer parte do ambiente escolar, como também, com o passar dos anos houve a introdução de outras perspectivas da Educação Física que permitiram ampliar as formas de pensar-fazer a Educação Física, refletindo assim na dinâmica curricular das escolas e, conseqüentemente na prática pedagógica.

Uma dessas formas de pensar-fazer a Educação Física no ambiente escolar tem como objetivo estudar o desenvolvimento das aptidões físicas do homem, enfatizando os fundamentos biológicos para educar o homem forte, ágil e apto. Dessa forma, tal perspectiva da aptidão física “[...] apóia-se na pedagogia tradicional influenciada pela tendência biologicista para adestrá-lo. Essas concepções e fundamentos informam um dado tratamento do conhecimento.” (COLETIVO DE AUTORES, 1996, p.24), refletindo nas ações da prática pedagógica que tem

como objetivo estimular o estudante a fazer exercícios que lhe permitam melhorar e atingir o máximo rendimento da sua capacidade física. Além disso, a prática pedagógica embazada por essa perspectiva, incorpora o esporte para suas vivências, pois, esse conteúdo permite o exercício do alto rendimento por meio da prática de modalidades conhecidas como o basquetebol, vôlei, futsal, handebol e entre outras.

A sistematização dos conteúdos, nessa perspectiva, são colocados de forma técnica e tática, considerando os “[...] fundamentos de alguns esportes, como: o passe, o drible, os arremessos etc” (COLETIVO DE AUTORES, 1996, p. 24).

As atribuições dessas opções metodológicas colocam em evidência a proposta pedagógica da escola e a forma como esse ambiente vai disponibilizar os espaços e o tempo pedagógico para a prática. Na época em que essa perspectiva foi introduzida as escolas foram obrigadas a seguir as Leis instituídas no Decreto Federal nº 69.450/71, título IV, cap. I, que delimitava:

Art. 5 - Os padrões de referência para orientação das normas regimentais da adequação curricular dos estabelecimentos, bem como para o alcance efetivo dos objetivos da Educação Física, desportiva e recreativa são situados em: I - Quanto à seqüência e distribuição semanal, três sessões no ensino, primário e no médio e duas sessões no ensino superior, evitando-se concentração de atividades em um só dia ou em dias consecutivos. II - Quanto ao tempo disponível para cada sessão, 50 min. não incluindo o período destinado à preparação dos alunos para as atividades. III - Quanto à composição das turmas, 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física (BRASIL, 1971).

Tais delimitações levaram para a Educação Física escolar um caráter sexista e excludente, colocando em evidência a separação por gênero e a escolha das atividades levando em consideração o critério biológico. Não permitindo assim, que homens e mulheres experimentassem ambas as práticas propostas para que pudessem ter seus próprios critérios de escolha, como também, ampliar os conhecimentos sobre a Educação Física.

Contudo, não existe apenas essa perspectiva no ambiente escolar, existem outras formas de pensar-fazer a Educação Física nesse espaço e que faz opções completamente opostas a tendência da aptidão física. Um exemplo disso, é a perspectiva da cultura corporal que busca

[...] desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 25).

A cultura corporal procura olhar os sujeitos da aprendizagem como sujeitos históricos e

situados, que por meio das relações e das práticas corporais expressar-se no mundo. Por isso que, diferentemente, da perspectiva da aptidão física, a cultura corporal não enxerga o corpo como um reprodutor de movimentos ou um objeto de manutenção estética e competitiva. Pois, compreende que “[...] o homem, simultaneamente ao movimento histórico da construção de sua corporeidade, foi criando outras atividades, outros instrumentos e através do trabalho foi transformando a natureza, construindo a cultura e se construindo” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.26).

Neste sentido, a prática pedagógica em Educação Física passa a ser vista como um pensar-fazer que considera o processo da aprendizagem como centro da prática. Não atribuindo apenas a responsabilidade e objetivos da prática aos sujeitos, mas sim, a todo um conjunto de fatores que dizem respeito ao ser, a sua comunicação com o mundo, ao corpo, a história.

Essas duas perspectivas, expressam formas diferentes de enxergar os sujeitos da aprendizagem, de compreendê-los e de situá-los no mundo. Evidenciando, portanto, que a Educação Física enquanto disciplina passou, e passa, por transformações que expõem representações do Homem sob seus aspectos físicos, sociais, morais e do trabalho.

Com o passar dos anos, esses olhares foram legalmente modificados. Na atualidade, a Lei que legitima a Educação Física escolar é a Lei de nº 10.793 de 1º de dezembro de 2003 que integra a Educação Física a proposta da escola, como sendo um componente curricular obrigatório de toda Educação Básica, sendo apenas facultativa aos estudantes

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior de trinta anos de idade; III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969; V – (VETADO); VI – que tenha prole (BRASIL, 2003).

Com isso, a Educação Física na escola passa de ser algo voltado só para o preparo físico, sendo agora uma disciplina que possui igual importância, se comparadas às outras disciplinas. Fazendo parte do currículo escolar de forma ampla e abrangendo maior participação dos sujeitos, independentemente do gênero ou fatores biológicos.

Entretanto, será que a modificação na legislação garantiu a prática pedagógica em Educação Física legitimidade? Será que as questões de desigualdades sociais expostas na lei anteriormente, após a modificação, foram sanadas na prática?

São esses e outros questionamentos que se tornam motivos para o desenvolvimento de estudos científicos no campo da educação e da Educação Física. Pôde-se observar tal afirmativa, quando ao realizar buscas em bancos de dados de revistas que publicam artigos no campo acadêmico da Educação Física em interface com as ciências sociais e humanas, em seus mais

variados aspectos, pedagógico, socioculturais, históricos e filosóficos, identificamos artigos que tratam da temática desigualdade social em contexto da prática pedagógica em Educação Física, trazendo relatos e conceitos diferentes sobre o mesmo fenômeno.

O estudo de Bolzano *et al* (2019) é um dos exemplos disso. Abordando a temática do futebol como ferramenta de inclusão social, os autores refletem sobre a prática do futebol desenvolvido numa escola particular de Porto Alegre, tendo como objetivo verificar se o futebol é uma ferramenta de inclusão social e escolar. Ao concluir o estudo, os autores perceberam que o futebol não só é uma ferramenta de inclusão social, com também, funciona como um excelente conteúdo que permite uma maior aceitação dos estudantes ao ambiente escolar como um todo. Salientando que, embora o futebol seja uma prática historicamente marcada pela exclusão e estereótipos de desigualdades, pode-se realizar um movimento diferente por meio da prática pedagógica que incentive a participação de todos, estreitando os laços e diminuindo essas desigualdades.

No estudo de José Santos e Wagner Moreira (2021) essa relação de desigualdade presente na prática pedagógica em Educação Física apresenta características que englobam esse olhar atribuído ao futebol, no estudo de Bolzano *et al*. (2019). Os autores, buscando refletir sobre o corpo no cenário da educação escolar, problematizaram a forma que os sujeitos da aprendizagem percebem o seu próprio corpo diante das práticas. Extraíndo essas informações de sujeitos do Ensino Fundamental I e, levando em consideração a perspectiva da corporalidade<sup>2</sup>, os autores observaram que mesmo depois de todo esse processo de evolução humana e, de maneira mais específica, da Educação Física, ainda existem “[...] indícios de processos educativos enraizados numa perspectiva de querer educar os corpos para serem ágeis, fortes, belos, saudáveis e inteligentes, esquecendo da sensibilidade de olhar o ser humano como um sujeito de corpo inteiro” (SANTOS; MOREIRA, 2021, p.18). Evidenciando assim que, por vezes, desigualdades instaladas no ambiente escolar e nas aulas de Educação Física, tem sua origem por meio da maneira como os sujeitos da ação entendem o seu próprio corpo e o corpo do outro.

Além disso, os autores destacam que existe a necessidade de mais estudos que busquem identificar essas questões voltadas a corporeidade. Não só visando compreender a forma que esses sujeitos se auto percebem, mas como isso influencia na prática pedagógica e na educação

---

<sup>2</sup> Corporalidade é o conjunto de práticas corporais do homem, sua expressão criativa, seu reconhecimento consciente e sua possibilidade de comunicação e interação na busca da humanização das relações dos homens entre si e com a natureza. A corporalidade se consubstancia na prática social a partir das relações de linguagem, poder e trabalho, estruturantes da sociedade (OLIVEIRA, 1998).

e representação desse corpo diante do social.

Tais estudos tornam-se importantes, não só para avançar no campo científico em Educação Física, mas para contribuir com a qualidade com que esses sujeitos vivenciam as práticas pedagógicas e compartilham delas. Isso porque entende-se que a prática pedagógica em Educação Física gera conhecimentos que são levados e refletidos na vida dos sujeitos, para além dos muros da escola.

No estudo realizado por Maria Pinheiro e Sebastião Votre (2018) tal prerrogativa fica evidente. Os autores analisaram a relação entre imagem corporal e grau de satisfação e insatisfação com ela, considerando variáveis morfológicas como sexo e índice de massa corporal. Pinheiro e Votre (2018) observaram que os estudantes não compreendiam muito bem o seu corpo, embora a imagem corporal possa ser dividida em duas formas (incluindo características acerca do tamanho, parte do corpo, peso e; percepção do tamanho do corpo e outros fatores). Chamando atenção para a forma como esse conhecimento está sendo compartilhado na prática pedagógica, para como esses jovens estão sendo estimulados a conhecerem o seu corpo e assim representá-los.

Sobre isso, os autores João Paulo Soares, Ludmila Mourão e Igor Monteiro (2017) avançam e ampliam as reflexões. Ao realizar uma leitura crítica sobre o livro Educação Física e Gênero: “desafios educacionais”, escrito por Ileana Wenez , Maria Simone Vione Schwengber , Priscila Gomes Dornelles (2013), os autores apontaram que as imagens e impressões criadas sobre o corpo, levam aos sujeitos propagarem socialmente uma visão de masculinidade e feminidade que, por vezes, ficam enraizadas no meio das práticas corporais. Trazendo que investigar tais aspectos se torna um desafio. Os autores ainda ressaltam que na Obra os elementos que contribuiriam para esclarecer melhor essas questões, transitam sobre o campo das “[...] regulações socioculturais das subjetividades a partir dos agenciamentos discursivos que constroem materialidades de raça/etnia, classe, gênero, sexualidade, entre outros marcadores indenitários” (SOARES; MOURÃO; MONTEIRO, 2017, p. 241). Fica evidente que da prática pedagógica em Educação Física emergem questões necessárias de serem discutidas, compartilhadas e transformada entre os sujeitos da aprendizagem. Ouvindo e observando os estudantes, professores, coordenadores, diretores e os demais colaboradores, no sentido de identificar as aproximações e distanciamentos dos “[...] binarismos de gênero, amplamente, difundidos na sociedade, a partir da associação linear dos conteúdos trabalhados a determinado gênero, em um processo de essência dos sujeitos” (SOARES; MOURÃO; MONTEIRO, 2017, p. 241).

Todos esses estudos trazem em sua estrutura aspectos que dizem respeito as

desigualdades sociais, destacando elementos que nos aproximam da diversidade que transita essa temática, em contexto da prática pedagógica em Educação Física. Neste sentido, olhando para a realidade do presente estudo, essa diversidade torna-se algo que amplia as possibilidades de compreender essas desigualdades sociais dentro desse cenário.

É por isso que, talvez, um dos propósitos mais complexos de ser alcançado nesse estudo, seja o de identificar as representações sociais vinculadas a relação desigualdade social-prática pedagógica em Educação Física, compartilhadas por estudantes do Ensino Médio. Não só, por se tratar de sujeitos completamente diferentes, com histórias, ética e moral diferentes, mas por compreender que alguém ao representar socialmente algo, pode colocar esse objeto nos mais diversos campos de representação. Recaindo assim, em um universo complexo e plural que vai exigir um olhar atento e sensível para o que vier aparecer com maior ênfase.

Neste sentido, antes mesmo de fazer esse exercício de aproximação e compreensão do objeto, sob o olhar das representações sociais, se faz necessário esclarecer o que se entende por representações sociais, buscando estreitar as relações entre o objeto e a teoria que embasa a pesquisa.

### 3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: APROXIMANDO DA PRÁTICA

#### 3.1 A Teoria das Representações sociais: descobrindo os caminhos

Discutir sobre a Teoria das Representações Sociais (TRS), requer do sujeito que se encoraja para a discussão, um olhar mais atento sobre o que diz respeito a três elementos que situam a TRS na temporalidade, sendo esses: a história, a sociedade e a ação humana.

A TRS, segundo Jodelet (2014) tem suas fecundidades múltiplas por possuir diversos olhares e contribuições baseadas nas obras de Serge Moscovici<sup>3</sup> (1961; 1966; 1972; 1976; 1997; 2003; 2009), principalmente, no campo da psicologia social, nas teorias do conhecimento e na aplicação das teorias em estudos de problemas sociais concretos. Contudo, a TRS chama atenção para seu surgimento e reflexos na historicidade enquanto uma invenção humana.

Ainda segundo Jodelet (2014), a TRS foi uma invenção que originou-se, inicialmente, como alternativa às correntes convencionais da psicologia social<sup>4</sup>. Essas correntes que, à época, despertavam discussões sobre toda e qualquer ação

seja a reflexa (no limiar entre a psicologia e a fisiologia), sejam os comportamentos considerados conscientes que envolvem experiências, conhecimentos, pensamentos e ações intencionais, e, num plano não observável diretamente, o inconsciente (LANE, 2006, p.7).

Neste contexto, as correntes da psicologia social elencavam discussões sobre as maneiras de se comportar e sobre quando esse comportamento se tornava, de fato, social, ou, se até mesmo, seria possível existir comportamentos não sociais nos seres humanos.

Dentro desse cenário de discussões e esclarecimentos sobre as formas de comportamento do homem em sociedade, Moscovici observava esses fenômenos do comportamento e já refletia sobre as representações coletivas que, segundo Jodelet (2014) se tratavam das representações vindas do senso comum.

Essas representações não se esgotavam nas formas do ser humano representar determinado objeto. Quando Moscovici percebe que os sujeitos de um determinado grupo,

---

<sup>3</sup> La psychanalyse: son image et son public (1961); L'histoire des sciences et la science des historiens. Archives Européennes Sociologiques (1966); Society and theory in social psychology (1972); La psychanalyse: son image et son public. Paris: PUF, (1976); Chronique des années égarées: récit autobiographique. Paris: Stock, (1997); Representações sociais: investigações em psicologia social (2003); Representações sociais: investigações em psicologia social (2009).

<sup>4</sup> Em outras palavras, a Psicologia Social estuda a relação essencial entre o indivíduo e a sociedade, esta entendida historicamente, desde como seus membros se organizam para garantir sua sobrevivência até seus costumes, valores e instituições necessários para a continuidade da sociedade. (LANE, 2006, p.10)

representam de igual maneira tal objeto, vai chamar isso de conhecimento do senso comum. O que torna, segundo Jodelet (2014), a Teoria das Representações Sociais muito mais do que uma teoria, trazendo consigo um novo olhar para a psicologia social do conhecimento, aproximando a sociologia do conhecimento, a antropologia e a psicologia social.

Para tanto, a TRS vem assumindo conceitos que fazem parte da natureza cognitiva e social. Sobre isso, Jodelet (2014) recorre a estudos anteriores que relacionam o saber do senso comum e o saber científico, para esclarecer como esse movimento de descobertas influenciaram nas formas de perceber a TRS. A autora traz o exemplo do estudo realizado sobre a mudança de uma fábrica artesanal de chapéus para a mecanizada. Jodelet evidencia que esse estudo buscava investigar muito além de uma mudança no processo de produção. Tratava-se de um estudo que investigava os impactos dessa mudança dentro de um determinado grupo, como também, as impressões e comportamentos produzidos por esse determinado grupo, a partir da mudança nesse processo de produção.

Essa exemplificação favorece o entendimento sobre as descobertas realizadas no campo de estudo em TRS. Fica claro que recorrer às representações sociais de um determinado grupo para compreender dado objeto, não necessita apenas delimitar o contexto de investigação. É preciso interessar-se sobre a relação do homem com o mundo social e natural.

Jodelet (2014) afirma que a base para a formulação geral de um modelo de estudo em representações sociais é: a organização de seus conteúdos e sua análise dimensional; sua formação e determinação; seus aspectos cognitivos e suas funções. Ou seja, é preciso delimitar fatores que contribuam para a interpretação do real.

O real aqui, fora compreendido enquanto um movimento de construção e aproximação sobre o que transita entre a sociedade e as ações humanas. Sobre isso, Jodelet (2014) vai chamar atenção para a comunicação humana, que é tratada como um produto das representações sociais, de poder pragmático, um fornecedor de recursos que remetem tanto a diferentes níveis de saber como aos sistemas de valor que dão forma a cultura dos grupos.

Outrossim, se a representação social estiver situada num contexto da comunicação dos grupos no trabalho docente, como é o caso do objeto de estudo do presente trabalho, pode-se afirmar que a base metodológica “[...] deverá permitir a compreensão dos saberes, valores e aptidões” (SOUZA *et al* 2014, p 833) desses grupos.

Neste sentido, Clarilza Souza, Lúcia Bôas e Adelina Novaes (2014) esclarecem que os saberes da docência estão relacionados ao trabalho. Trabalho esse que, se vistos por uma perspectiva psicossocial, permitirão identificar os conhecimentos interiorizados por determinado grupo, como também, sua visão de mundo, suas cresças e valores acerca de um

assunto.

Para além disso, as autoras afirmam que buscar um aporte teórico que favoreça essa relação de complexidade do trabalho docente “[...] considerando a perspectiva do próprio professor, de sua forma de pensar [...]” (SOUZA, et al, 2014, p. 834), é uma maneira de respeitar as visões construídas e expressadas por um determinado grupo.

Por isso, as pesquisas em representações sociais permitem um movimento de projetar-se para o futuro, matendo um olhar atento para o que Serge Moscovici (1961) vai chamar de dimensões para entender a arquitetura do conceito de representações sociais, sendo elas: (1) informação; (2) campo de representação; e (3) atitude.

Sobre isso, Jorge Jesuino (2014) afirma existir uma relação confusa entre as representações sociais e atitude, já que a atitude é um componente da própria representação social. Neste sentido, Jesuino (2014) expõe que Moscovici introduz a atitude enquanto dimensão para compreender o conceito, porque a atitude modifica o objeto da psicologia social, o que contribui para a ampliação do conceito de representação social.

Ainda sobre esses aspectos, Jesuino (2014) chama atenção para a criação de uma imagem e modelo social, que fazem emergir elementos que transitam entre as percepções e os conceitos. Mais adiante, esses elementos constituíram a imagem de marca das representações sociais, sendo essa, tornar o não familiar, familiar (MOSCOVICI, 1976).

Ao trazer essa imagem de marca, Moscovici (1976) leva ao entendimento de que a representação social vai em busca da essência das coisas. Exergando-a como uma forma de conhecimento, que se refere ao ser humano, as suas percepções e conceitos elaborados, sendo uma referente ao sujeito e, a outra, referente ao objeto.

A construção das representações sociais conta com a existência e elaboração de dois processos, sendo esses, objetivação e ancoragem. Segundo Moscovici (2007, p.71) a objetivação refere-se a união da ideia de não-familiaridade com a de realidade, ainda segundo o autor, objetivar algo “[...] é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem”. Já “ancorar é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada.” (MOSCOVICI, 2007, p.61). Ou seja, é um processo de classificação, onde, damos nomes as coisas.

Para tanto, isso só acontece pelo sentido atribuído ao fato da representação ser denominada social. Adjetivada dessa maneira, por ser algo coletivamente produzido e, por constituir de fontes sociais do ser humano, encontradas no meio social em que vivem. Contribuindo para um processo de formação comportamentos e orientações de comunidades

sociais (MOSCOVICI, 1976).

Com isso, trazer a Teoria das Representações Sociais para o presente estudo é uma maneira de observar o seu objeto como algo construído e representado socialmente. Destacando aspectos da história, da construção social e da ação humana sobre esse objeto.

### **3.2 Jogando com Jodelet: TRS e a perspectiva sociogenética**

Segundo Jodelet (2018), aprofundar sobre a Teoria das Representações Sociais, significa evidenciar a perspectiva escolhida para investigar o objeto de estudo da pesquisa.

Ao longo dos anos, Denise Jodelet vem pesquisando e estudando sobre as representações sociais no sentido de compreender melhor a teoria, de superar certas dicotomias e de legitimar a TRS no meio científico. Jodelet (2018) afirma que ainda se faz necessário superar a ideia de que a TRS é uma teoria ‘mental do social’ ou ‘social do mental’, pois ambos os elementos estão homogeneizados no objeto de representação.

Em sua obra, *Loucuras e Representações sociais*, Jodelet (2005) faz um estudo que confronta a loucura, os loucos e seus laços sociais, quando os chamados ‘loucos’ retornam aos tecidos sociais, passados no centro da França, em torno de uma instituição psiquiátrica aberta. A autora inicia seu estudo com três questões: “Como se faz a recepção do doente mental na sociedade? Como se constrói a relação com a alteridade? Como as representações sociais da loucura explicam a relação com o doente mental, figura da alteridade?” (JODELET, 2005, p.34). Ao delimitar essas questões, reforça a importância de compreendermos o fenômeno da representação social, buscando nos aproximar dos sujeitos, da realidade desses sujeitos e dos comportamentos, gestos, falas, atitudes sociais que permitirá, na interação social, a identificação do jogo da diferenciação e do trabalho da alienação. Sendo, segundo Jodelet (2005, p. 35), elementos pertencentes “ao campo de estudo das representações sociais, consitutivas da nossa relação com o mundo social”.

A autora reforça ainda, a ideia de que os fenômenos das representações sociais relacionadas as diferentes formas das ciências humanas, apresentam-se como um grande encontro das ciências sociais, da filosofia, da psicanálise, das ciências cognitivas, da psicologia, da antropologia se constituindo em uma relação harmoniosa entre a transversalidade e a transdisciplinaridade, “[...] que reivindica a complexidade dos fenômenos focados pelas ciências sociais [...]” (JODELET, 2018, p.425).

Jodelet (2018) destaca que, nas ciências sociais, desde seu princípio com Marx, Durkheim, Lévy-Bruhl, sempre atribuíram conteúdos as representações coletivas, ao

constituem um *status* central na abordagem da vida social. Em Marx, recebendo uma ‘sistematização distorcida da realidade’, em Durkheim vista como ‘produções mentais sociais’ e em *Lévy-Bruhl* como a importância da participação, destacando a relação presença-ausência.

Na continuidade, Jodelet (2018) salienta que o conceito de representação passa por uma reabilitação após o colapso do império soviético. Levando assim, ao retorno da “[...] ideia de sujeito ativo e pensante e por uma nova interrogação quanto ao vínculo social” (JODELET, 2018, p. 427), evidenciando, portanto, a imagem do sujeito de representação.

Ressalta Jodelet (2018), que na antropologia, considerando uma primeira corrente, as representações vão permitir identificar como os processos simbólicos irão contribuir para a instauração e manutenção da organização das relações sociais, no centro de uma determinada realidade social.

Na sociologia, vai ser trabalhada as “[...] representações enquanto concepções que incidem sobre o curso da vida social e o campo da política” (JODELET, 2018, p.428). Evidenciando que as representações influenciam na ação sobre um mundo que é, portanto, social. A autora ainda reforça que isso só acontece porque essas ações são apoiadas no conhecimento que os atores sociais possuem do mundo e de seu lugar no mundo.

Já na história, Jodelet (2018) vai observar uma passagem da noção de mentalidade para a noção de representação. Atribuindo às representações funções que exprimem modalidades da relação com o social, sendo elas: construção da realidade, expressão institucionalizada da identidade social e a manutenção dos grupos.

Cada ciência, em sua originalidade, vai contribuindo com os sentidos e significados das representações sociais, estabelecendo uma relação de complemento a cada olhar. A história contemplando todas as outras ciências, a antropologia trazendo reflexões sobre os sujeitos e seus símbolos e a sociologia, contribuindo na compreensão desses fatores diante as relações sociais.

Jodelet (2018) salienta que dentre a diversidade de possibilidades adotadas nas ciências sociais para discutir representações sociais, existem algumas que a comunidade científica julga adquirida. Em especial, considerando o presente estudo, pode ser destacado que as representações sociais “[...] estão inscritas na linguagem e nas práticas e funcionam como linguagem em razão de sua função simbólica e dos referentes que elas fornecem para codificar e categorizar o que povoa o universo de vida” (JODELET, 2018, p. 430). Sendo, portanto, a Educação Física uma forma de linguagem que, também, vem contribuindo com sua função simbólica ao longo dos anos numa relação entre o sujeito-objeto.

Neste sentido, Denise Jodelet (2018) afirma que enquanto uma forma de saber prático,

as representações implicam em uma relação indissociável entre um sujeito e um objeto. Tal afirmação, compreende a ideia do que seria esse sujeito e esse objeto. A autora destaca que o sujeito será sempre social, por comunicar e fazer parte das relações sociais, como também, criar laços a partir dessa relação. Já o objeto, pode ser humano ou social, material ou ideal, sendo a representação, algo do campo da simbolização ou de interpretação.

Vale destacar que, segundo a autora, há uma diversidade tanto em relação ao objeto quanto em relação ao sujeito, podendo ser esse sujeito indivíduo, grupo ou coletivo. Tal diversidade reflete, conseqüentemente, nas formas como esse objeto se apresenta e é percebido no meio social, se manifestando não apenas de formas “[...] verbais, discursivas, mas também icônicas, comportamentais, gestuais, rituais, rotineiras, práticas ou ainda artísticas” (JODELET, 2018, p.434), ou seja, nas mais variadas formas de cultura.

Jodelet (2018) ressalta os processos, concebidos por Serge Moscovici, que constituem a representação social, a objetivação e a ancoragem, onde, respectivamente, um, acolhe essa novidade no sistema de pensamento já existente e, o outro, possibilita a assimilação daquilo que é novidade no sistema de pensamento existente. Com isso, a autora reafirma a importância da compreensão sobre esses dois processos, para que possa reconhecer e legitimar o estudo em representações sociais.

Neste contexto, as representações sociais vão adquirindo importância na vida cotidiana, retratando diversos aspectos das realidades “[...] na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la” (JODELET, 2001, p.1). Um fenômeno que exemplifica essa afirmação da autora, foi o aparecimento da AIDS, onde todos se depararam com algo desconhecido, sendo apontado pela mídias como tragédia e fatal. Com o passar do tempo, foi sendo esclarecido alguns aspectos sobre o objeto, como a maneira do contágio, as formas de prevenção, a não fatalidade. Contudo, antes disso, a população começou a atribuir conceitos e afirmar algumas informações sobre a AIDS baseada única e exclusivamente em achismo, a partir de informações soltas. O que despertava a curiosidade nos pesquisadores sociais sobre esses achismos, essas informações do senso comum sobre um determinado objeto. Podendo a partir da apreensão das representações sociais de tal objeto aprofundar e descobrir as causas desses achismos que, com o passar dos anos, foi compreendido como a “teoria do senso comum”.

É importante trazer exemplos de estudos pioneiros em representações sociais, como é o caso do estudo sobre a AIDS, para que se compreenda uma das principais características dessa teoria. No caso, a oportunidade dada as falas do povo, as vozes intituladas como ‘saber do senso comum’, mostrando que “[...] como tantos outros poderiam fazê-lo, que as representações

sociais são fenômenos complexos sempre ativos e agindo na vida social” (JODELET, 2001, p.4).

Diante desse cenário, as representações sociais vão criando legitimidade dentro da comunidade científica, sendo vista, como “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p.4).

Outra questão que Denise Jodelet (2001) apresenta é o fato das representações sociais serem compreendidas, também, como fenômenos cognitivos que associam o pertencimento social ao afetivo e aos aspectos normativos dos sujeitos. Aquilo que vem, segundo a autora, se constituindo daquilo que é experimentado, praticado, dos modelos de conduta e de pensamento, socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social.

A autora afirma que quem pesquisa em torno do campo das representações sociais observará três particularidades: a vitalidade, a transversalidade e a complexidade. Sobre a vitalidade, Jodelet (2001) vai dizer que, na atualidade, existe uma noção consagrada nas ciências humanas, mas que demorou mais de uma década para se tornar mais sólida. Chegando até a cair em desuso, período depois que foi explicada à luz da psicologia social com Moscovici. A transversalidade e a versatilidade tem relação com o que a autora vai chamar de germinação das representações sociais, ou seja, daquilo que vai dando fluidez conceitual a teoria.

Jodelet enquanto estudiosa das representações sociais vem fazendo a opção por defender uma perspectiva denominada de culturalista. Despertando a curiosidade dos seus leitores em compreender o porquê tal perspectiva é intitulada culturalista e como a autora foi traçando essa identidade, a partir dos estudos e visões anteriores.

Sobre isso, Reses (2003, p.196), diz que Denise Jodelet “[...] parte da noção básica de que uma representação social é uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto”. Enfatizando o histórico e a cultura para compreender aquilo que é simbólico. Reses (2003) observa que Jodelet salienta a relação do sujeito com o objeto de representação e que, por isso, sustenta a tese de que toda representação é uma representação de alguém (sujeito) e de alguma coisa (objeto).

Nesse sentido, compreende-se que as representações sociais têm um caráter de simbolização e interpretação sobre algo e que, sendo assim, “[...] trata-se de significações que são uma construção e uma expressão do sujeito – são, então, consideradas de um ponto de vista epistêmico e psicológico” (RESES, 2003, p. 196). Além disso, o autor destaca que Jodelet (2001) integra a seus estudos em representações sociais a participação ativa dos sujeitos, em seu processo de pertença cultural e social.

Contudo, nem sempre esse processo de pertença acontece rápido e de maneira espontânea. O reconhecimento do objeto de representação e os fatores que sobre ele interfere pode levar anos para acontecer e, até mesmo, não acontecer. Pois, trata-se de diferentes grupos, indivíduos, pensamentos que contribuem para a representação de algo. Por isso que torna-se importante, a todo momento, buscar compreender e responder questionamentos como: quem sabe e de onde sabe? o que e como se sabe? Sobre o que se sabe e como que foi feito? (RESES, 2003).

Percebe-se que tais questionamentos podem extrair de um objeto-sujeito de representação elementos de caráter informativo, cognitivo, ideológico, normativo, crença, valores, atitudes, opiniões, imagem e etc (JODELET, 2001). Levando a aproximação da construção cultural ao redor desses elementos que compõem a representação social de algo.

Nesse estudo, o objeto da representação e investigação é a Desigualdade Social em contexto da Educação Física escolar. É sobre ele que fomos buscar elementos na ciência para compreendermos melhor os elementos destacados acima. Não só buscando a aproximação do objeto mas, também, a aproximação do sujeito que, nesse estudo, a esse objeto está alinhado – aos estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e privadas de Pernambuco.

Trazer Jodelet para dialogar com esse objeto e sujeito é uma oportunidade de reforçar que acreditamos na ideia de que a Educação Física escolar orienta e organiza condutas no sentido da comunicação, a ponto de produzir representações sociais que retratem a desigualdade social em contexto dessa Educação Física.

### **3.3 Representações sociais e práticas sociais em educação física escolar: conferindo a escalação**

Estima-se que as representações sociais inferidas pelos sujeitos sociais, levem, por vezes, os pesquisadores a investigar sobre a relação prática social-representação social. Segundo Flament (1994), os estudos experimentais e de campo têm mostrado que a transformação da representação social não pode ocorrer, se não houver mudanças nas práticas que possam ser consideradas como irreversíveis pelos sujeitos que a representam. Neste sentido, pode-se entender que a prática pedagógica em Educação Física, sendo uma prática social, talvez possa sofrer com os impactos das considerações dos sujeitos sociais, enquanto sua lógica estruturante estiver apoiada na irreversibilidade.

Por isso, as representações sociais extraídas da prática irão apresentar elementos que podem explicar as relações entre as práticas sociais e as ações-reações, no sentido da

aproximação sobre os fatores que alimentam os motivos de “[...] como as práticas podem afetar ou transformar as representações sociais” (ANADON; MACHADO, 2011, p. 32). Contudo, deve-se ter a clareza de que a prática pode ser interpretada de formas diferentes por esses sujeitos sociais.

Neste sentido, ao ter a prática pedagógica em Educação Física como o contexto do objeto de representação social do presente estudo, busca-se entender alguns elementos que possam, eventualmente, estar presentes nas falas dos sujeitos e que desempenham um papel variável dependente. Sobre isso, Anadon e Machado (2011) fazem algumas observações usando como referência o estudo de Guimelli (1989; 1993). Os autores destacam que Guimelli ao analisar a prática da enfermagem, a partir das práticas de enfermeiras, observa que as representações sobre as funções da enfermeira mudam de estado quando os sujeitos modificam sua prática.

Trazendo essa configuração, para o contexto da prática pedagógica em Educação Física, pode-se estimar que os sujeitos que fazem parte dessa prática social modificam sua realidade e representam socialmente aquilo que entendem e vivem a partir dessa prática. Daí a importância de realizar o presente estudo com sujeitos que constituem o ambiente escolar e que possuem uma bagagem nas práticas pedagógicas em Educação Física. Tendo, portanto, a escola grande importância nas experiências individuais dos sujeitos, pois,

[...] desde muito cedo, criança passa a habitar esse outro espaço, diferente da família, e a interagir com outros adultos e pares, diferentes dos pais e dos irmãos. A escola torna-se então o centro de grande variedade e quantidade de novos objetos, relações e aprendizagens, convocando transformações comportamentais, afetivas e intelectuais (TRINDADE; SOUZA, 2009, p. 225).

É neste contexto que a escola foi escalada para o estudo enquanto *locus* da pesquisa. Acreditando que a escola é esse espaço fundamental para a compreensão dos pensamentos dos sujeitos, sobre determinado objeto que esteja relacionado a formação do ser. Como elucidam Trindade e Souza (2009), a escola tende a aparecer como uma instituição necessária e natural, resultante de uma evolução linear e inexorável da sociedade.

Contudo, encontrar estudos que alinhem as representações sociais, que emergem do ambiente escolar, atreladas a temática Educação Física-Desigualdade Social, em contexto da prática pedagógica em Educação Física, não tem sido uma tarefa fácil. Para o presente estudo, foram realizadas buscas em portais de periódicos, revistas e banco de teses e dissertações (CAPES, BDTD, Revista Pensar a Prática, Revista Movimento, Revista Efdeportes), a partir dos descritores: Educação Física, Escola, Representações Sociais, Desigualdade Social, Social,

Pática pedagógica. Esses descritores foram utilizados de forma individual e combinada, resultando na busca de 606 documentos analisados, sendo selecionados 36 dentre esses. Dos trinta e seis documentos: dezessete, contemplando a palavra-chave social; dez, tendo como palavra-chave escola; dois, com a palavra-chave representação; cinco, tendo como palavras-chave representação social e educação física; e dois, contemplando as palavras-chave educação física e desigualdade social. Todas as buscas foram realizadas tendo como critério temporal, serem artigos que foram publicados entre 1997 e 2020.

Tal busca revelou certa escassez de produções envolvendo o objeto da representação social desigualdade social, sob a perspectiva das TRS. Entretanto, se olharmos para o objeto prática pedagógica em Educação Física, esse cenário muda. Identificando estudos que transitam desde os elementos que constituem a prática pedagógicas à relação dos sujeitos envolvidos.

A saber, encontramos o estudo realizado por Poliani Guarinon (2016) que identificou as representações sociais da Educação Física enquanto disciplina, tendo como sujeitos da pesquisa alunos de uma escola da Rede Estadual. A autora conclui que esses sujeitos representam a disciplina Educação Física como uma matéria/ aula importante, tendo como diferença a maior carga horária prática e o alinhamento com as aulas teóricas.

Em outro estudo, envolvendo o contexto e, mais especificamente, o olhar sobre um dos sujeitos da prática pedagógica, o professor, Edwinges Figueiredo (2012) apresenta questões sobre o imaginário social do ser professor de Educação Física e a maneira como se vê enquanto profissional na área da Educação. O autor revela que com o passar do tempo as representações do ser professor começam a passar por profundas alterações. Trazendo dicotomia entre corpo e mente, questionamentos sobre a relação do ser professor de Educação Física e seu trabalho, o entendimento sobre a corporeidade humana e a desvalorização do corpo e a supervalorização da mente.

Fabiola Capri (2010) analisou a dança no contexto da Educação Física escolar, buscando revelar quais as Representações Sociais que estudantes e professores fazem da dança em escolas da Rede Municipal de Ensino. A autora verifica que alguns fatores como a insuficiência do conteúdo de forma sistematizada no processo de formação inicial dificultam a ação pedagógica, como também, as escolhas dos conteúdos pelos professores, apenas pelo critério de afinidade, contribuindo para a negligência da dança nas aulas.

Walk Loureiro (2010), buscou compreender o pensamento, o sentimento e as ações tomadas pelos professores de Educação Física em relação a sua formação continuada. Tendo como base do estudo a TRS por entender que ela possibilita um olhar mais atento ao senso comum. O estudo de Loureiro aponta que o deslocamento do núcleo central da representação

social de formação continuada vem acontecendo da aprendizagem para a qualificação, transformando a busca por qualificação na formação continuada um atributo individual, de responsabilidade do professor.

Esse estudo de Loureiro (2010) demonstra quanto a figura do professor e, em especial, sua formação, influência no seu fazer pedagógico, a ponto de impulsionar esses sujeitos docentes tomarem a iniciativa de buscar qualificação. O que só reforça a importância de compreender, também, os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem para assim transformar a prática social e, nesse contexto, a prática pedagógica em Educação Física.

Paula Matta (1996), voltando seu olhar aos corpos e suas relações com a prática em Educação Física, objetivou argumentar em seu estudo sobre a questão da mulher-adolescente-corpo e atividade motora, e a contribuição da Educação Física enquanto disciplina para a representação social da prática motora em geral na adolescência. A autora conclui que o quadro de representação do comportamento motor da mulher vem evoluindo, a partir das influências de práticas corporais realizadas fora da escola, com a possibilidade de explorar esses comportamentos em novos campos de atuação, o que favorece às novas representações do ser feminino.

Um estudo mais atual e que busca estabelecer essa relação, foi realizado por Lucas Trussi (2020), onde, objetivou tornar visível, do ponto de vista atual, o problema dos estereótipos e das representações sociais, em torno dos adolescentes, que são originadas nas aulas de Educação Física nas escolas de nível médio da província de Buenos Aires, Argentina. O autor faz essa análise trazendo dois aspectos presentes no ambiente escolar: os esportes e as questões de gênero. O autor revela que essa representação social originada nas aulas de Educação Física pelos adolescentes, possui relação com a visão de corpo e a construção social que é feita dele. Por isso que, segundo o autor, os saberes, discursos que dominam o campo educacional são colocados no imaginário social, transformando e determinando seus agentes.

No ano de 2020, Cruz *et al.* (2020) realiza um estudo que identificou referências de imagem corporal e sexualidade entre meninos e meninas de 6 a 11 anos de idade, embazado pela TRS. Os autores coletaram os dados a partir de grupos focais com amostras constituídas de quatro escolas públicas. O estudo revelou que há diferença entre os comentários dos meninos e meninas no que se refere a imagem corporal e erotização do corpo. Além disso, os autores perceberam que fazendo referência aos gênero, torna-se de extrema importância que a prática pedagógica aconteça por meio de intervenções de pessoas, podendo essas pessoas contribuir para minimizar o preconceito e as violências, ou aumentá-los.

Tal estudo, nos leva a refletir sobre a influência da visão do docente sobre determinado

assunto, e seus reflexos na prática pedagógica. Os autores trouxeram para a discussão as questões de imagem corporal e gênero, mas, utilizando dessa mesma lógica apontada por eles, sob a perspectiva da desigualdade social nas aulas de Educação Física, torna-se questionável se esse pensar-fazer docente sobre determinada temática, influencia ou não a aparição dessas desigualdades sociais, a ponto de serem representadas. O que nos coloca, mais uma vez, diante da busca pela compreensão sobre a relação sujeitos-prática-representações sociais, reforçando a relevância de realização da presente pesquisa.

Para tanto, a seguir, serão apresentados os caminhos que foram percorridos e os processos metodológicos utilizados ao longo da pesquisa buscando, não só, alcançar o objetivo do estudo, mas corroborar com a teoria escolhida para compreender melhor o objeto.

#### **4 METODOLOGIA: Entrando em campo**

Convencidas de que a metodologia deve apresentar aspectos sobre os caminhos e tomadas de decisões a respeito do estudo, sobre o tipo de pesquisa, as teorias, os métodos utilizados com vistas a alcançar o objetivo proposto. E, considerando que o estudo se apoia na Teoria das Representações Sociais, torna-se indispensável compreender as inspirações e o papel dessa teoria atrelados aos processos metodológicos.

Neste sentido, afirmamos que o estudo se caracteriza como qualitativo, uma vez que “[...] se preocupa com o que não pode ser quantificado, ou seja, trabalham com o universo de significados, motivos, aspirações [...]” (MINAYO, 2009 p. 21). Dialogando as palavras de Minayo (2009) com a dimensão teórica da pesquisa, que relaciona as desigualdades sociais e as representações sociais em contexto da Educação Física escolar. Tal diálogo permitiu estreitar a descrição qualitativa das considerações, assim como, as maneiras de chegarmos aos resultados esperados e viáveis.

O estudo se apoia, enquanto teoria norteadora, na Teoria das Representações Sociais (TRS), com base na perspectiva Sociogenética de Denise Jodelet (2001, 2005). Tal perspectiva, dá ênfase as questões que emergem a representação social a ser investigada. Jodelet (2001) acredita que se torna indispensável analisar o processo e conteúdo que se relacionam na construção de uma representação social. Para tanto, a autora vai dizer que o estudo do conteúdo é que vai permitir a compreensão da dinâmica social, por meio das relações de conflitos intergrupais, processos ideológicos, como também, da dinâmica psíquica compreendendo processos afetivos e cognitivos.

Esclarecidas disso, foi que delimitamos os procedimentos que foram utilizados para a coleta dos dados e os instrumentos que melhor atenderam ao tipo de estudo, alinhado a teoria que embasa o mesmo. Neste sentido, sob o que diz respeito a busca dos dados, o estudo foi dividido em três fases: estado do conhecimento, fase de coleta de dados empíricos e fase de análise dos dados, à maneira de atuar influenciada por Laurence Bardin (2011).

A fase do estado do conhecimento permitiu reunir o maior número de informações sobre o contexto que envolve o objeto de representação em questão e objeto de estudo, ou seja, informações sobre representações sociais, desigualdade social e sobre a relação desigualdade social- Educação Física escolar. Nessa fase foram realizadas revisão da literatura (Apêndice A) em bancos de dados diversos (CAPES, BDTD, Revista Pensar a Prática, Revista Movimento, Revista Efdeportes), coletando artigos, dissertações, teses relacionados a temática, a partir dos

descritores: Educação Física, escola, Representações Sociais, Desigualdade Social, Social, Prática Pedagógica. Desses bancos de dados, foram analisados seiscentos e seis documentos, sendo selecionados trinta e seis. Desses documentos, dezessete, contemplando a palavra-chave social; dez, tendo como palavra-chave escola; dois, com a palavra-chave representação; cinco, tendo como palavras-chave representação social e educação física; e dois, contemplando as palavras-chave educação física e desigualdade social.

Todas as buscas foram realizadas tendo como critério temporal, serem artigos que foram publicados entre 1997 e 2020. Vale salientar que o critério temporal estabelecido se deu por perceber a escassez de estudos mais atuais, que trouxessem relações entre as temáticas desigualdades sociais, Educação Física, Representações Sociais. A discussão sobre os estudos encontrados nessa busca foi apresentada no capítulo anterior.

Seguindo para a fase de coleta de dados empíricos, fez-se necessário delimitar os instrumentos; escolher o *locus e* os sujeitos da coleta; definir a técnica a ser utilizada durante a análise. Compreendendo que, por se tratar de uma estudo qualitativo, o percurso metodológico deve ser desenhado, pensando na clareza, ética e rigor metódico.

A escolha por realizar o estudo em escolas públicas e privadas se deu por compreender que “[...] desde o começo do século passado, o desenvolvimento do sistema educativo brasileiro vem sendo marcado por relações conflitantes entre diferentes grupos sociais” (AKKARI, 2001, p.164), seja em escolas públicas ou privadas. O que evidencia, portanto, a não limitação das relações de desigualdade social a uma só configuração de ensino.

Os participantes foram 139 estudantes do Ensino Médio de Pernambuco, da 1º a 3º série desse segmento. Sendo dentre esses 71 do gênero feminino, 65 do gênero masculino e 3 que se identificaram como outros.

Foi utilizado enquanto instrumento dessa fase um questionário composto por dez questões, que retratam as temáticas: desigualdade social, desigualdade – Educação Física, prática pedagógica da Educação Física- desigualdade social. Tal questionário foi realizado por meio do *Google Forms*, uma ferramenta que permitiu maior alcance ao público alvo do estudo. Essa ferramenta foi utilizada por compreendermos que é mais uma possibilidade de chegar mais próximo aos elementos da comunicação dos estudantes, tendo o “acesso em qualquer local e horário; agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, pois quando respondido as respostas aparecem imediatamente; facilidade de uso entre outros benefícios” (MOTA, 2019, p. 373). Estreitando possíveis pontos de identificação que corroboram para a representação social de desigualdade social em contexto da Educação Física.

Além disso, vale ressaltar que o estudo foi desenvolvido durante o período de pandemia

do Coronavírus, causador da COVID-19, reconhecido pela Organização Mundial da Saúde no dia 11 de março de 2020. Tal período impossibilitou as aproximações ao campo de forma presencial, levando a adoção do instrumento citado, como uma estratégia de realizar a pesquisa de maneira segura, sem perder a qualidade e objetivo proposto.

O questionário foi aplicado no interregno de trinta e seis dias, contendo as perguntas expostas no quadro abaixo:

**Quadro 1 - Questões presentes no Questionário**

<p><b>1. Você é estudante do Ensino Médio e, por livre e espontânea vontade gostaria de contribuir para a pesquisa de mestrado, que tem como temática desigualdade social e Educação Física escolar?</b></p> <p><b>2. Qual a sua idade?</b></p> <p><b>3. Você se identifica como gênero?</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="radio"/> Feminino</li> <li><input type="radio"/> Masculino</li> <li><input type="radio"/> Outros</li> </ul> <p><b>4. Você é estudante de escola pública ou escola privada?</b></p> <p><b>5. Qual série do ensino médio você está cursando?</b></p> <p><b>6. O que você entende por desigualdade social?</b></p> <p><b>7. Você acha que existem desigualdades sociais na escola? Cite exemplos.</b></p> <p><b>8. Nas aulas de educação física, existem desigualdades sociais? Cite exemplos.</b></p> <p><b>9. As aulas de educação física escolar podem contribuir para diminuir as desigualdades sociais? Como?</b></p>									
<p><b>10. Entre as palavras abaixo, quais você usaria para falar de desigualdade social nas aulas de Educação Física? Justifique sua resposta.</b></p> <table border="1" style="width: 100%; text-align: center;"> <tr> <td>GÊNERO</td> <td>ECONÔMICO</td> <td>SEXISMO</td> </tr> <tr> <td>BIOLÓGICO</td> <td>DEFICIÊNCIA</td> <td>CULTURAL</td> </tr> <tr> <td>CORPO</td> <td>DIFERENÇA</td> <td></td> </tr> </table>	GÊNERO	ECONÔMICO	SEXISMO	BIOLÓGICO	DEFICIÊNCIA	CULTURAL	CORPO	DIFERENÇA	
GÊNERO	ECONÔMICO	SEXISMO							
BIOLÓGICO	DEFICIÊNCIA	CULTURAL							
CORPO	DIFERENÇA								

Fonte: produção da autora (2021).

Concluída a fase da coleta, em seguida realizamos a análise dos dados que possibilitou

a sistematização, como também, a verificação da pertinência das questões elencadas diante da delimitação do objeto. Essa análise foi realizada por meio da técnica da Análise de Conteúdo Categorical Temática (BARDIN, 2011), permitindo a contagem de um ou vários temas ou itens de significação, de uma unidade de codificação previamente determinada.

Nesse estudo as temáticas transitaram entre a relação desigualdade social- Educação Física, trazendo a significação que se liberta naturalmente dos textos analisados. Sendo, também, uma unidade de significação complexa, por compreender que a validade dessas unidades não são apenas linguísticas, mas de ordem psicológica.

Para tanto, é necessário, segundo Bardin (2011), organizar essa fase de codificação dos dados em três momentos: o recorte, que se refere a escolha dos dados; a enumeração, ou seja, a escolha das regras de contagem e; a classificação e agregação, que compreende a escolha das categorias.

No presente estudo, o recorte foi realizado seguindo a orientação do sentido e não da forma, tendo em vista que o recorte “[...] depende do nível da análise e não das manifestações formais reguladas (BARDIN, 2011, p.105). Já sobre o que diz respeito a enumeração, adotamos a frequência, que corresponde, segundo Bardin (2011) ao postulado, ou seja, a importância de uma unidade de registro de acordo com o aumento da frequência de sua aparição. Tal processo de enumeração, foi amparado pelo momento de classificação e agregação, que permitiu as escolhas das categorias, sendo essas, aqui adotadas: conceitos, dificuldades, indentificações e contribuições. Expostas com mais detalhes no Apêndice B.

É a partir desses movimentos da análise que o estudo delimita a unidade de registro e unidade de contexto, sendo essas respectivamente, “[...] a unidade de significação a codificar e corresponder ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (BARDIN, 2011, p.104), e a unidade que “[...] serve de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às das unidades de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro” (BARDIN, 2011, p. 107 [sic]). As unidades de contexto delimitadas foram Desigualdade Social e Educação Física, tendo em vista que ambas contribuiram para a aproximação ao contexto próximo ou longínquo da unidade a registrar.

Durante o processo de análise, essas unidades foram distribuídas nos quadros de análise, seguindo as categorias analíticas, sendo separadas por cores (amarela, vermelha, verde e roxa), cada cor fazendo referência a um grupo de unidades, como mostra o Apêndice B. Essa separação, contribuiu para a organização da escrita sobre cada categoria, posteriormente, assim

como, no auxiliou na contagem das unidades e na identificação das aproximações e distanciamentos, já que o processo adaptado para o presente estudo, foi o da enumeração.

Todo esse ‘desenho’ metodológico foi traçado no sentido de contribuir para alcançar o objetivo do estudo, como também, para dar ao estudo um movimento dialético. Respeitando as questões éticas, históricas e sociais da temática a ser investigada.

A partir da realização desses processos, pode-se compreender que a pesquisa incorporou a relação fenômeno cognitivo-processo, entendendo que esse fenômeno diz respeito aos conteúdos representados do objeto de estudo e que, serão extraídos dos documentos (artigos e livros), dos discursos (os questionários).

Diante disso, na continuidade, apresentamos o Capítulo V que traz o resultado da análise de conteúdo, realizada nos dados coletados dos questionários, como também, os elementos identificados nas representações sociais amparados às relações entre a desigualdade social-prática pedagógica da Educação Física escolar, compartilhadas por estudantes do Ensino Médio.

## 5. EDUCAÇÃO FÍSICA E DESIGUALDADE SOCIAL: com o “apito” os estudantes

### 5.1 Os árbitros da partida

Atribuir aos estudantes do Ensino Médio, de escolas públicas e privadas de Pernambuco, o título de árbitro, significa fazer uma analogia a função de um indivíduo ou mais, que a partir do seu conhecimento e de sua vivência, tem a responsabilidade de garantir o cumprimento das regras, o regulamento e o espírito de jogo. Aqui, nesse sentido, os estudantes foram convidados a perceber, identificar e descrever questões relacionadas a desigualdade social e Educação Física escolar, assumindo a responsabilidade de pensar-escrever sobre uma temática, representar por meio de suas respostas um olhar para o social e assumir, por meio de suas palavras, certezas, fragilidades e dúvidas.

Nesse sentido, buscando nos aproximarmos da realidade dessa arbitragem (estudantes do Ensino Médio de Pernambuco), apresentaremos a seguir dados, extraídos dos 139 questionários, que dizem respeito ao contexto desses estudantes, durante o período da aplicação do instrumento.

O campo de coleta foi destinado a escolas públicas e privadas de Pernambuco- PE, caracterizadas no quadro 2.

Quadro 2- Rede de Ensino dos estudantes participantes.

REDE DE ENSINO	Quant	%
Privado	14	10,1%
Pública de Referência	77	55,4%
Pública	48	34,5%

Fonte: Produção da autora.

Além disso, os estudantes se identificaram enquanto gênero masculino, feminino ou outros, como mostra o quadro 3.

Quadro 3- Gênero indicado pelos estudantes participantes.

GÊNERO	Quant	%
FEMININO	71	51,1%
MASCULINO	65	46,8%
OUTROS	3	2,1%

Fonte: Produção da autora.

Esses estudantes tinham entre 14 e 19 anos de idade, como mostra o quadro 4 abaixo.

Quadro 4- Idade dos estudantes participantes.

<b>IDADE</b>	<b>Quant</b>	<b>%</b>
19 ANOS	3	2,25%
18 ANOS	12	8,83%
17 ANOS	25	17,9%
16 ANOS	45	32,37 %
15 ANOS	46	33,19%
14 ANOS	8	5,46%

Fonte: Produção da autora.

A diversidade na faixa etária desses estudantes se deu porque os questionários foram destinados ao público do Ensino Médio da 1º a 3º série, como exemplifica o quadro a seguir.

Quadro 5- Série do Ensino Médio indicadas pelos estudantes participantes.

<b>SÉRIE</b>	<b>Quant</b>	<b>%</b>
1º SÉRIE	54	38,85%
2º SÉRIE	48	34,54 %
3º SÉRIE	37	26,61%

Fonte: Produção da autora.

As instituições de ensino que esses estudantes fazem parte, estão localizadas, a maioria, nos municípios de Recife e Jaboatão dos Guararapes. Os estudantes que responderam outros, sinalizaram que as escolas atendem aos municípios de Vitória de Santo Antão, São Lourenço da Mata, Olinda e Paulista.

Quadro 6- Município das escolas indicadas pelos estudantes.

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>Quant</b>	<b>%</b>
RECIFE	80	57,70 %
JABOATÃO	52	37,51%
OUTROS	7	4,79%

Fonte: Produção da autora.

Diante dessas características, apresentadas por informações que dizem da realidade dos estudantes, é que iremos nos aproximar das ideias desses sujeitos, sobre o que diz respeito a

relação Educação Física e desigualdade social. Tal aproximação, nos permite olhar para a diversidade das características elencadas, como algo que amplia as possibilidades de representações sociais que venham existir a partir dessas relações.

Temos o entendimento de que é necessário olharmos para cada resposta entregue, como uma ponte de estreitamento entre os sujeitos e o objeto do presente estudo. Na intenção de que cada resposta dada seja um olhar sobre o curso da vida social, deixando mais próximo os elementos culturais de um grupo, a ponto de ser uma representação social (JODELET, 2018).

Neste sentido, a seguir, iremos analisar as respostas dos estudantes destacando as unidades de registro e contexto, identificadas por meio da Análise de Conteúdo Categórica Temática (BARDIN, 2011).

## 5.2 Analisando a “ficha técnica”: o instrumento

A análise da ficha técnica, antes do início do jogo atende as necessidades de compreensão sobre as finalidades das funções de cada componente da equipe, como eles devem atuar e qual a proporção dessa atuação, diante do cenário da organização realizada. Trazendo para realidade do presente texto, essa análise da ficha técnica se atém as respostas dadas pelos estudantes do Ensino Médio, sobre o que diz respeito a relação desigualdade social e Educação Física escolar.

Para essa análise, utilizamos os dados coletados a partir das respostas às perguntas 6, 7, 8, 9 e 10 do Quadro 1. Delimitamos enquanto critérios para análise o exposto no quadro 7 abaixo.

Quadro 7 - Critérios para análise das respostas

Elemento central	<b>Desigualdade social</b> , Educação Física, Prática pedagógica.
Operacionalização	Analisar as entrevistas, buscando identificar as representações sociais de desigualdade social compartilhadas por estudantes do Ensino Médio.
Categorias analíticas	<b>Conceitos, dificuldades, identificação, contribuições.</b>
Unidades de contexto	<b>Desigualdade social e Educação Física.</b>
Orientadores da investigação	Compreender a relação desigualdade social-prática pedagógica da Educação Física escolar, por meio das representações sociais de desigualdade social compartilhadas por estudantes do Ensino Médio de Pernambuco.

Fonte: Produção da autora.

Dentro desse contexto, foram analisadas, individualmente, as respostas dos estudantes do Ensino Médio das escolas públicas e privadas. Distribuindo as respostas nos quadros de análises para melhor identificação e separação dos possíveis temas e itens de identificação, a partir das unidades de significação previamente determinadas. Sendo essas unidades explicitadas no quadro 8 a seguir, juntamente com a quantidade de unidades de registros geradas a partir do campo.

Quadro 8- Quadro de análise escolas públicas e privadas

<b>UNIDADES DE CONTEXTO: Desigualdade Social e Educação Física</b>			
<b><i>Categorias analíticas e suas características</i></b>		Unidades de registro/Quant	
		<b>PÚBLICA</b>	<b>PRIVADA</b>
Constituição de conceito relacionando a Desigualdade social e desigualdade social no ambiente escolar.	<i>Conceitos</i>	19 und	10 und
Dificuldades encontradas na relação desigualdade social- Educação Física escolar.	<i>Dificuldades</i>	9 und	5 und
Reconhecimento de possíveis potencializadores das desigualdades sociais nas aulas de Educação Física	<i>Identificação</i>	8 und	8 und
Contribuições da prática pedagógica da Educação Física na caminhada de superação das desigualdades sociais.	<i>Contribuições</i>	10 und	6 und

Fonte: Produção da autora.

As categorias analíticas conceitos, dificuldades, contribuições e identificação foram estabelecidas a partir da aproximação das discussões e problematizações realizadas a partir da temática central do presente estudo.

A categoria conceitos, diz respeito a todo conceito relacionado a desigualdade social e desigualdade social no ambiente escolar, tomando como base a visão de desigualdade social de Rousseau (1974), onde permite olhar para as temáticas originadas do campo, considerando as questões físicas e corporais do ser humano, como também, a relação ética, moral e social, que segundo o autor, pode colocar um ser humano em condição de privilégio, em detrimento de outro.

Já a categoria dificuldade, se além aos obstáculos encontrados na relação desigualdade social- educação física escolar que, por vezes, foi estabelecida ao longo da história por meio de situações que excluam a participação da mulher, por adotar metodologias sexistas, evidenciando a separação de gênero, o privilégio do corpo considerado mais forte em relação

ao corpo considerado mais fraco, como ressalta o Coletivo de Autores (1992).

Na categoria contribuições, preservamos a ideia de elementos positivos que emergem da prática pedagógica em Educação Física e que incentivam a superação da desigualdade social. Desenvolvendo uma reflexão sobre as formas de representação do mundo, produzidas pela humanidade sobre as expressões corporais: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esportes e dentre outros, que podem ser símbolos da realidade criada, vivida e desenvolvida (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

E na categoria identificação, buscamos extrair os possíveis potencializadores das desigualdades sociais na Educação Física escolar, adotando como base a ideia de Jodelet (2018), sobre representações sociais, que julga possível identificar na linguagem, na escrita, nas práticas realizadas pelos seres humanos, elementos que dizem da representação social de um grupo, a partir da função simbólica atribuída a uma linguagem. Sendo, aqui, a Educação Física, essa linguagem corporal que criou sua função simbólica ao longo dos anos numa relação sujeito-objeto.

Diante das categorias delimitadas, foi possível a categorização das unidades de registro, a discussão e problematização das unidades de contexto a seguir. Sob a clareza de que em cada resposta dada pelos estudantes, existia também uma oportunidade de aproximar e compreender a realidade vivida, a experiência compartilhada, além das faltas e presenças do conhecimento sobre a temática.

### **5.3 O apito final: discutindo os resultados**

*“[...] estão inscritas na linguagem e nas práticas e funcionam como linguagem em razão de sua função simbólica e dos referentes que elas fornecem para codificar e categorizar o que povoa o universo de vida”*  
(JODELET, 2018, p. 430).

No universo da vida, a Educação Física escolar e a desigualdade social vêm se encontrando ao longo dos anos, estabelecendo formas de materialização e prática, por meio das diferentes vivências, categorias e linguagens criadas. Sob essa perspectiva, a epígrafe acima tornou-se base para as discussões desenvolvidas sobre os resultados e sua relação com a representação social. Por compreendermos que a Educação Física escolar e sua relação com o meio, produz representações sociais diversas, e que podem ser codificadas e categorizadas, ligando o sujeito ao objeto.

Partindo dessa premissa, seguimos com a análise temática sob a orientação de quatro

categorias analíticas, que ajudaram a desvelar o fenômeno investigado: **conceitos relacionados a desigualdade social, dificuldades relacionadas a relação Educação Física escolar- desigualdade social, contribuições da prática pedagógica da Educação Física na superação das desigualdades sociais e possíveis potencializadores das desigualdades sociais em contexto da Educação Física escolar.**

A saber, esses elementos permitiram a formação das unidades de registros e de contexto, aproximando-se do movimento de articular a atividade cognitiva e as condições sociais, em que são cunhadas as representações sociais. Embasados por dois processos que fazem parte do universo das representações sociais, ancoragem e objetivação, sendo a ancoragem o processo que dá significado ao objeto, que foi apresentado ao nosso entendimento, atribuindo a ele um contexto que se entende com facilidade. E a objetivação um processo de transformação de algo abstrato em concreto, tornando o conhecimento algo mais forte e resistente.

Vale ressaltar que essas categorias serão empregadas de forma integrada, não sendo discutidas de forma isolada, porque são correlativas.

### 5.3.1 Conceitos relacionados à desigualdade social

Nessa categoria os estudantes atribuíram às desigualdades sociais conceitos que transitam no campo social como um todo, até a especificidade do ambiente escolar.

Neste sentido, podemos observar no quadro 9 as unidades de registro a seguir, tendo como base as respostas dos estudantes das **escolas públicas**.

Quadro 9- Unidades de registro Escolas Públicas: categoria conceitos

<b>Escolas públicas/ Unidades de registro/ Quant</b>		
<b>Categoria Conceitos</b> Constituição de conceito relacionando a Desigualdade social e desigualdade social no ambiente escolar.	Desprezo social <b>3</b>	Competitividade <b>1</b>
	Diferença financeira <b>21</b>	Acesso restrito a minoriais <b>2</b>
	Dificuldade de acesso e serviços materiais <b>10</b>	Diferenças corporais e biológicas <b>5</b>
	Prejudicar ou limitar grupos sociais <b>6</b>	Exclusão de pessoas <b>16</b>
	Interferir na qualidade de vida <b>1</b>	Preconceito racial <b>21</b>
	Separação por classe <b>8</b>	Prática do bullying <b>3</b>
	Privilégios <b>13</b>	Tratar o próximo com diferença <b>23</b>
	Diferença dos serviços escolares <b>6</b>	Desvalorização de grupos sociais <b>8</b>
	Diferença nos resultados da aprendizagem <b>1</b>	Injustiça social <b>1</b>
	Aquilo que não é igual entre as pessoas <b>1</b>	

Fonte: produção da autora (2022).

Como a representação não é estática, identificamos que os estudantes atribuíram a desigualdade social, em contexto geral, a algo que tem relação com a diferença financeira, aos privilégios e as dificuldades de acesso a serviços e materiais. Já sob o que diz respeito a desigualdade no contexto escolar, os estudantes destacam com mais expressividade a exclusão de pessoas, o preconceito racial, a prática do bullying, diferença dos serviços escolares. Elaborando de alguma forma conceitos que transitam entre a questão econômica e o tratamento entre os seres nos diferentes espaços sociais:

Desigualdade social é a diferença entre classes sociais dentre as mais baixas e as mais altas. A desigualdade social acontece por todo o mundo, e principalmente no Brasil. Em lugares com menores chances e menores oportunidades para as classes de baixa renda. Enquanto as de renda alta têm mais oportunidades e chances em todos os lugares, sem contar o preconceito contra as baixa classe social (<sup>5</sup>Fem, 16, 3°).

Existe uma diferença de desigualdade em comparação as escolas públicas e escolas particulares (Fem, 19, 3°).

Sim, a existência do bullying é uma perfeita amostra de que existe, a divisão social presente nas escolas é imensa, seja na sala de aula, ou até mesmo na fila da merenda, tanta coisa envolvida acabariam as palavras e iríamos começar a usar latim...(Masc, 16, 3°).

Sobre essas questões, Rousseau (1754) já estabelecia relação semelhante. Aqui, os estudantes resgataram a relação de poder que um grupo social pode exercer sob outro, sejam eles ricos ou pobres, escolas públicas ou privadas, altos ou baixos, a ponto de desenvolver comportamentos de superioridade, exclusão, ofensas e opressão. Rousseau (1754), estabelecia tal relação pensando a aproximação e distanciamento dos humanos com maior ou menor contato com a civilização, questionando até que ponto seria justo um combate entre esses sujeitos, se um grupo iria sempre estar em vantagem, em relação ao outro, por conta de suas experiências, oportunidades, contexto histórico, dos seus corpos.

Rousseau (1754) também destacava, que as formas de se relacionar entre os seres humanos, cada vez mais, foi ganhando diferentes percepções. Sendo essas, “relações que exprimimos pelas palavras grande, pequeno, forte, fraco, depressa, devagar, medroso, ousado, e outras semelhantes [...]” (ROUSSEAU, 1974, p.93). Acarretando possíveis desigualdades associadas a elementos como limitação de grupos sociais e tratamento diferente por causa da diversidade da individualidade dos seres. Aproximando a desigualdade social da

---

<sup>5</sup> Fem: refere-se ao gênero dos estudantes, podendo ser feminino (Fem), masculino (Masc) ou outros (Outros). O número que vem na sequência diz respeito a idade (16 anos). Em seguida, a série que o estudante faz parte, podendo ser 1°, 2° ou 3° série do Ensino Médio.

individualidade dos sujeitos, como aponta os estudantes:

A desigualdade social na minha opinião é algo que pode prejudicar ou limitar um determinado grupo de pessoas ou classe social (Outros, 17, 2º).

Exclusão de pessoas isoladas ou com deficit em se comunicar (Masc, 18, 3º).

Como por exemplo, a questões raciais ou deficiências, essas pessoas são excluídas sem ao menos ter a chance de ter alguma oportunidade (Fem, 16, 2º).

Outras formas de limitações e separações dos grupos sociais, apontadas pelos estudantes como desigualdade social, no ambiente escolar, foram associadas as normas ou comportamentos adotados dentro do espaço escolar, muitos deles relacionados as práticas nas aulas de Educação Física:

Na educação física os meninos podem usar calção mas as meninas não. Preconceito com pessoas trans, impedimento do nome social e do uso do banheiro correto (Fem, 16, 2º).

Bem o que eu acho meio que exemplo é a menina quer jogar bola mais os meninos não deixa (Masc, 16, 2º).

Por exemplo na educação física, onde as meninas são excluídas pelos meninos do futebol (Fem, 16, 3º).

Algumas atividades esportivas são propostas mais para homens do que mulheres, não é igualitária... (Fem, 17, 3º)

Entretanto, Sousa e Altmann (1999 apud LINS, 2018) vão dizer que não se pode concluir que as meninas são excluídas das práticas apenas por questão de gênero, mas por serem mais fracas e com menos habilidades do que seus colegas. Os autores também salientam que as meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos considerados fracos, mais novos e considerados sem habilidade pela maioria, ficam nos bancos de reserva durante as aulas e intervalos.

Embora as realidades sejam diferentes, percebemos aproximações entre as respostas elaboradas pelos estudantes de escolas públicas com os estudantes das escolas privadas, sobre o que diz respeito ao conceito de desigualdade social, relacionado ou não ao ambiente escolar. Essas aproximações ficam evidente quando as unidades de registro e contexto se relacionam diante das duas realidades. O quadro 10 apresenta as unidades de registro a partir das respostas dos estudantes das escolas privadas:

Quadro 10 - Unidades de registro escolas privadas: categoria conceitos

<b>Escolas privadas/ Unidades de registro/ Quant</b>		
<b>Categoria Conceitos</b> Constituição de conceito relacionando a Desigualdade social e desigualdade social no ambiente escolar.	Diferença entre classes <b>3</b>	Diferença na forma de tratar o próximo <b>1</b>
	Privilegio <b>5</b>	Condição financeira <b>5</b>
	Diferença de serviços escolares <b>1</b>	Falta de oportunidade <b>1</b>
	Interferir na qualidade de vida <b>1</b>	Dificuldade de acesso a serviço e materiais <b>1</b>
	Discrepância nas relações entre os indivíduos da sociedade <b>1</b>	Exclusão de grupos sociais <b>1</b>

Fonte: produção da autora (2022).

Percebe-se que a maior parte dos estudantes relacionaram a desigualdade social a condição financeira, as diferenças de classes e a formação de privilégios em determinados grupos sociais.

A diferença entre classes inferiores e superiores, sendo a inferior com menor acesso à educação de qualidade, baixo saneamento básico e direito a segurança alimentar, etc (Fem, 15, 1º).

Uma situação em que algumas pessoas tem mais vantagens e privilégios na vida enquanto outras não tem acesso a alguns direitos básicos (Masc,14,1º).

Direito que algumas pessoas tem e outras não. Principalmente quando a escola é pública e particular (Fem, 16, 2º).

A esse respeito, ao analisar as primeiras maneiras de desigualdade, Rousseau (1754) já apontava essas formas de privilégio como elementos de desigualdade. O autor verificou que, quando os seres humanos começaram a olhar os outros e, ao mesmo tempo, quis ser visto por suas competências, os comportamentos começaram a se modificar. Afirmando que, o primeiro passo dado para a desigualdade e os vícios, estão atrelados a essas mudanças de comportamento, a partir da consideração dada à aqueles que possuem alguma habilidade, e que se destacam diante dos demais sujeitos de um grupo social. Rousseau (1754) ainda acrescenta que esse comportamento levou os seres humanos a gerarem preferências, como a vaidade e o desprezo, vergonha e inveja.

Talvez, o que Rousseau (1754) traz sobre a origem dessas preferências, pode ser relacionado com o que os estudantes das escolas privadas estão chamando de exclusão de alguns indivíduos de determinado grupo social, como também, dificuldade de acesso a materiais e

serviços. Contudo essa dificuldade e exclusão, referenciada como desigualdade social, foi associada a forma de tratar alguém com diferença, com base nas suas condições em adquirir objetos, reconhecidos como indispensável para fazer parte ou ter acesso a elementos compartilhados por esse grupo:

Pudemos ver principalmente com a pandemia do corona vírus, onde muitas pessoas com situação precárias foram prejudicadas por não terem condições de comprar aparelhos para terem acesso as aulas online (Masc, 17, 3°).

Pode haver bullying por causa das condições financeiras de algum aluno, ou diretores e professores tratar o aluno diferente dos demais pelo fato dele ser mais pobre (Masc, 14,1°).

Como na escola em que eu estudo, mesmo que seja uma escola particular, ainda sim tem muita desigualdade. Tem alunos que só tem condições financeiras de ter coisas como um sapato, uma calça, um celular que não é tão bom, a mensalidade em dia, assim como tem alunos que tem motorista particular, mensalidade sempre em dia, iphone, muitos sapatos e calças para ir a escola (Fem, 16, 3°).

Algumas pessoas irem pra escola para terem a oportunidade de se alimentarem ao menos uma vez no dia (em escolas públicas onde a merenda é de graça) e nas escolas privadas alguns alunos não conseguirem comprar o material pedido (Fem, 16, 2°).

As respostas dos estudantes nos levam a refletir o quanto os objetos que estão envolvidos numa prática interferem nas relações entre os estudantes, a ponto de serem elencadas como um elemento que contribui com a desigualdade no ambiente escolar. Sendo algo que foi destacado tanto pelos estudantes de escolas privadas, como pelos estudantes de escolas públicas. Encontrando respaldado no que é dito por Rousseau (1754), segundo o referido autor, a relação dos seres com a produção e a aquisição de objetos foi um processo de ruptura de proporções. Onde,

[...] o mais forte fazia mais tarefa; o mais destro tirava melhor partido da sua; o mais engenhoso encontrava meios de abreviar o trabalho, o lavrador tinha mais necessidade de ferro, ou o ferreiro mais necessidade de trigo; e trabalhando igualmente, um ganhava muito, enquanto o outro mal podia viver. É assim que a desigualdade natural se desenvolve insensivelmente com a de combinação, e que as diferenças dos homens, desenvolvidas pelas das circunstâncias, se tornam mais sensíveis, mais permanentes, nos seus efeitos, e começam a influir na mesma proporção sobre a sorte dos particulares (ROUSSEAU, 1754, p.108).

O autor destaca algo que antecede a aproximação entre o ser e o objeto, ele nos lembra que existe um processo de produção e aquisição desses objetivos, que já ganham significado e sentido. De tal maneira, que trazendo para a realidade apontada pelos estudantes, ao falar da falta de condições dos estudantes para comprar aparelhos eletrônicos, sapatos e roupas que lhes permitissem ter participação de qualidade nas aulas, é uma forma de reforçar o quanto nossa

sociedade foi alargando os caminhos das desigualdades. Acrescentando a esses caminhos valores, costumes e linguagens que estimulam tais comportamentos em diferentes contextos.

Além disso, vale ressaltar que um dos estudantes relacionou o conceito de desigualdade social construído por ele, com as aulas de Educação Física. Ele vai dizer que boa parte dessa desigualdade social no ambiente escolar acontece por causa da

Diferença entre meninos e meninas, exclusão dos que não são interessados aos esportes comum a grade curricular, como por exemplo a exclusão de alunos que gostam mais de video games etc... (Masc,19, 3º).

A resposta do estudante, nos remete ao estudo de Bracht (2003), que já chama atenção para essa questão. O autor fala da intenção velada que o esporte no ambiente escolar tem, para obedecer as intenções dos desportos de alto rendimento, deixando de lado, por vezes, o sentido de inserir os sujeitos na prática e promover a socialização. Podendo gerar exclusão e apontamento, aos sujeitos que se identificam menos com determinada modalidade esportiva.

Contudo, ainda assim, entre os estudantes de escolas públicas e privadas, tiveram aqueles que disseram não saber conceituar desigualdade social, como consequentemente, exemplificar situações de desigualdade no ambiente escolar. Sendo um desses estudantes da escola privada a responder “não sei” para a sexta pergunta do questionário (Quadro 1). Nas escolas públicas, sete responderam “não sei” para a sexta pergunta do questionário (Quadro 1), nove estudantes responderam “não sei”, para a sétima pergunta do questionário (Quadro 1) e quatorze responderam que “não”, afirmando que não existe desigualdades sociais no ambiente escolar.

O que nos chamou atenção, nos dados relatados acima, é que os mesmos estudantes que responderam não existir desigualdade social no ambiente escolar, trouxeram dificuldades e contribuições da Educação Física para superar a desigualdade social. Nos levando a questionar: Será que realmente esses estudantes não vêem a desigualdade nas escolas? Ou, será que ainda estão construindo um conceito de desigualdade social e, por isso, não conseguem elaborar em palavras, mas conseguem sentir e perceber situações desconfortáveis que os levam a denunciar isso de alguma maneira?

### ***5.3.2 Dificuldades relacionadas a relação Educação Física escolar - Desigualdade Social***

Dificuldades aqui, foram compreendidas como elementos negativos que, de alguma maneira, interferem no processo de superação das desigualdades sociais-Educação Física escolar. Esses elementos foram gerados a partir de cada vivência dos estudantes, e de cada olhar

para as relações e para o social. Sob a clareza de que, se estamos em busca de apreender os elementos de representações sociais amparados às relações entre a desigualdade social-prática pedagógica da Educação Física escolar, faz-se indispensável para a aproximação das dificuldades no entorno desse objeto. Ampliando as possibilidades de entendermos quais os elementos que aproximam as realidades dos conjuntos sociais, a ponto de concorrerem para uma realidade comum ao um conjunto social (JODELET, 2001).

Neste sentido, a seguir, podemos observar o quadro referente a categoria dificuldades, retiradas das respostas dos estudantes (Pergunta 8, quadro1) das escolas públicas.

Quadro 11- Unidades de registro escolas públicas: categoria dificuldades

<b>Escolas públicas/ Unidades de registro/ Quant</b>		
<b>Categoria Dificuldades</b> Dificuldades encontradas na relação desigualdade social-Educação Física escolar	Menosprezo de pessoas com deficiência <b>5</b>	Desigualdade racial <b>3</b>
	Diferença no trato do conteúdo ensinado <b>6</b>	Falta de material para as aulas práticas <b>5</b>
	Desigualdade de gênero <b>15</b>	Exclusão das pessoas por diferenças corporais <b>12</b>
	Diferenças corporais <b>6</b>	Sexismo nas aulas <b>3</b>
	Falta de acessibilidade <b>2</b>	

Fonte: produção da autora (2022).

Nessa categoria, os estudantes das escolas públicas trouxeram como possíveis elementos que podem gerar dificuldades na superação da desigualdade social nas aulas de Educação Física na escola, de maneira mais expressiva, a desigualdade de gênero, a exclusão das pessoas por conta das diferenças corporais, e a falta de materiais para a realização das aulas. Esses elementos ficam evidentes nas respostas a seguir:

[...] a falta de material para participar das aulas praticas de alguns alunos de escola publica (Masc, 18, 3°).

[...] as pessoas relativamente fracas ou ruins em certo esportes vão ficar de fora, lei da selva (Masc, 18, 3°).

[...] tipo os meninos jogam com meninos e meninas com menina, assim eu acho que poderia ser tudo misturado (Fem, 18, 2°).

Sobre o que diz respeito a falta de materiais, esses aspectos são confirmados nas palavras de Akkari (2001), ao dizer que essas prerrogativas fazem parte de uma discussão frequente sobre a qualidade do ensino nas escolas públicas. Sob a clareza de que tal situação, alimenta a

desigualdade estrutural e a injustiça social de uma rede de ensino. O autor acrescenta que essa falta de qualidade, por vezes, é utilizada como explicação para as dificuldades da rede pública brasileira. Contudo, sabemos que explicar por explicar só, não basta. É necessário intervenções administrativas, políticas, sociais, que caminhem no sentido da ruptura dessas desigualdades.

No que tange aos aspectos voltados a desigualdade de gênero nas aulas, Lins (2018) já sinalizava a presença desses aspectos nas aulas de Educação Física. O referido autor diz que as aulas de Educação Física são um espaço propício para o desenvolvimento de debates e reflexão crítica sobre esses aspectos, já que nessas aulas a dicotomia entre os gêneros ficam mais evidentes.

Além disso, Lins (2018) destaca que acrescidas as questões de gênero, as aulas de Educação Física desperta em alguns estudantes, um sentimento de rejeição, que pode ser explicado. O autor destaca, que até pouco tempo a Educação Física era pautada por um modelo reducionista, onde o corpo, a aptidão física e o desempenho eram os objetos mais importantes.

Talvez, por isso, que outros elementos identificados pelos estudantes como algo que dificulta o fim da desigualdade social em contexto da Educação Física foram o sexismo nas aulas e a falta de acessibilidade para as pessoas com deficiência, como também, para as pessoas que não possuem habilidades tão desenvolvidas para determinada prática. Os estudantes apontam que:

Pessoas com deficiência acabam ficando "excluído" homossexuais, lésbicas e acaba gerando o preconceito (Masc, 15, 1º).

Nosso ensino é muito limitado. Uma pessoa que usa cadeira de rodas não poderia praticar um esporte como futebol (Fem, 15, 2º).

Quando a quadra é separada por meninos e meninas, e os meninos jogam futebol, e as meninas não podem elas jogam queimada ou ficam na arquibancada. Também quando vão escolher time, eles olham pela aparência, e escolhem os mais fortes aparentemente (Fem, 14, 1º).

No que tange os aspectos do sexismo nas aulas, cabe citar Sousa e Altmann (1999), os autores afirmam que esses aspectos trazem um caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilitando perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais. Os autores destacam que “ainda, que imbricadas às diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres estão outras social e culturalmente construídas” (Sousa; Altmann, 1999, p.3). Ocasionalmente, por vezes, no que a estudante (Fem, 14, 1º) destaca, aulas onde meninas e meninos são separados, cada um executa uma atividade diferente, tornando a prática pedagógica e a construção do saber nas aulas de Educação Física, algo fragmentado.

Em que pese a falta de acessibilidade para as pessoas com deficiências, nas aulas de

Educação Física, cabe citar Castro e Telles (2020). Entendemos com os autores que os estudantes devem se adaptar ao ambiente escolar em uma perspectiva inclusiva, tendo direito a recursos estruturais, comunicacionais, metodológicos, instrumentais. Esses recursos, segundo os autores, devem fazer parte das aulas de Educação Física, já que essa, é um componente curricular obrigatório da Educação Básica, e como tal, recebe estudantes com deficiência em suas práticas pedagógicas.

Além disso, nos chama atenção na resposta da estudante (Fem, 15, 2º) o termo “ensino limitado”, para relatar a não participação de uma pessoa que usa a cadeira de rodas nas aulas de Educação Física. Isso porque, nos remeteu ao que Castro e Telles (2020) já vinham buscando compreender. Os autores referidos, enfatizam que um dos motivos para que situação como essas acontecem nas aulas de Educação Física, diz respeito ao sentimento de despreparo profissional dos professores e a falta de formação inicial dos mesmos. Nos fazendo refletir sobre a importância no investimento na formação de professores, seja por meio de disciplinas, cursos, projetos, estágios que possibilitem a vivência desses docentes em formação, com realidades que problematizam e estimulam a inclusão.

Depreendemos, também a partir das respostas dos estudantes das escolas públicas, que a forma como os professores tratam o conhecimento trabalhado nas aulas, como também, a relevância que é dada ao conhecimento prático da cultura corporal, pelos próprios estudantes ou professores, podem ser elementos negativos para a superação da desigualdade social, em contexto da Educação Física escolar. Como podemos observar na resposta dos/as estudantes

Por conta de quem talvez em uma escola privada há um professor profissional na educação física onde ele trabalha a saúde física e mental, e nas escolas públicas não seja muito trabalhado isso (Fem, 15, 2º).

Depende do contexto aqui presente, afinal existem várias sociedades, a do futebol e a do vôlei, xadrez e damas, se for essa a questão existe sim, afinal o esporte predominante e o futebol, o investimento nas outras áreas são escassas, de toda forma, se a questão é uma globalização das sociedades, "A Sociedade" acredito que se existe é bem pouco, ou se for grande não se mostra tão presente (Masc, 16, 3º).

De acordo com Santini e Molina Neto (2005), o trato negligenciado dos conteúdos da Educação Física, durante as aulas, podem também, estabelecer relação com a formação inicial dos professores. Os autores destacam que, muitas vezes, a formação recebida por esses professores foram “[...] excessivamente insuficiente e afastada da prática escolar com pouco valor e utilidade para o trabalho em escolas públicas...” (SANTINI; MOLINA NETO, 2005, p.5). Gerando, ainda segundo os referidos autores, grandes desgastes. Transferindo dificuldades

ao transmitir o conhecimento em suas práticas, comprometendo a qualidade do seu trabalho, das práticas pedagógicas, da aprendizagem dos estudantes e, até mesmo, comprometendo os saberes e conteúdos, utilizados nessas práticas.

Podendo ser, um exemplo disso, o que o estudante (Masc, 16, 3º) traz em sua resposta. A supervalorização de um conhecimento/prática em detrimento de outros. Sobre isso, Oliveira (1998), nos aponta que a Educação Física tem como propósito básico o desenvolvimento do ser humano em todos os seus aspectos,

[...] e não apenas na sua dimensão cinética, motora ou biomecânica. A intencionalidade e a significação do movimento humano no plano da cultura o diferenciam fundamentalmente do movimento dos demais seres. Essa qualidade que tem o corpo do homem de comunicar-se e relacionar-se se define em relação a um corpo material, determinado por um mundomaterial, numa perspectiva histórica (OLIVEIRA, 1998, p.5).

Neste sentido, supervalorizar um conteúdo da Educação Física, e negligenciar outro, pode contribuir para a formação de seres que deixam de contribuir para as relações sociais, culturais e corporais.

Ainda sobre a categoria dificuldades, os estudantes de escolas privadas, também, trouxeram elementos que implicam no atraso da superação dessas desigualdades sociais em contexto da Educação Física escolar, estando eles mais associados a falta de materiais para as práticas, e ao trato das pessoas nas suas relações com o outro. Podendo ser observado no quadro a seguir.

Quadro 12- Unidades de registro escolas privadas: categoria dificuldades

Escolas privadas/ Unidades de registro/ Quant		
Categoria dificuldades Dificuldades encontradas na relação desigualdade social- Educação Física escolar	Falta de materiais para as aulas práticas 2.	Menosprezo de pessoas com deficiência 1.
	Preconceito pelo poder aquisitivo 1.	Preconceito com a diferença corporal 1.
	Desigualdade de gênero 1.	

Fonte: produção da autora (2022).

Sobre a falta de material para as aulas de Educação Física, os estudantes destacam que

Existem alunos que não têm sapatos adequados para praticar educação física (Fem, 16, 3º).

Muitas pessoas não têm condições de ter as roupas "ideias" de educação física (Fem, 15, 1º).

Em relação a vestimenta por exemplo, alguns alunos não conseguem ter o tênis ou a roupa necessária (Fem, 16, 2º).

Trazendo a dimensão da falta de materiais para a individualidade dos sujeitos, refletimos sobre a diversidade econômica desses estudantes, mesmo diante do contexto de uma escola privada. Além disso, ficamos surpresas com a maneira que os estudantes interligam a ausência de materiais à excusação das aulas de Educação Física, colocando isso como algo tão negativo, a ponto de ser reconhecido por eles como um elemento que alimenta a desigualdade social em contexto da Educação Física escolar.

Sobre isso, Souto *et al* (2021), vai dizer que esses materiais e estruturas desempenham papel importante para a realização das aulas práticas e teóricas, uma vez que esses materiais implicam na condição confortável para as manifestações corporais. Ainda que esses materiais citados pelos estudantes, não estejam relacionados aos materiais didáticos disponibilizados pela escola, visto que são materiais individuais que podem comprometer o fortalecimento do processo educacional. Isso gera, cada vez mais, a diminuição da participação desses estudantes, o atraso nos conteúdos programados, potencializando as desigualdades.

No tocante ao que diz respeito a temática preconceito pelo poder aquisitivo e preconceito com a diferença corporal, os estudantes vão dizer que “As vezes pode ter algum preconceito pelo corpo de alguém ser diferente” (Masc, 14, 1º). E que, também, “o fato de alguém ser pobre pode gerar algum tipo de preconceito” (Masc, 17, 3º). Nos levando a compreensão de que essas formas de preconceito, já são o reflexo da própria desigualdade social gerada e estimulada em contexto da Educação Física escolar.

Além disso, esses participantes chamaram atenção para a desigualdade de gênero nas aulas, sendo essa uma desigualdade social que, segundo um dos estudantes, é a mais perceptível nas aulas de Educação Física, como também, o trato sem responsabilidade com as pessoas com deficiência nas práticas.

Os participantes de forma geral, trazem em suas respostas aspectos que aproximam os grupos sociais, no sentido de suas condutas e comunicações sociais. Os dados extraídos das respostas dos estudantes do Ensino Médio, tanto das escolas públicas, quanto das escolas privadas, apontaram elementos que perpassaram nas duas realidades. Apresentando afinidades entre os sujeitos e o objeto em questão, carregando a marca dos sujeitos e de suas atividades. Fazendo com que, cada vez mais, chegássemos perto do nosso objeto de Representação Social.

Sob a clareza de que

O estudo do fenômeno cognitivo se faz a partir dos conteúdos representativos, tratados nos diferentes suportes: linguagem, discurso, documentos, práticas, dispositivos materiais, sem prejudicar a existência de correspondência entre os eventos intra-individuais, ou das hipóteses coletivas (espírito, conhecimento do grupo) (JODELET, 2001, p.17).

Neste sentido, a seguir, iremos discorrer sobre os possíveis potencializadores das desigualdades sociais em contexto da Educação Física. Considerando que esses potencializadores resgatam constituintes das representações, como: formações, valores, imagens, crenças, opiniões, elementos culturais e ideológicos, etc.

### ***5.3.3 Possíveis potencializadores das desigualdades sociais em contexto da Educação Física escolar***

Ao reconhecer que existe uma relação viva, no ambiente escolar, entre Educação Física-desigualdade social, que formula conceitos, além de apresentar exemplos de situações configuradas, por eles, como desigualdade na escola, os estudantes seguem trazendo elementos de ancoragem da desigualdade social, nesse contexto. Chegando mais próximo do que seria a naturalização dessa relação (JODELET, 2001), conferindo uma realidade plena, ao que antes era apenas abstração.

Nesse movimento de ancoragem, analisamos as unidades de registro, categorizando-as como possíveis potencializadores das desigualdades sociais em contexto da Educação Física escolar. Tais unidades foram extraídas a partir da pergunta de número 10 (Quadro 1). A pergunta, questionava os estudantes a respeito de palavras que eles escolheriam para falar sobre desigualdade social em contexto da Educação Física escolar e o porquê da escolha, dando como opção as palavras: sexismo, corpo, gênero, deficiência, diferença, econômico, cultura, biológico.

Diferentemente das outras perguntas, essa, permitiu a observação de diferentes unidades de contexto, para unidades de registros iguais. Como exemplifica o quadro abaixo (Quadro 13), segundo a regra de enumeração (frequência)<sup>6</sup>, utilizada na análise de conteúdo realizada, pudemos perceber que as questões de **gênero**, as **deficiências**, **corpo**, **sexismo** e **diferença** formam as que mais apareceram nas respostas dos estudantes do Ensino Médio das escolas públicas.

Quadro 13- Unidades de registro das escolas públicas: categoria identificação

<b>Escolas públicas/ Unidades de registro/ Quant</b>		
<b>Categoria identificação</b>	Questões de gênero <b>55</b>	Deficiência <b>47</b>
Reconhecimento de	Corpo <b>38</b>	Sexismo <b>36</b>

<sup>6</sup> “A frequência é a medida mais geralmente usada. Corresponde ao postulado (válido em certos casos e noutro não) seguinte: a importância de uma unidade de registro aumenta com a frequência de aparição”. (BARDIN, 1977, p.109)

possíveis potencializadores das desigualdades sociais nas aulas de Educação Física	Diferença <b>24</b>	Econômico <b>7</b>
	Cultura <b>5</b>	
	Biológico <b>2</b>	

Fonte: produção da autora (2022).

Sobre o que diz respeito as questões de gênero, os estudantes apontam como um potencializador, porque atribuem às falas e comportamentos de seus colegas e professores, características de desigualdade relacionada ao gênero dos sujeitos. Podemos evidenciar isso, nas respostas (pergunta 10 do quadro 1) a seguir:

Sobre "esportes de meninos" e "esporte de meninas", meninos jogam futebol, meninas pulam corda. Sobre os meninos terem mais força, meninas serem mais fracas (Fem, 17, 3°).

Gênero porque há a questão do machismo, que é enorme nessa área. Muitas mulheres são criticadas ao praticarem educação física, assim como seus corpos também são (Fem, 16, 3°).

Gênero principalmente o feminino, duvidam bastante do potencial de mulheres e até meninos de meninos que as vezes é bastante julgado por não se considerar do mesmo gêneros que os de mais (Fem, 17, 1°).

No que tange os aspectos relacionados as questões de gênero, nas aulas de Educação Física, Sousa e Altmann (1999), nos alertam que a ideia de gênero está fundada nas diferenças biológicas entre os sexos e que, por isso, aponta para um caráter implicitamente relacionado ao que é masculino e feminino. Além disso, os autores apontam que, falar de gênero é, também, compreender que vai existir relação com outros elementos sociais, pois

[...] não somos vistos(as) de acordo apenas com nosso sexo ou com o que a cultura fez dele, mas de uma maneira muito mais ampla: somos classificados(as) de acordo com nossa idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre muitas outras. Isso ocorre nos diversos espaços sociais, incluindo a escola e as aulas de educação física, sejam ministradas para turmas do mesmo sexo ou não (SOUZA; ALTMANN, 1999, p.55).

Talvez, por isso, que as questões de gênero aparecem relacionadas ao corpo dos estudantes, principalmente, ao corpo feminino. Os estudantes sinalizaram que:

Muitas vezes meninas evitam a pratica de educação física por vergonha do seu corpo (Masc, 18, 3°).

Gênero principalmente o feminino, duvidam bastante do potencial de mulheres e até meninos de meninos que as vezes é bastante julgado por não se considera do mesmo gênero que os de mais. Corpo- já ouvir bastante em uma coisa chamada porte físico que eu vejo sem necessidade (Fem, 17, 1°).

Essa relação estabelecida entre corpo e gênero foi realizada por boa parte dos estudantes das escolas públicas, até mesmo, por aqueles que nem escolheram a palavra gênero como uma das principais na relação da desigualdade social em contexto da Educação Física.

A relação entre corpo e gênero, nos chamou atenção, nos remetendo ao que Santos e Moreira (2021) já vem elaborando. Os autores entendem que falar de corpo no ambiente escolar é adentrar num universo complexo, onde, pode gerar diversas discussões em torno da preocupação com a disciplina corporal desses estudantes. Além disso, para os autores, o corpo é uma condição existencial, na qual, não pode ser silenciada no ato educativo.

Neste sentido, cabe a Educação Física escolar transformar sua prática pedagógica, em grandes projetos de humanização. Executando práticas com o olhar da corporeidade, possibilitando a professores e estudantes o reconhecimento dos corpos por inteiro, direcionando os estudantes para caminhos de destaque corporal, respeitando suas individualidades, seus limites e possibilidades.

Outro fator que nos chamou atenção, foi alguns elementos históricos e culturais, e que perpassaram a história da Educação Física, presentes nas respostas dos estudantes. Sendo tratados como situações recorrentes do dia a dia que, mesmo socialmente sendo reconhecido como um comportamento inadequado, é reproduzido e potencializado nas mais diversas esferas sociais. Como ressalta a estudante a seguir:

Gênero e corpo. Bem desde que nós mulheres existimos, existe desigualdade entre mulheres e homens, antigamente as mulheres sofriam muito, em todos os sentidos. de não poder ter escolha em nada, e desde o início na humanidade sempre teve isso de "isso não é de mulher" "isso não é de homem" e dentro da educação física, a questão é exatamente essa de "mulher não pode fazer isso" "porquê ela tá fazendo isso? Isso é coisa de homem" normalmente os jogos são futebol, e eu nunca joguei, por quê os meninos não deixavam, assim como várias outras meninas, sempre quis mas não podia pelo simples fato de ser mulher, eles acham que somos fracas, e precisamos de um homem para viver, mas a verdade é que se não fosse uma mulher não existiria 7 bilhões de pessoas no mundo, -"ah, mas pra poder gerar precisa de um homem e uma mulher" Não, é possível sim uma mulher gerar sem precisar de um homem, foi comprovado cientificamente. A questão não é o gênero e sim a imaturidade dos homens. E sobre o corpo na educação física, pessoas muitos magras ou gordas, são excluídas por acham que são fracas e não conseguem, fazer o que os outros fazem, por isso essas pessoas normalmente sentam não fazem nada e só ficam sentada por medo de ser julgado (Fem, 14, 1º).

A resposta da estudante acima, só reforçou quanto essa história é marcada pela

[...] aparência das diferenças biológicas entre os sexos ocultaram-se relações de poder – marcadas pela dominação masculina – que mantiveram a separação e a hierarquização entre homens e mulheres, mesmo após a criação da escola mista, nas primeiras décadas deste século. Buscou-se manter a simbologia da mulher como um ser dotado de fragilidade e emoções, e do homem como força

e razão, por meio das normas, dos objetos, do espaço físico e das técnicas do corpo e dos conteúdos de ensino, fossem eles a ginástica, os jogos ou – e sobretudo – os esportes (SOUZA, 1999, p.57).

Colaborando para o atraso da superação dessas desigualdades e, conseqüentemente, provocando nas vivências dos estudantes, práticas que denunciam o favoritismo, a exclusão, o preconceito, o bullying, etc.

Outra unidade temática, apontada como potencializadora da desigualdade social na Educação Física escolar, pelos estudantes de escola pública, foi a **deficiência**. Os elementos da desigualdade social relacionados a deficiência, aparecem nas respostas dos estudantes de duas formas. A primeira, diz respeito a ideia de que os estudantes com deficiência não poderiam praticar as aulas de Educação Física. Tendo como justificativa, sua condição física e rendimento nas atividades propostas, diante da deficiência. A partir desse olhar, os estudantes trazem respostas como:

[...] muitos deficientes querendo ou não sofrem um pouco pra praticar a Ed.Física por causa de uma perna ou um braço a menos ou a "demência" não deixa isso e triste mais e a realidade, mais tentamos ajudá-los do jeito que podemos (Masc, 16, 2°).

[...] pois quem tem alguma deficiência ele vai ter dificuldade em algum esporte que o professor passou (Masc, 18, 2°).

[...] Esses são bem utilizados nas aulas de educação física, porque as pessoas consideram essas pessoas fracas e lentas (Masc, 17, 2°).

Percebemos que os estudantes utilizaram de adjetivos para caracterizar os indivíduos com deficiência, estando esses relacionados ao que é forte ou fraco, lentos ou rápidos. Sempre estabelecendo relação com capacidades e habilidades corporais para a prática da Educação Física. Como se existisse um padrão pré-estabelecido, e que garantisse o direito a prática nas aulas.

Sobre isso, podemos compreender com Gregoul, Malagodi e Carraro (2018) que, durante muitos anos a Educação Física se mostrou à margem das discussões sobre a inclusão de pessoas com deficiência nas aulas. Embora muitas crianças e adolescentes com deficiência tenham acesso a escola regular, por vezes, elas são dispensadas das aulas de Educação Física, até mesmo, pela insegurança do(a) professora(a). Contudo, os autores destacam que, isso acontece, pela falta de estratégias de ensino para atender e incluir de uma maneira responsável esse público.

Devemos considerar, também, que muito disso se dá pela falta de apoio recebido pela escola, “[...] que envolve a disponibilidade de recursos humanos, materiais e financeiros para o

trabalho com os alunos com deficiência [...]” (GREGOUL; MALAGODI; CARRARO, 2018, p.39).

Semelhante a isso, outra perspectiva elencada pelos estudantes, sobre a unidade temática deficiência e desigualdade na Educação Física, esteve relacionada a falta de recursos, serviços e atitudes na prática pedagógica da Educação Física. Os estudantes trazem que:

[...] não há acessibilidade na educação física para pessoas com deficiência (Fem, 16, 3°).

[...] alunos que são cadeirantes, por exemplo, não participam de grande parte das atividades de educação física, é preciso essa inclusão. Não apenas essa deficiência como tantas outras, é tratada diferente em vários esportes. Exemplo dessa falta de valorização são os jogos paralímpicos (Fem, 17, 3°).

[...] nem todas as aulas são pensadas com inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência (Fem, 17, 2°).

As respostas acima nos deixaram em alerta para algo que já vem sendo discutido no cenário brasileiro, não só pensando a Educação Física, mas a escola como um todo, que é o fator acessibilidade. Não só, sob o que diz respeito a estrutura da escola, os materiais das aulas, mas, a acessibilidade que agrega o fator atitudinal. Por meio de ações, metodologias, escolhas pedagógicas que despertem o potencializador da inclusão, fazendo com que todos se sintam pertencentes ao espaço pedagógico e, conseqüentemente, à vontade para aprender.

Além das unidades gênero e deficiência, outras duas que tiveram destaque pelos estudantes das escolas públicas foram as unidades **corpo** e **sexismo**. Por vezes, essas duas categorias foram expostas pelos estudos de forma interligada. Ora relacionando o sexismo as diferenças corporais, ora o corpo e suas particularidades sendo a causa do sexismo. Como podemos observar nas respostas a seguir:

[...] corpo: pessoas acima do peso. Sexismo; com uma mulher se exercitando (Fem, 15, 1°).

[...] corpo pois acham que não podem fazer as coisas, sexismo por que acham que as mulheres não podem fazer o que os homens fazem (Fem, 17, 1°).

Contudo, a unidade corpo, aparece mais vezes, dissociada do sexismo. Trazendo uma relação de corpo e insatisfação pessoal ou, até mesmo, de corpo e padrões sociais estabelecidos para a prática de tal exercício. Essas questões ficam evidentes quando os estudantes trazem:

[...] muitas pessoas não gostam de praticar por estarem acima do peso, ou não sentir confortáveis (Fem, 17, 2°).

[...] Porque existem corpos mais gordos, eles possuem mais dificuldade em

fazer as aulas, vergonha de participar e até excluídos por isso (Masc, 15, 1º).

[...] o corpo que novamente algumas pessoas não fazem educação física porque não estão em forma. Ou seja tudo preconceito (Masc, 16, 1º).

[...] assim como pessoas acima do peso ou muito magras acabam tendo dificuldade nos exercícios e por isso também são deixados de fora (Fem, 14, 1º).

Essas respostas nos mostram, quanto é desconfortável para os estudantes perceber que pela diferença corporal, as pessoas são excluídas das aulas ou, até mesmo, não se sentem bem em participar das atividades. Esse olhar, nos remete ao pensamento de Santos e Moreira (2021), os autores exploram o pensamento de que as ações e intenções passam pelo corpo e, somente sendo corpo, é que os sujeitos puderam se relacionar com o mundo e com as atividades de caráter educativo, desenvolvido nos espaços de aula.

Contudo, Probst e Kraemer (2012), nos alertam que ainda existe muito preconceito em relação ao movimento dos corpos na sala de aulas, às vezes, por parte até dos professores. Resultando, em repressão, exclusão aos corpos julgados como diferentes, ou fora dos padrões, pela maioria.

No tocante, foi observado também, que a unidade de registro **diferença** aparece de forma significativa pelos estudantes. Sempre fazendo relação ou acompanhada por outra categoria, como corpo, deficiência e gênero. Os estudantes trazem a diferença como, de fato, sendo algo que não é igual entre os sujeitos, mas que precisa ser compreendido e respeitado. Segundo os estudantes, a diferença, enquanto potencializador das desigualdades sociais na Educação Física escolar, só irá existir, caso não seja respeitada.

O respeito às diferenças é colocado pelos estudantes como algo fundamental para a transformação da desigualdade social na escola e nas aulas de Educação Física. O respeito as diferenças corporais, as diferenças de gênero, sexo, cor. Esse respeito deve existir como base, tanto entre os estudantes, como também, na relação professor (a) – estudante. Evitando assim que, a repetição de relatos como desse estudante: “[...] Por muitas vezes fazer parte disso, eu era muito excluído das atividades e da sala. A própria professora fazia essas coisas” (Masc, 15, 1º).

Para tanto, deve-se respeitar além do corpo dos estudantes, os seus saberes. Sob a clareza de que seus saberes socialmente construídos nas comunidades, podem contribuir para uma prática educativa, cada vez mais, no caminho da transformação (FREIRE, 2015). Sendo aqui, os saberes elaborados em torno da prática da Educação Física.

Além disso, outras três unidades que apareceram ao longo da análise, de maneira menos

expressiva foram **cultura, econômico e biológico**. A cultura apareceu nas respostas como um argumento de exclusão, daquilo que é julgado como diferente. Um exemplo disso, é a resposta dessa estudante, ela diz que: “[...] se a cultura alguns alunos principalmente meninos sexualizam as garotas e certos alunos excluem outros por causa da cultura que é diferente das deles” (Fem, 14, 1º). Assim como essa resposta, tiveram outras que faziam essa relação da cultura com aquilo que é diferente no outro, tendo a ver com as escolhas, a forma de se vestir, de praticar algum exercício físico.

Remetendo, de fato, a ideia de que a cultura é algo socialmente construído e compartilhado pelos diferentes grupos sociais. Incluindo a elaboração “[...] de valores, modelos de vida, constrangimentos e desejos específicos...” (JODELET, 2001, p.14).

As unidades de registro **ecônomico e biológico**, apareceram como elementos que precisam de atenção no ambiente escolar, e que refletem diretamente na Educação Física escolar.

O biológico, no sentido de respeitar os corpos e incluir, cada um a sua maneira, nas práticas pedagógicas. Compreendendo que as diferenças corporais e biológicas não podem ser indicadores para a exclusão dos estudantes, ou da seleção dos melhores. Como nos esclarece O Coletivo de Autores (1992), cabe a Educação Física escolar, tratar dessas questões em seus espaços de aprendizagem. Considerando que os temas da cultura corporal expressam sentidos e significados, em que se interpretam dialeticamente, intencionalidade e objetos do homem e da sociedade. Sob a clareza de que esse

[...] sentido/significado abrange a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica e dança, ou outros temas que venham a compor um programa de Educação Física, têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais do trabalho, preconceitos sociais, raciais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição da renda, dívida externa e outros. A reflexão sobre esses problemas é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social. Isso quer dizer que/cabe à escola promover a apreensão da prática social. Portanto, os conteúdos devem ser buscados dentro dela (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.42).

Sobre os aspectos econômicos, os estudantes trazem a importância de investimentos nos materiais nas práticas, como também, a diminuição das diferenças entre os estudantes que possuem ou não, roupas e sapatos adequados para as aulas. Sendo esse, por vezes, o motivo da não participação das práticas.

Vale ressaltar que dentre as respostas dos estudantes das escolas públicas, muitos deles responderam “não sei” e “não” para algumas das perguntas (Quadro1), como mostra o quadro

14 abaixo.

Quadro 14- respostas escolas Públicas “Não sei” e “não”

<b>Respostas “Não sei” e “Não”</b>	Quant	Quant
	<b>Não sei</b>	<b>Não</b>
O que você entende por desigualdade social?	7	
Você acha que existem desigualdades sociais na escola? cite exemplos.	9	14
Nas aulas de educação física, existem desigualdades sociais? cite exemplos.	6	54
As aulas de educação física escolar podem contribuir para diminuir as desigualdades sociais? como?	17	3
Dentre as palavras abaixo, escolha duas que mais representam as desigualdades sociais nas aulas de educação física na escola. justifique a escolha.	1	1

Fonte: produção da autora (2022).

Contudo, os mesmos estudantes das escolas públicas que responderam que não existem desigualdades sociais nas aulas de Educação Física, foram os que escolheram palavras que representam as desigualdades sociais nas aulas de Educação Física e, além de escolher, justificaram suas escolhas trazendo situações e vivências da sua realidade. O que nos coloca diante de uma situação clara da objetivação da desigualdade social, nesse contexto. Os estudantes, foram trazendo elementos sobre a desigualdade social em contexto da Educação Física escolar, que levaram a transformação daquilo que era abstrato, nas respostas da pergunta sobre a existência da desigualdade na Educação física escolar, a algo tangível, nas respostas da pergunta que pedia para apontar as palavras que representavam a desigualdade social nas aulas de Educação Física.

Os estudantes foram trazendo elementos em suas respostas que deram significados ao seu ambiente, as suas experiências, de modo que os exemplos citados por eles ganharam concretude, sentido e significado, para justificar as escolhas das palavras. Conferindo ao objeto representado “[...] atributos, conotações que não lhe pertencem, procede de uma agregação de significação devida a bloqueios do sujeito e ao seu imaginário” (JODELET, 2001, p.16).

Já os estudantes do Ensino Médio das **escolas privadas** de Pernambuco apresentaram questões que envolvem o corpo, as questões de gênero, econômicas, diferenças, deficiência e sexismo, como sendo os elementos mais potencializadoras para as desigualdades sociais nas aulas de Educação Física, como exemplifica o quadro 15.

Quadro 15- Unidades de registro escolas privadas: categoria identificação

<b>Escolas privadas/ Unidades de registro/ Quant</b>
--

Categoria identificação Reconhecimento de possíveis potencializadores das desigualdades sociais nas aulas de Educação Física	Corpo <b>6</b>
	Diferença <b>3</b>
	Sexismo <b>3</b>
	Questões de gênero <b>5</b>
	Deficiência <b>3</b>
	Econômico <b>5</b>

Fonte: produção da autora (2022).

Sobre as questões que dizem respeito aos potencializadores voltados ao **corpo**, os estudantes das escolas privadas de Pernambuco apontam que as diferenças corporais, por vezes, têm sido o motivo de exclusão das práticas nas aulas de Educação Física, gerando um tratamento desigual entre os estudantes e, até mesmo entre estudantes e professor. Podemos perceber nas respostas a seguir:

[...] Em relação ao corpo, as pessoas que tem alguns quilos a mais são vistas como incapacitadas ou mais fracas para entrar no "time" (Fem, 15, 1º).

[...] o fato de alguém estar acima do peso pode gerar certo preconceito (Masc, 17, 3º).

[...] por que pode haver indiferença com alguém por causa do seu corpo (Masc, 14, 1º).

Essa relação entre corpo e desigualdade social evidencia os preconceitos e situações de indirefença, geradas pela falta de respeito com o que é diferente. Diferenças essas, que podem estar relacionadas não só ao corpo, mas ao gênero desses indivíduos, as escolhas sexuais, as condições financeiras e dentre outros elementos que potencializam atitudes e tratamentos que estimulam a desigualdade.

Nesse contexto, as questões de gênero também foram colocadas pelos estudantes como algo que representa a desigualdade social na Educação Física escolar. Principalmente quando coloca em questão a capacidade de prática de um indivíduo de um determinado gênero, em comparação a outro de um gênero diferente. Como exemplo disso, os estudantes dizem:

[...] o fato de algumas meninas não saberem praticar alguns esportes pode gerar um certo preconceito (Masc, 17, 3º).

[...] as meninas acabam sendo pré-julgadas de incompetentes nas aulas, principalmente de esportes (Masc, 16, 2º).

Nos chama atenção, a relação estabelecida entre desigualdade social e o não saber das meninas nas práticas esportivas. Podemos observar que tal relação não é realizada apenas na

atualidade, por estudantes do Ensino Médio. Essa aproximação é realizada desde muito tempo, como salienta Altmann (1998). A autora nos esclarece que diversos conflitos são enfrentados nas aulas de Educação Física, tendo como pauta as relações hierarquizadas de gênero, com dominação masculina. A referida autora aponta que essa hierarquização gera imagens de uma masculinidade forte, violenta e vitoriosa, que transpassa a Educação Física escolar. Gerando situações desconfortáveis na prática pedagógica, como a exclusão, que

[...] não se manifestava apenas quando o jogo era praticado entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, ela não era um problema somente de gênero. Gênero, idade, força e habilidade eram critérios – entre possíveis outros – que formavam um emaranhado de exclusões nessas atividades (ALTMANN, 1998, p.96).

Já nas unidades **deficiência** e **diferença**, os contextos se relacionam. Os estudantes trazem a diferença como tudo aquilo que gera um estranhamento e comportamento excludente dentro de um coletivo, nas práticas da Educação Física escolar. E estabelecem conexões para as questões voltadas a deficiência. Dizendo que escolhem a palavra deficiência como representante da desigualdade social na Educação Física escolar, porque “[...] não há inclusão dos deficientes nas aulas” (masc, 18, 3º), porque “muitas escolas não são tão inclusivas na hora da prática de educação física” (Fem, 16, 3º).

Esses elementos voltados a deficiência denunciam a falta do olhar sensível e responsável dos agentes sociais no ambiente escolar, professores, gestores, entre outros. Sendo esses, agentes necessários ao fazer da inclusão nos espaços escolares, na sala de aula, nos corredores, nos pátios.

No que tange os aspectos voltados a diferença, Silva (2006) nos esclarece que é algo

[...] socialmente formulada, na razão particular da existência dos grupos sociais que são definidos pelos tipos de interação e intensidade dos conflitos. Diante disso, é pertinente questionar sobre a possibilidade de o indivíduo se diferenciar perante uma realidade que o induz, cada vez mais, a moldar-se ao mundo da produção e à racionalidade tecnológica, condições essas adversas para a afirmação das diferenças e para a participação nos processos coletivos e/ou individuais (SILVA, 2006, p.114).

Estando essa visão de diferença, relacionada as deficiências, Silva (2006) ressalta que essa deficiência

[...] condiciona-se às instâncias valorativas do contexto social que o significa e esse sentido é dado não como uma simples caracterização classificatória do sistema de valores de uma dada sociedade, mas, principalmente, como uma atitude de cunho político, que, além de prescrever encaminhamentos para orientações práticas, causam expectativas sociais em relação às pessoas com deficiência (SILVA, 2006, p.121).

Nesse sentido, a relação de diferença e deficiência apontada pelos estudantes das escolas privadas, afloram na Educação Física escolar, por ser um componente curricular que permite o contato corporal e, conseqüentemente, o exercício constante das habilidades e capacidades corporais, que possibilitam a execução de movimentos, atividades e desafios com o corpo. Colocando assim, os estudantes numa espécie de prova, onde aqueles reconhecidos como melhores, passam para as próximas fases, e os que são reprovados, seguem tentando conquistar legitimidade, reconhecimento e igualdade.

Além disso, os estudantes trazem em suas respostas elementos que envolvem o **sexismo** e os fatores **econômicos**.

O sexismo aparece nas respostas como algo que leva ao tratamento diferente entre meninos e meninas na preparação para a aula de Educação Física e, até mesmo, na participação dela. Por exemplo, uma estudante afirma que “[...] as meninas precisam usar roupas muito curtas e desconfortáveis enquanto os garotos usam algo super confortável e não se preocupam como alguém olha para o corpo deles” (Fem, 15, 1º).

Já os fatores econômicos estão atrelados a falta de condições financeiras à aquisição de materiais para a prática da Educação Física, como destacam os estudantes “[...] por conta do aluno as vezes não conseguir ter a vestimenta pedida (Fem, 16, 2º); “[...] pela a falta de condições financeiras para praticar educação física” (Fem, 16, 3º).

Além disso, tiveram aqueles estudantes das escolas privadas que responderam “Não” e “ Não sei” para algumas perguntas, como mostra o quadro 16.

Quadro 16- Respostas “Não” e “Não sei” dos estudantes das escolas privadas

Respostas “Não sei” e “não”	Quant não sei	Quant não
O que você entende por desigualdade social?	1	
Você acha que existem desigualdades sociais na escola? cite exemplos.		
Nas aulas de educação física, existem desigualdades sociais? cite exemplos.	2	1
As aulas de educação física escolar podem contribuir para diminuir as desigualdades sociais? como?	2	1
Dentre as palavras abaixo, escolha duas que mais representam as desigualdades sociais nas aulas de educação física na escola. justifique a escolha.		

Fonte: produção da autora (2022).

De modo geral, os estudantes das escolas públicas e privadas trouxeram elementos que dizem da presença da desigualdade social no ambiente escolar e em contexto da Educação Física. Entretanto, nos chama atenção como realidades tão diferentes apresentaram potencializadores, tão parecidos, da desigualdade social nas aulas de Educação Física. Havendo

essa aproximação, até mesmo, por meio dos exemplos citados por eles, pelas justificativas dadas ao serem questionados sobre a palavra que mais representa as desigualdades sociais nas aulas de Educação Física, pelos conceitos elaborados sobre o que é desigualdade social.

Todas as respostas, de alguma forma, nos levam a questionar sobre a influência que a prática pedagógica de uma disciplina pode ter, sobre algo que é compartilhado por mais de uma realidade. Se isso acontece e, por meio do reconhecimento, da elaboração de conceitos, justificativas e exemplos, os estudantes conseguem expressar os seus pensamentos sobre a relação desigualdade- social e Educação Física escolar. Eles também alcançam a idealização de uma vida sem a presença dessas desigualdades sociais, que tanto incomodam.

Por isso, a seguir iremos apresentar as possíveis contribuições das aulas de Educação Física, para a superação das desigualdades sociais, segundo os estudantes do Ensino Médio das escolas públicas e privadas de Pernambuco.

#### ***5.3.4 Contribuições da prática pedagógica da Educação Física na superação das desigualdades sociais***

No livro Metodologia do Ensino de Educação Física (1992), escrito por um Coletivo de Autores, o conhecimento escolar é reconhecido como algo que é colocado dentro de um quadro referencial filosófico, científico, político e cultural. Os autores, discutindo que a Educação Física faz parte desse quadro, compreendem que só faz sentido ir em busca da contribuição desse conhecimento, se ele caminhar no propósito de sua transformação.

Nesse contexto, talvez, analisar as respostas dos estudantes a partir da pergunta: As aulas de Educação Física escolar podem contribuir para diminuir as desigualdades sociais? como? Tenha sido um exercício de relacionar à prática da Educação Física escolar à quebra de paradigmas associados às desigualdades sociais, enraizados nas práticas pedagógicas desse componente curricular. Atribuindo a tal quebra, uma possibilidade de contribuição para as transformações sociais e, nesse contexto, para a superação das desigualdades sociais.

Com isso, apresentaremos a seguir as unidades de registro referentes a categoria **contribuições**, a partir das respostas dos estudantes do Ensino Médio das escolas públicas de Pernambuco, expostas no quadro 17.

Quadro 17- Unidades de registro das escolas públicas: categoria contribuições.

<b>Escolas públicas/ Unidades de registro/ Quant</b>		
<b>Categoria contribuições</b>	Atividades que todos da classe	Eventos esportivos 1

Contribuições da prática pedagógica da Educação Física na caminhada de superação das desigualdades sociais.	participem <b>17</b>	
	Prática de esportes considerados físico e mental <b>4</b>	Incluir pessoas nas práticas <b>17</b>
	Estímulo de valores sociais nas aulas <b>5</b>	Investimentos igualitários <b>2</b>
	Ensino mais dinâmico <b>2</b>	Tratando os estudantes de igual maneira <b>5</b>
	Olhar mais atento dos professores <b>6</b>	Melhorar os materiais da prática <b>1</b>

Fonte: produção da autora (2022).

Boa parte dos estudantes, apontaram ao movimento de superação das desigualdades sociais nas aulas de Educação Física a **inclusão das pessoas nas práticas** e a **elaboração de atividades que todos participem**. Essas duas unidades aparecem de forma interligada. Os estudantes atribuem as atividades mais inclusivas e dinâmicas, um caminho para que atitudes que estimulem as desigualdades sociais não sejam reproduzidas nas aulas. Podemos observar isso por meio das respostas:

[...] expondo atividades que sejam abrangente para ambas classes e condicionamento físico. (Masc, 16, 3°).

[...] praticamos com Todos, tentando evitar esses tipos de desigualdade. E tentando fazer um lugar mais acolhedor para todos(as) (Fem, 15, 2°).

[...] nas aulas a participação de todos e aulas dinâmicas onde todos possam participar (Fem, 16, 2°).

[...] Uma aula de educação física não é só para aquecer o corpo, é uma forma de todos possam ser incluídos independentemente se a pessoa tem problemas físicos ou psicológicos (Masc, 17, 2°).

No que compreende essas questões, os estudantes destacam elementos que são indispensáveis nas aulas de Educação Física, como, o olhar sobre o condicionamento físico dos estudantes, a prática de exercícios acolhedores, dinâmicos e que respeitem as diferenças dos corpos, considerando seus fatores psicológicos e físicos.

Sobre isso, podemos esclarecer com o Coletivo de Autores (1992), que se trata da importância de olhar para processos de ensino da Educação Física escolar, dando atenção aos conteúdos trabalhados e suas particularidades. Os autores reforçam que esses conteúdos devem estar vinculados “[...] à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos do aluno, particularmente a sua condição de classe social (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.19).

No tocante, os mesmos autores referidos, também salientam que esses conteúdos devem explicar aos estudantes elementos que estejam relacionadas ao desenvolvimento humano, a

ética, a moral, a ciência, intelectualidade, afetividade. Por isso que, os autores acreditam que os conteúdos que envolvem a cultura corporal são capazes de resgatar tais elementos, no sentido de contribuir, não só com a prática corporal, mas com estudantes, professores, sociedade.

Nesse contexto, talvez por isso, que os estudantes também reconhecem que a participação de todos do momento pedagógico, não só, pode contribuir com a superação das desigualdades sociais, como também, pode potencializar o lado social dos sujeitos envolvidos. E, com isso, além de afirmarem a importância de uma prática pedagógica mais inclusiva, eles trouxeram que essas práticas devem incluir por meio dos elementos da cultura corporal, podendo ser esse, os jogos, os esportes, as lutas, as ginásticas, as danças, dentre outros. Como podemos observar a seguir:

[...] Na maneira de criar jogos e esportes que ajudem na socialização dos alunos e até mesmos os professores (Fem, 16, 2°).

[...] Fazendo jogos que ajude as socializações dos estudantes durante a ação (Masc, 16, 2°).

[...] palestras e exercícios que permitam com que todos da sala de aula sejam inclusos como iguais sem nenhum tipo de diferença (Fem, 15, 1°).

[...] na educação física ocorre de se ter muito trabalho em equipe, por causa dos esportes em conjunto como a queimada que é muito presente (Fem, 14, 1°).

Outra contribuição das aulas de Educação Física para a superação das desigualdades sociais, apontadas pelos estudantes foi a presença de **estímulos relacionados a valores sociais, durante as aulas de Educação Física**. Os estudantes trazem isso como algo inerente a prática da Educação Física na escola. vejamos:

[...] Valores como respeito, senso de justiça e companheirismo são estimulados (Masc, 15, 2°).

[...] o trabalho em equipe durante as partidas podem fazer com que os alunos se conheçam melhor e lidem melhor com várias pessoas (Masc, 15, 2°).

[...] Conscientiza os alunos, fazer com que todos sejam tratados de forma igual, ou até tomar atitudes quando vê uma cena de desigualdade (Fem, 16, 3°).

Mostrando que os estudantes enxergam na Educação Física escolar elementos positivos, que refletem na formação cidadã. Corroborando com o que traz o Coletivo de Autores (1992), ao dizer que, nesse sentido, cabe a Educação Física escolar contribuir

[...] para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos - a emancipação -, negando a dominação e submissão do homem pelo homem (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Além disso, outra unidade que aparece de maneira significativa é o olhar mais atento dos professores. Essa, é entendida pelos estudantes como algo que deve existir na base de todas as práticas pedagógicas, independente da realidade. Os professores, segundo os estudantes, têm o papel de contribuir na superação das desigualdades sociais em contexto da Educação Física, por meio de atividades que mostrem a igual importância de participação de meninos e meninas, propondo exercícios que contribuam para o bem estar dos estudantes, auxiliando na interação e participação dos estudantes nas aulas, avaliando de maneira atenta cada estudante, ao longo dos exercícios propostos. Como exemplifica as respostas abaixo.

[...] com os professores auxiliando de forma que todos participem e interajam, incluindo a todos e principalmente os que tem algum tipo de insegurança em participar (Fem, 15, 1º).

[...] pode ser através da avaliação que é dada durante a aula, se tiver algum problema durante a aula o professor auxilia, e ajuda no psicológico do estudante (Masc, 17, 1º).

[...] fazendo exercícios que contribuam para o bem estar do aluno, não apenas o que os alunos querem mas também aulas teóricas. (Masc, 15, 1º).

Sobre isso, Paulo Freire (2015) nos alerta que para que o professor tenha esse olhar atento aos processos de ensino e de aprendizagem e, que assim, possa caminhar com uma prática progressista, é preciso ter clareza de que

[...] Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivorelativo. Verbo que pede um objeto direto (FREIRE, 2015, p.13).

Nesse contexto, sob a clareza da contribuição da sua prática pedagógica, é que a prática docente pode criar possibilidades para superar questões como: a melhoria do ensino, a ampliação de investimentos nos materiais e serviços para as aulas, o trato dos conteúdos, a sua relação com os estudantes. E, talvez, contribuindo para a diminuição ou, até mesmo, fim, de respostas como essas que os estudantes do Ensino Médio trouxeram, tendo como unidades de registro: **ensino, investimento de materiais e serviços para as aulas; o trato dos conteúdos**

**pelos professores; o trato dos professores com os estudantes.** Sobre isso, alguns estudantes reforçam a necessidade de investimento igualitário nas aulas, independente das realidades. Como podemos observar:

[...] O combate a desigualdade certamente é com a igualdade, e isso se aplica a está questão aqui, mostrando um equilíbrio entre as classes presentes na educação física, investimento igualitário, e certamente justo, pode sim diminuir a desigualdade social... (Masc, 16, 3º).

[...] Democratizando o acesso à educação de maneira igualitária aos estudantes de diversas escolas, independente de sua classe. Logo, expandir seu ensino e suas práticas na vida de cada estudante (Fem, 17, 3º).

[...] melhorar a quadra da escola, ter teto na quadra e outras coisas, (fem, 17, 3º).

Certamente, essas contribuições da prática pedagógica da Educação Física escolar para a superação das desigualdades sociais, apontadas pelos estudantes do Ensino Médio das escolas públicas de Pernambuco, não são as salvadoras de todos os problemas relacionados às desigualdades. Mas, são contribuições que, ao ver dos estudantes, podem levar a caminhos mais seguros de transformação. Modificando um cenário de exclusão, desconforto e desigualdade, em um cenário de inclusão, conforto e igualdade entre os sujeitos da prática.

Sobre essas contribuições, os estudantes das escolas privadas, também, apontaram elementos da prática pedagógica da Educação Física, que possam agregar na superação das desigualdades sociais. Estando esses elementos atrelados a **inclusão das diferentes realidades a prática pedagógica, a produção de aulas mais acessíveis a todos, o estímulo de um ensino mais eficaz, a preocupação com a formação social dos estudantes, a oportunidade e incentivos nos momentos de prática e a realização de eventos esportivos.** Como mostra o quadro 18 a seguir.

Quadro 18- Unidades de registro escolas privadas: categoria contribuições

Escolas privadas/ Unidades de registro/ Quant				
Categoria contribuições Contribuições da prática pedagógica da Educação Física na caminhada de superação das desigualdades sociais.	Agregar realidades diferentes na prática	4	Ensino eficaz	1
	Aulas acessíveis para todos	1	Oportunidades e incentivos	1
	Eventos esportivos	1		
	Preocupações com questões sociais	1		

Fonte: produção da autora (2022).

Alguns estudantes trazem como contribuição da prática pedagógica da Educação Física na caminhada de superação das desigualdades sociais, o movimento de

[...] juntar realidades diferentes a jogar aquele jogo ou fazer aquele exercício” (Masc, 15, 1º).

O fato de estarem juntos realizando as atividades sejam práticas ou teóricas, ajuda para que os alunos se conheçam melhor evitando preconceito com certas diferenças (Masc, 17, 3º).

Além disso, os estudantes reconhecem que a prática de eventos que promovem atividades voltadas a Educação Física possam, também, contribuir nessa caminhada de superação. Como podemos identificar nas respostas:

[...] uma boa ideia é por meio de campeonatos e aulas que possam abraçar todos os tipos de pessoas e suas condições (Fem, 15, 1º).

Sim, ligada a projetos sociais (Fem, 16, 2º).

Sobre isso, o Coletivo de Autores (1992) vai dizer que, a prática de atividades que envolvam os esportes, por exemplo, permite tais contribuições, apontadas pelos estudantes, se forem tratados pedagogicamente evidenciando “[...] o sentido e o significado dos valores que inculca e as normas que o regulamentam dentro de nosso contexto sócio-histórico” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.28).

Os estudantes também trouxeram em suas respostas, a importância de abranger todas as classes, gêneros e individualidades de maneira adaptada, respeitando a série escolar dos sujeitos da aprendizagem. Associados a essa inclusão das diferenças, maior incentivo e oportunidades nas práticas pedagógicas, sejam elas de caráter mais teórico ou prático.

Tornando necessário, não só, dar atenção as questões pedagógicas e metodológicas, mas a individualidade de cada sujeito da aprendizagem. Sob a compreensão de que a Educação Física escolar não deve se prender apenas ao alcance de resultados, metas, e potencialidades físicas.

Com base nas respostas dos participantes, tanto de escolas públicas, quanto das escolas privadas, pudemos perceber que a Educação Física escolar comunga de necessidades semelhantes, mesmo diante de realidades diferentes. Permitindo assim, a aproximação das representações sociais que circulam nosso fenômeno de representação, a desigualdade social em contexto da Educação Física escolar.

Neste sentido, percebemos que o direcionamento dos estudantes para as desigualdades sociais em contexto da Educação Física escolar, foi dado a partir das experiências de suas práticas pedagógicas ou de suas bagagens de aprendizados, envolvendo situações práticas

durante a vida escolar. Isso nos provoca a compreensão de que essas representações sociais já estavam passando por um processo de afirmação, problematização, inquietação e que, agora, podem ser explicadas e compreendidas a partir “[...] de suas condições de emergência e de circulação, que são as interações e as comunicações sociais” (JODELET, 2005, p.47).

## CUMPRIMENTO FINAL

O ato de cumprimentar, nos eventos que envolvem práticas da Educação Física, corresponde a um gesto de respeito, saudação e reconhecimento do trabalho de todos aqueles envolvidos. No presente trabalho, trago as considerações finais, não como as últimas palavras de um estudo, mas como o reconhecimento e cumprimento a todos os estudantes e estudiosos que fizeram parte dessa pesquisa.

Estudar sobre a prática pedagógica da Educação Física escolar, para mim, enquanto professora de Educação Física, sempre foi um grande desafio. Não só, por resgatar o desejo de transformar essa prática, no cenário Pernambucano, mas também, por compreender que discutir sobre a Educação Física, em contexto da Educação, é um ato de amor e resistência, que se fundamenta na vontade de criar novas possibilidades de ensino, de projetos sociais, de visão de mundo, a partir do olhar atento as linguagens corporais, atreladas a tudo aquilo que envolve os jogos, as lutas, os esportes, as danças, as ginásticas e todos os exercícios agregados a esse componente curricular.

Nesse sentido que, ao buscarmos compreender a relação desigualdade social-prática pedagógica da Educação Física escolar, por meio das representações sociais de desigualdade social compartilhadas por estudantes do Ensino Médio das escolas públicas e privadas de Pernambuco, conseguimos estreitar as relações de identificação dessas representações sociais. Como também, nos aproximar dos elementos dessas representações sociais que amparam as relações entre a desigualdade social-prática pedagógica da Educação Física escolar, no campo investigado.

Considerando que, ao longo do estudo, trabalhamos com os processos de objetivação e ancoragem, identificamos que, sobre o que diz respeito as representações sociais de desigualdade social, os estudantes de escolas públicas apresentam com maior ênfase os temas: **diferença financeira, exclusão de pessoas, dificuldade de acesso e serviço, preconceito racial, prática de bullying, privilégios, tratar o próximo com diferença, desvalorização de materiais**. Já os estudantes de escolas privadas trouxeram elementos de representação social que circulam entre as temáticas: **diferença de classes, condição financeira, privilégios, diferença ao tratar o próximo, falta de oportunidade, exclusão de grupos sociais**.

Ambos os grupos destacam elementos de representação social que se aproximam, principalmente, daquilo que diz respeito as diferenças de classes, as desigualdades econômicas e aos reflexos de comportamentos e linguagens que interferem no trato interpessoal no ambiente escolar. Denunciando o quanto essa representação é latente e clara, aos olhos dos estudantes,

sejam eles de escolas públicas ou privadas.

Sob o que compreende os elementos apreendidos dessas representações sociais, amparados às relações entre a desigualdade social-prática pedagógica da Educação Física escolar, observamos que os estudantes das escolas públicas apontam enquanto principais elementos: **as questões de gênero, a deficiência, as questões que envolvem o corpo humano, as questões que envolvem as práticas sexistas, as diferenças**. Já os estudantes das escolas privadas, salientaram como os principais elementos dessas representações sociais: **as questões relacionadas ao corpo humano, as questões de gênero, as questões econômicas, o sexismo nas aulas, as deficiências e as diferenças**.

Fica, portanto, evidente as aproximações dos grupos, estudantes das escolas públicas e privadas, sobre o que relaciona a representação de desigualdade social, em contexto da Educação Física escolar, as questões que envolvem gênero, deficiência, práticas sexistas, corpo humano e questões econômicas. Trazendo uma realidade que aponta para uma linguagem social que visa a busca por essa igualdade. Se os estudantes elencam esses elementos como os principais nas relação das desigualdade sociais- Educação Física escolar, isso significa que já conseguem identificar, na prática pedagógica, ações, linguagens, movimentos, que trazem essa carga das desigualdades.

Tal prerrogativa sobre nossos resultados, só reforça a ideia de Jodelet (2005), quando a autora afirma que

[...] trataremos as representações como uma forma de pensamento social, cuja a gênese, propriedades e funções devem ser relacionadas com os processos que afetam a vida e a comunicação sociais, com os mecanismos que concorrem para a definição da identidade e a especificidade dos sujeitos sociais, indivíduos ou grupos, assim como a energética que está na origem das relações que esses grupos mantêm entre si (JODELET, 2005, p.50).

Além disso, os estudantes, não só, conseguiram materializar a desigualdade em contexto da Educação Física, como também, ao reconhecerem, trouxeram possíveis elementos que dificultam a superação dessas desigualdades no ambiente escolar. Nas escolas públicas, os estudantes chamaram atenção para **a exclusão das pessoas das aulas por suas diferenças corporais, o exercício das desigualdades de gênero, o menosprezo de pessoas com deficiência, a diferença no trato do conteúdo ensinado, a desigualdade racial, falta de acessibilidade**, e dentre outros fatores que apotam para uma prática desigual, que salienta, ainda mais, os elementos por eles citados, que estimula a desigualdade social dentro das práticas pedagógicas da Educação Física.

Ainda sobre isso, destacamos os elementos que os estudantes das escolas privadas

trouxeram, enquanto causadores de dificuldades na superação da desigualdade social, em contexto da Educação Física, sendo esses, **a falta de materiais para as aulas, o menosprezo de pessoas com deficiência, o preconceito com as diferenças corporais, a falta de materiais para as aulas e a desigualdade de gênero**. Reforçando, portanto, o que eles trazem enquanto potencializadores das desigualdades sociais em contexto da Educação Física escolar.

Percebemos que, tanto os estudantes de escolas públicas, quanto os de escolas privadas, trouxeram exemplos de suas realidades para falar da presente temática. As respostas ao questionário, nos permitiram observar que a desigualdade social é algo que se sente na pele, independente do contexto. Tal forma de perceber os dados, contribuíram, não só, para compreendermos sobre a desigualdade social em contexto da Educação Física escolar, mas nos permitiu ter mais esperança na superação dessas desigualdades.

Diante disso, os estudantes trouxeram em suas respostas possíveis atitudes, escolhas, gestos que os envolvidos na prática da Educação Física escolar poderiam tomar, de forma que contribuísse com esse processo de superação das desigualdades sociais. Dentre esses fatores, pudemos observar aqueles destacados pelos estudantes de escolas públicas: **atividades que todos participem, inclusão das pessoas nas práticas, olhar mais atento dos professores, tratamento igualitário entre estudantes e professores**, como também, **atitudes pedagógicas que reverberem no ensino desse componente curricular**. Os estudantes de escolas privadas, também, apontaram fatores que acreditam contribuir com essa superação, sendo esses: **agregar realidades diferentes nas práticas, aulas acessíveis para todos, oportunidades e incentivos, eventos esportivos, preocupação com questões sociais e com o ensino**.

Nesse sentido, ficou evidente que os estudantes do Ensino Médio das escolas públicas e privadas de Pernambuco, reconhecem a desigualdade social em contexto da Educação Física enquanto um problema a ser superado. Diante de todos esses elementos apontados por eles, sejam eles relacionados aos **conceitos, as dificuldades, as identificações e contribuições**, podemos concluir que os estudantes enxergam a relação desigualdade social- prática pedagógica em Educação Física, como algo latente e que, precisa da contribuição de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem para sua superação. Os estudantes evidenciam a responsabilidade do professor, do processo pedagógico, dos materiais e serviços envolvidos nas práticas, assim como, a responsabilidade das relações humanas. Além disso, os estudantes se mostraram sensíveis a essas desigualdades sociais em contexto da Educação Física, salientando que nem sempre, o poder de resolução dessas desigualdades está no outro, mas, que sá, em cada um de nós, que reconhece, representa, se indigna e luta por transformação.

Por isso, o presente estudo não só contribuiu para a compreensão das representações

sociais, nesse contexto, como também, possibilitou a inclusão dessas discussões no meio científico, no campo da educação, ampliando os caminhos para estudos envolvendo a prática pedagógica da Educação Física e a Teoria das Representações Sociais.

Contudo, finalizamos essa pesquisa, ciente de suas limitações, em termo do alcance aos participantes, principalmente das escolas privadas, como também, as limitações referentes as restrições na aplicação de outros possíveis instrumentos de pesquisa, que pudessem contribuir, ainda mais com os resultados, devido ao período de pandemia que o estudo foi realizado.

Com isso, esperançosa por novos desafios, espero dar seguimento a outros estudos que possam avançar e contribuir ainda mais com a educação, a prática pedagógica em Educação Física e a formação de professores. Buscando responder problemáticas que contribuam com os avanços no sentido da superação dessas desigualdades sociais, envolvendo não só os estudantes, mas professores, gestores e todos que contribuem para o fazer pedagógico.

Talvez, buscar responder: Como professores de Educação Física compreendem a desigualdade social, diante do seu fazer pedagógico? Como os gestores escolares enxergam a desigualdade social no ambiente escolar? Será que existem desigualdades sociais entre as áreas do conhecimento, no campo das linguagens?

Essas perguntas só são elaboradas, por termos a clareza de que a escola, com seus diferentes mundos, retrata aquilo que nós, enquanto coletivo, fazemos dela. Por isso, precisamos, juntos, olharmos para cada detalhe, cada gesto, cada tomada de decisão, que reverbera no nosso fazer pedagógico e que, conseqüentemente, impacta na formação cidadã de cada um e uma, que se dispõe a aprender e ensinar.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, , A, M de O. A pesquisa em representações sociais: fundamentos teórico-metodológicos. **Serviço Social**, 9, p. 129-158. 2001
- ALVES, M. T. Z; SOARES, J. F; XAVIER, F.P. Dessigualdades educacionais no Ensino Fundamental de 2005 a 2013: hiato entre grupos sociais. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, Vol. 04, n. 07, Jan/ Jun, 2016.
- AKKARI A. J. Desigualdades Educativas Estruturais no Brasil: Entre Estado, Privatização e Descentralização. **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, Abril, 2001.
- ALTMANN, H. **Rompendo Fronteiras de Gênero: Marias [e] homens na Educação Física**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 1998.
- ANADON, M; MACHADO, P.B. **Reflexões Teórico-Metodológicas Sobre as Representações Sociais**. Senhor do Bom-fim, Bahia, junho, p.97, 2011.
- ARQUERO, V.P.P. Percepções pelos professores de estereótipos de gênero através da imagem. **Revista Efdeportes**, vol.24, n 253, 2019.
- ARRUZAZABALA, G.G. Instagram para a promoção da educação física. **Revista Efdeportes**, vol.24, n 254, 2019.
- BALZANO, O.N, et al. O futebol como ferramenta de inclusão social e escolar. **Revista Pensar a prática**, vol. 22, 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENVEGNÚ JÚNIOR, A. E. Educação Física Escolar no Brasil e seus Resquícios Históricos. **Revista Educação do Ideau**, vol. 6, n 13, Janeiro – Julho, 2011.
- BATISTA, Gustavo; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **A educação física escolar no período da ditadura militar: análise de depoimentos de ex-alunos da cidade de Brotas/SP**. In: III Seminário de Estudos em Educação Física Escolar, p.1-8. 2010.
- BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q de. **Política de Esporte Escolar no Brasil: A pseudovalorização da Educação Física**. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas/SP, v. 24, n.3, maio 2003. pp 87-101.
- BRASIL. Decreto n. 69.450 de 1 de Novembro de 1971, Brasília, DF, 1971.
- BRASIL. Decreto n. 10.793 de 1 de Dezembro de 2003, Brasília, DF, 2003.
- BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle. **Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.
- CAPRI, F. S. **As representações sociais da dança no contexto da educação física escolar**. 2010. 161p. Dissertação de (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta

Grossa, Ponta Grossa, 2010.

CASTRO, M.O.R; TELES, S.C.C. Inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física em escolas públicas regulares no Brasil: uma revisão sistemática. **Revista Motrivivência**. V. 32, n. 62, p. 01-20, abril/junho, 2020.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor.

DIAS, T.M. et al. Educação Física e Opressões: A cultura corporal no combate à discriminação. In: VII EXTREMOS DO SUL, 2019. Rio Grande do Sul. **Anais do SINSC** Curitiba, 2019. p. 1-171.

DUTRA, W.D.B; BENETES, L.C. A constituição da identidade do professor de Educação Física: apontamentos de uma revisão bibliográfica. **Revista Efdeportes**, vol.23, n 247, 2018.

EXUPÉRY, DE S. A. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Editora Escola, 2015.

FIGUEIREDO, Edwiges Camilo de Oliveira. **O imaginário social na (des) valorização do professor de Educação Física**. 2012. 146f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

FLAMENT, C. **Aspects périphériques des représentations sociales**. In: GUIMELLI, C. (Dir) Structures et transformations des représentations sociales. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed, São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GOELLENER, S.V. Jean-Jacques Rousseau e a Educação do Corpo. **Revista Efdeportes**. V.2, n. 8, Dezembro, 1997.

GUARINON, P.C. **Representações Sociais e o Currículo de Educação Física: com a palavra os alunos**. 2016. 114f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016.

GREGOUL, M; MALAGODI, B.M ; CARRARO, A. Inclusão de Alunos com Deficiência nas Aulas de Educação Física: Atitudes de Professores nas Escolas Regulares. **Revista Brasileira de Educação Especial**. V.24, n.1, p.33-44, Jan.-Mar., 2018.

HEROLD JUNIOR, C. A Educação Física e os Sistemas Nacionais de Ensino: análise das relações entre o pensamento educacional europeu brasileiro (1870-1920). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.19, p. 134 - 142, set. 2005.

JESUINO, Jorge. Um Conceito Reencontrado. ALMEIDA, Angela; SANTOS, Maria; TRINDADE, Zeide. **Teoria das Representações Sociais 50 anos**. Brasília: Technopolitik Editora, 2014, 889 p. 43-78.

JODELET, D. **Les Représentations sociales: un domaine en expansion**. Em D. Jodelet (org.), *Les représentations Sociales* Paris: Press University de France, 1989.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17- 44.

JODELET, Denise. **Loucuras e Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

JODELET, Denise. A fecundidade múltipla da obra “ A psicanálise, sua imagem e seu público”. ALMEIDA, Angela; SANTOS, Maria; TRINDADE, Zeide. **Teoria das Representações Sociais 50 anos**. Brasília: Technopolitik Editora, 2014, 889 p. 262-297.

JODELET, Denise. Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 33, Número 2, Maio/Agosto 2018.

LANE, S.T.M. **O que é Psicologia Social**. 22 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LIMA, C.R.C. **Dialética para Principiantes**. São Leopoldo : Unisinos, 1996.

LIMA, F.G; MADAGALHÃES, J.C. Mulheres no esporte: o começo do portal ESPNW no Brasil. *In*: VII EXTREMOS DO SUL, 2019. Rio Grande do Sul. **Anais do SINSC** Curitiba, 2019. p. 1-171.

LINS, L.B.M. A educação física escolar e as questões de gênero: um relato de experiência. **Revista EFDeportes**, vol.23, n 243, 2018

LOREIRO, W. **Representações Sociais de Formação continuada de professores de Educação Física de escolas públicas do estado do Espírito Santo**. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo. 2010.

MATTA, P. F. R. **Transformação corporal e representações na adolescência**. 1996. p.209. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 1996.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. 9ª edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec; 2006. 406 p.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse: son image et son public**. Paris: PUF, 1976. Conforme impressão de 1961.

MOTA, Janine da Silva. Utilização do google forms na pesquisa acadêmica, **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n. 12, 2016.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Existe espaço para o ensino da Educação Física na escola básica? *Pensar a prática*. Goiânia, 2: 1-23, jun./jul,1998.

PEREIRA, A.S.M; GOMES, D.P. Educação Física no Brasil: percurso histórico educacional de 1851 a 2017. **Revista EFDeportes**, vol.23, n 247, 2018.

PIKETTY, T. **Economia das desigualdades**. Editora Intrínseca Ltda: Rio de Janeiro, 2015.

PINHEIRO, M.C; VOTRE, S. Relação entre satisfação e insatisfação com a imagem corporal e indicadores antropométricos: estudo realizado com estudantes da escola secundária de est-tarreja, no distrito de aveiro. **Revista Pensar a Prática**, v. 21, n. 1, jan/mar. 2018.

PROBST, M.; KRAEMER, C. Sentado e quieto: o lugar do corpo na escola. **Atos de pesquisa em educação**, Blumenau, v. 7, n. 2, p. 507-519, 2012.

QUEIROZ, A.M .A construção da disciplina Educação Física no ambiente escolar. **EFDeportes, Revista Digital**. Buenos Aires, n 172, setembro, 2012.

RESES, E, S. Do conhecimento sociológico à teoria das representações sociais. **Sociedade e Cultura**, v. 6 n. 2, jul./dez. 2003, p. 189-199.

RIBEIRO, V.M. Um caminho metodológico para indicar redes de estudos mais justas na educação básica. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, vol. 04, n 08, p. 172-190, Jul. Dez, 2016.

ROUSSEAU, J.J. **Discurso sobre a Origem da Desigualdade**. Tradução Maria Lacerda. São Paulo: Edição Eletrônica, 2001.

SÁ, C. P. de. **A construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, J.C; MOREIRA, W.W. Corpo em cena: reflexões para a educação escolar. **Revista Pensar a Prática**, vol. 25, 2021.

SANTINI, J; MOLINA NETO, V. A síndrome do esgotamento profissional em professores de Educação Física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v.19, n.3, jul/set, 2005.

SILVA, L.M. A deficiência como expressão da diferença. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 44. p. 111-133. dez. 2006

SOARES, J.P.F; MOURÃO, L; MONTEIRO, I. C. DORNELES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (Org.). Educação Física e gênero: desafios-educacionais. Unijuí, 2013. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 1, jan. /mar, 2017.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. (1999). Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, ano XIX, n. 48.

SOUTO ET AL. Limitações das aulas de Educação Física em decorrência da Infraestrutura na ótica de professores do Ensino Médio público. **Resvista Impa**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2021.

SOUZA, Clarilza; BOÂS, Lúcia; CHAGAS, Adelina. Contribuições dos estudos de representações sociais para compreensão do trabalho docente. ALMEIDA, Angela; SANTOS, Maria; TRINDADE, Zeide. **Teoria das Representações Sociais 50 anos**. Brasília: Technopolitik Editora, 2014, 889 p. 830-858.

TRINDADE, Zeidi; SOUZA, Luiz. *Gênero e escola: reflexões sobre representações sociais e práticas sociais*. In: ALMEIDA, Angela; JODELET, Denise. **Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas**. Brasília. Thesaurus, 2009, p. 225-244.

TRUSSI, L. M. Estereótipos e representações sociais nas aulas de Educação Física: uma perspectiva de gênero. **Revista EFDeportes**, vol.25, n 263, 2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAGO, T. M. Educação física escolar: temos o que ensinar? **Revista Paulista Educação Física**, São Paulo, supl. 1, p. 20-24, 1995.

## APÊNDICE A – Quadros da Revisão da literatura (Estado do conhecimento)

**Revista pensar a prática- URG- ano de 2016-2020. Palavra-chave: social.**

De 66 analisados, 6 selecionados.

<p><b><u>1 O futebol como ferramenta de inclusão social e escolar</u></b> Otávio Nogueira Balzano, Abraham Lincoln de Paula Rodrigues, Gilberto Ferreira da Silva, João Alberto Steffen Munsberg</p>
<p><b><u>2 A Educação Física escolar no contexto da contrarreforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415): o contrafogo pela insistência na crítica e na articulação ciência, cultura e trabalho</u></b> Álcio Crisóstomo Magalhães, Júlio César Apolinário Maia</p>
<p><b><u>3 Ontologia do Ser Social: uma apreensão filosófica do corpo no tempo</u></b> Eldernan dos Santos Dias, André Ribeiro da Silva, Pedro Fernando Avalone de Athayde, Roberto Lião Junior, Edson Marcelo Húngaro</p>
<p><b><u>4 Atuação Teórico-Crítica do Professor nas aulas de Educação Física na escola de Educação Infantil</u></b> Jose Ricardo Silva, Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho</p>
<p><b><u>5 O esporte como direito de cidadania</u></b> Pedro Athayde, Fernando Mascarenhas, Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo, Nadson Santana Reis 30-06-2016</p>
<p><b><u>6 Interpretando o lugar da Educação Física Escolar na “cultura de violências”: notas de uma etnografia.</u></b> Gabriel Gules Goularte, Fabiano Bossle, Tiago Nunes Medeiros, Leandro Oliveira Rocha</p>

**Palavra-chave: escola**

De 106 analisados, 10 selecionados.

<p><b><u>1 Inovação na Educação Física escolar: desafiando a previsível imutabilidade didático-pedagógica</u></b> Daniel Teixeira Maldonado, Pollyane de Barros Albuquerque Vieira, Luiz Sanches Neto, Elisabete dos Santos Freire 29-06-2018</p>
<p><b><u>2 Satisfação com a profissão: um estudo com professores de Educação Física</u></b> Ivan Bremm De Oliveira, José Antonio Bicca Ribeiro, Mariangela da Rosa Afonso 29-03-2018</p>
<p><b><u>3 A participação de jovens com deficiência visual em aulas de Educação Física: experiências na rede regular e em instituições especializadas</u></b> Otávio Luis Piva da Cunha Furtado, Márcio Pereira Morato, Gustavo Luis Gutierrez, Maria Luíza Tanure Alves 18-04-2019</p>
<p><b><u>4 O futebol como ferramenta de inclusão social e escolar</u></b> Otávio Nogueira Balzano, Abraham Lincoln de Paula Rodrigues, Gilberto Ferreira da Silva, João Alberto Steffen Munsberg 23-12-2019</p>
<p><b><u>5 Seguindo as pistas da tensão permanente do esporte na escola</u></b> Pâmela Quesia Silva, Jonatas Maia Costa 06-08-2020</p>

<p><b><u>6 Interpretando o lugar da Educação Física Escolar na “cultura de violências”:</u></b>  <b><u>notas de uma etnografia</u></b>  Gabriel Gules Goularte, Fabiano Bossle, Tiago Nunes Medeiros, Leandro Oliveira Rocha  14-11-2019</p>
<p><b><u>7- Prática Pedagógica do professor de Educação Física na escola: dificuldades percebidas por uma equipe escolar na cidade de São Paulo</u></b>  Daniel Teixeira Maldonado, Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva  31-03-2017</p>
<p><b><u>8- O corpo em cena: reflexões para a educação escolar</u></b>  José Carlos dos Santos, Wagner Wey Moreira  08-03-2021</p>
<p><b><u>9- Relação entre satisfação e insatisfação com a imagem corporal e indicadores antropométricos: estudo realizado com estudantes da escola secundária de Estarreja no Distrito de Aveiro</u></b>  Maria Claudia Pinheiro, Sebastião Votre  29-03-2018</p>
<p><b><u>10- Estudo comparativo das dificuldades enfrentadas por professores de Educação Física em academias de ginástica e em escolas de Educação Básica no Início de carreira</u></b>  Jairo Antônio Paixão  29-09-2017</p>
<p><b><u>11- DORNELES, Priscila Gomes, WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (Orgs). Educação física e gênero: desafios educacionais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.</u></b>  João Paulo Fernandes Soares, Ludmila Mourão, Igor Chagas Monteiro  31-03-2017</p>

**Palavra-chave: representação**

7 analisados, 2 selecionados.

<p><b><u>Imagem corporal e sexualidade na infância: uma abordagem qualitativa</u></b>  Letícia Maria Cunha Cruz, Raíssa Gomes Benevenuto, Isabela Souza Paula, Clara Mockdece Neves, Juliana Fernandes Filgueiras Meireles, Maria Elisa Caputo Ferreira  17-04-2020</p>
<p><b><u>"Capoeiras": a representação da mulher nessa arte-luta brasileira</u></b>  Tatiane de Assis Pereira, Wanderley Marchi Júnior  23-12-2019</p>

Pesquisa realizada na Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações. Tendo como palavras-chave representação social e educação física. Tendo como resultados **217** documentos, sendo **5** selecionados.

DOCUMENTOS	AUTORES	LINK
<b><u>Representações sociais e o currículo de educação física: com a palavra</u></b>	Poliani Guarion	<a href="https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-25082016-130758/publico/Poliani%20Claro%20Guarion%20corrigida.pdf">https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-25082016-130758/publico/Poliani Claro Guarion corrigida.pdf</a>

<b><u>os alunos</u></b>		
O imaginário social na (des) valorização do professor de educação física	Edwiges Figueiredo	<a href="http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8088">http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8088</a>
As representações sociais da dança em contexto da Educação Física escolar	Fabiola Capri	<a href="https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1302/1/FABIOLA%20SCHIEBELBEIN%20CAPRI.pdf">https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1302/1/FABIOLA%20SCHIEBELBEIN%20CAPRI.pdf</a>
<b><u>Transformação corporal e representações sociais na adolescência</u></b>	Paula matta	<a href="#">Matta PaulaFernandaRibeiro da M.pdf (unicamp.br)</a>
<b><u>Representações sociais de formação continuada dos professores de educação física de escolas públicas do estado do Espírito Santo</u></b>	Walk Loureiro	<a href="#">Walk Loureiro.pdf (ufes.br)</a>

<b>Textos da revista Efdeportes</b>			
<b>Artigo</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Links</b>
A educação física como elemento necessário na formação do ser social	<b>Rogério Paes de Oliveira</b>	2020	<a href="https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1654/1199">https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1654/1199</a>
Representações sociais do Mixed Martial Arts (MMA) na mídia Brasileira.	<b>Adriano Schlösser Ana Carla Crispin Gabriel Fernandes Camargo Rosa</b>	2018	<a href="https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/370/218">https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/370/218</a>
Eficácia das intervenções on-lines baseadas em redes sociais para promover atividades físicas	<b>Enrique Jiménez Vaquerizo</b>	2019	<a href="https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/929/667">https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/929/667</a>
Instagram para a promoção da educação física	<b>Gorka Gómez Arruzabala</b>	2019	<a href="https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1252/798">https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1252/798</a>

Estereótipos e representações sociais nas aulas de Educação Física: uma perspectiva de gênero	<b>Lucas Maximiliano Trussi</b>	2020	<a href="https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1910/1183">https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1910/1183</a>
A educação física escolar e as questões de gênero: um relato de experiência	<b>Lucas Baptista Mousinho Lins</b>	2018	<a href="https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/131/246">https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/131/246</a>
A utilidade do inútil: as verdadeiras preocupações da educação física	<b>Nicolás Guarnizo Carballo</b>	2018	<a href="https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/330">https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/330</a>
Educação física no Brasil: percurso histórico educacional de 1851 a 2017	<b>Arlie Stephanie Menezes Pereira Daniel Pinto Gomes</b>	2018	<a href="https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/93">https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/93</a>
Percepções pelos professores de estereótipos de gênero através da imagem.	<b>Víctor Pablo Pardo-Arquero</b>	2019	<a href="https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/930">https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/930</a>
A constituição da identidade do professor de educação física: apontamentos de uma revisão bibliográfica	<b>William Douglas Bonetti Dutra Larissa Cerignoni Benites</b>	2018	<a href="https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/535/505">https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/535/505</a>
Rompendo a cultura do “rolar a bola” nas aulas de educação física escolar	<b>Letícia Morandim Debora Batagini Rubens Júnior</b>	2019	<a href="https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1109/795">https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1109/795</a>

Tendo como palavra-chave **social**, na busca por artigos de **1997 até 2020**. De **197** artigos foram selecionados 11 artigos que abordam questões sociais, de desigualdades e de representação social da educação física escolar.

Artigos retirados dos anais do evento VII EXTREMOS DO SUL. Tendo como critério de busca as palavras-chave **desigualdade social e educação física**.

<b>TEXTOS EXTRAÍDOS DO VII EXTREMOS DO SUL</b>			
<b>Artigo</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Link</b>
Mulheres no esporte: o começo do portal ESPNW no Brasil	LIMA, F.G; MADAGALHÃES, J.C	2019	<a href="https://sinsc.furg.br/site/arquivos/imagem/552?fbclid=IwAR3Umg_m0zNFDB7Y2IUzRS2hlKeeJADcnZCmk7U21X9g4TWC3sqFXWckaw8">https://sinsc.furg.br/site/arquivos/imagem/552?fbclid=IwAR3Umg_m0zNFDB7Y2IUzRS2hlKeeJADcnZCmk7U21X9g4TWC3sqFXWckaw8</a>
Educação Física e Opressões: A cultura corporal no combate à discriminação	Dias, T.M. et al	2019	<a href="https://sinsc.furg.br/site/arquivos/imagem/552?fbclid=IwAR3Umg_m0zNFDB7Y2IUzRS2hlKeeJADcnZCmk7U21X9g4TWC3sqFXWckaw8">https://sinsc.furg.br/site/arquivos/imagem/552?fbclid=IwAR3Umg_m0zNFDB7Y2IUzRS2hlKeeJADcnZCmk7U21X9g4TWC3sqFXWckaw8</a>

#### **APÊNDICE B – Quadros de Análise dos dados com base em Bardin (2011)**

Análise dos dados: segue abaixo a análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), realizada sob os questionários, respondidos por **139** estudantes do Ensino Médio de escolas

públicas e privadas de Pernambuco. Estabelecendo os critérios de análise a seguir:

Critérios para análise.

Elemento central	<b>Desigualdade social</b> , Educação Física, Prática pedagógica.
Operacionalização	Analisar as entrevistas, buscando identificar as representações sociais de desigualdade social compartilhadas por estudantes do Ensino Médio.
Categorias analíticas	<b>Conceitos, dificuldades, contribuições, identificação.</b>
Unidades de contexto	<b>Desigualdade social e Educação Física.</b>
Orientadores da investigação	Compreender a relação desigualdade social-prática pedagógica da Educação Física escolar, por meio das representações sociais de desigualdade social compartilhadas por estudantes do Ensino Médio de Pernambuco.

Fonte: Produção da autora.

### Quadro de análise

Questionários realizados com estudantes do Ensino Médio <b>ESCOLAS PÚBLICAS/ REFERÊNCIA</b>		
Unidades de contexto <i>DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO FÍSICA</i>		
<i>Categorias e suas Características</i>		Unidades de registro
Constituição de conceito relacionando a Desigualdade social e desigualdade social no ambiente escolar.	<i>Conceitos</i>	<b>Desprezo social</b> 3 <b>Diferença financeira</b> 21 <b>Dificuldade de acesso a serviços e materiais</b> 10 <b>Prejudicar ou limitar grupos sociais</b> 6 <b>Interferir na qualidade de vida</b> <b>Competitividade</b> <b>Acesso restrito as minorias</b> 2 <b>Diferenças corporais/biológicas</b> 5 <b>Exclusão de pessoas</b> 16 <b>Preconceito racial</b> 21 <b>Separação por classe</b> 8 <b>Prática do bullying</b> 3 <b>Tratar o próximo com diferença</b> 23 <b>Privilégios</b> 13 <b>Diferença dos serviços escolares</b> 6 <b>Desvalorização de grupos sociais</b> 8 <b>Diferença nos resultados da aprendizagem</b> <b>Injustiça social</b> <b>Aquilo que não é igual entre as pessoas</b> 4
Dificuldades encontradas na relação desigualdade social-Educação Física escolar.	<i>Dificuldades</i>	<b>Menosprezo de pessoas com deficiência</b> 5 <b>Diferença no trato do conteúdo ensinado</b> 6

		<p>Desigualdade de gênero 15</p> <p>Desigualdade racial 3</p> <p>Falta de material para as aulas práticas 5</p> <p>Exclusão das aulas por diferença corporal 12</p> <p>Diferenças corporais 6</p> <p>Sexismo nas aulas 3</p> <p>Falta de acessibilidade 2</p>
Contribuições da prática pedagógica da Educação Física na caminhada de superação das desigualdades sociais.	<i>Contribuições</i>	<p>Atividades que todos da classe participe 17</p> <p>Prática do esporte considerando o físico e mental 4</p> <p>Estímulo de valores sociais nas aulas 5</p> <p>Eventos esportivos</p> <p>Incluir pessoas nas práticas 17</p> <p>Investimentos igualitários 2</p> <p>Ensino mais dinâmico 2</p> <p>Tratando os estudantes de igual maneira 5</p> <p>Olhar mais atendo dos professores 6</p> <p>Melhorar os materiais das práticas</p>
Reconhecimento de possíveis potencializadores das desigualdades sociais nas aulas de Educação Física. Com base na lógica das Representações Sociais.	<i>Identificação</i>	<p>Sexismo 36</p> <p>Questões de gênero 55</p> <p>Econômico 7</p> <p>Deficiência 47</p> <p>Corpo 38</p> <p>Cultura 5</p> <p>Diferença 24</p> <p>Biológico 2</p>

#### UNIDADES EXTRAÍDAS DOS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS/REFERÊNCIA

Categories	Temas / unidades de registro
<b>Conceitos</b>	<p>O ato de não simpatizar com outro alguém e <b>desprezar socialmente</b>. Sim, Pessoas com uma <b>vida financeira diferente</b>, pode haver uma desigualdade. (Masc, 16, 3º).</p> <p>Um processo em que <b>a diferença de quem tem muito e quem tem pouco</b> é grande, formando uma desigualdade. Como exemplo falta de acesso a educação, os salários baixos ou a <b>dificuldade de acesso a serviços</b> essenciais como saúde, transporte, alimentação e entre outros... Diferente de quem tem muito onde não tem nenhuma dificuldade de acessar esses meios e serviços básicos. (Fem, 15, 2º).</p> <p>Sim. Como escolas públicas e particulares, <b>ou meio de materiais para a educação em um preço alto onde muitos</b> n conseguem pagar. (Fem, 15, 2º).</p> <p>A desigualdade social na minha opinião é algo q pode <b>prejudicar ou limitar um determinado grupo de pessoas ou classe social</b>. (Outros, 17, 2º)</p> <p>prejudica a classe social de uma pessoa e <b>interfere na qualidade de vida</b>. (Masc, 15, 2º)</p> <p>Algo que nem todos tem o mesmo direito. Ou seja, <b>limita a classe social</b> de PESSOAS ou grupos (Fem, 15, 2º)</p>

	<p>Sim, além da <b>competitividade</b> temos também a <b>desigualdade econômica, e os que são mais privilegiados....</b> (Fem, 15, 2º)</p> <p>Um <b>acesso a informação, saúde e lazer que é dado a minoria</b> de pessoas que possuem um poder aquisitivo maior., onde a grande maioria é deixada de lado. (Masc, 18, 3º)</p> <p>sim, em <b>questão de informação</b> , no mesmo ambiente escolar onde pessoas tem o mesmo poder aquisitivo porém possuem uma educação desigual diante ao convívio com familiares. (Masc, 18, 3º)</p> <p>Eu entendo pouco coisa. mas a <b>desigualdade faz mal</b> a muita gente (Masc, 19, 3º)</p> <p>A <b>diferença entre sexos, aparência, e cores</b> (Masc, 17, 3º)</p> <p>A <b>diferença de classe social</b>, um certo preconceito com grupos sele-tos e isolados da sociedade. (Masc, 18, 3º)</p> <p>Sim, <b>exclusão de pessoas isoladas</b> ou com deficit em se comunicar.(Masc, 18, 3º)</p> <p>Que em varios casos as <b>pessoas negras são acusadas</b> (Masc, 18, 3º)</p> <p>Sempre tem <b>alguem excluído</b> (Fem, 17, 3º)</p> <p>É ser <b>excluído de algo</b> ou algum lugar etc (Masc, 17, 3º)</p> <p>A frase desigualdade social já é bem auto explicativa, mas em resumo acredito que <b>seja a separação ou classificação das pessoas em meio a sociedade</b>, sociedade em geral, afinal existem várias sociedades... (Masc, 16, 3º)</p> <p>Sim, a <b>existência do bullying é uma perfeita amostra de que existe</b>, a divisão social presente nas escolas é imensa, seja na sala de aula, ou até mesmo na fila da merenda, tanta coisa envolvida acabariam as palavras e iríamos começar a usar latim...(Masc, 16, 3º).</p> <p>Quando as pessoas <b>tratam as outras com uma certa diferença</b>, com um certo olhar de julgamento e em questão do respeito. (Fem, 17, 3º)</p> <p>Sim, por que <b>não há respeito</b> entre os alunos e muito menos com os professores! (Fem, 17, 3º).</p> <p>Quando uma <b>pessoa ganha mais que a outras</b>, quando uma pessoa <b>se acha superior que a outra</b>. (Masc, 17, 3º)</p> <p>Sim, grupos diferentes que <b>se acha melhor que o outro</b>, alunos querendo <b>ser maior que os profissionais da escola</b>. (Masc, 17, 3º)</p> <p>Tipo uma <b>menina não tem a msm força que o homem não tem mais resistência</b> que o homem. (Masc, 18, 3º)</p> <p>Uns são <b>privilegiados</b> e outros não. (Fem, 17, 3º ano)</p> <p>Sim, <b>Deficiência, Gênero, corpo, racismo</b> (Fem, 17, 3º ano)</p> <p><b>Diferença</b> entre as pessoas, <b>classe social</b> etc. (Fem, 19, 3º) Existe uma diferença de desigualdade em <b>comparação as escolas públicas e escolas particulares</b>. (Fem, 19, 3º).</p> <p>É ruim por que <b>uns tem e outros não</b> tem. (Mas, 18, 3º). Sim, Por exemplo, o <b>racismo</b> tem pessoas que não querem estar nos mesmos ambientes que um negro, ou tem pessoas que se acham melhor do que as outras, ou tem pessoas que julgam por simples besteiras. (Mas, 18, 3º).</p> <p><b>excluir</b> alguem do ciclo de sociedade (Fem, 17, 3º). sim, quando a coordenadora <b>nao deixou o menino trans usar o banheiro masculino</b>.</p> <p>bem o que eu acho meio que exemplo a <b>menina quer jogar bola mais</b> os meninos não deixa (Masc, 16, 2º). sim exemplo a menina não joga bola tipo isso. (Masc, 16, 2º).</p> <p>É uma <b>desvantagem</b> entre as pessoas (Masc, 15, 2º)</p>
--	---

	<p>Desigualdade social é a <b>diferença entre classes sociais</b> dentre as mais baixas e as mais altas. A desigualdade social acontece por tudo o mundo, e principalmente no Brasil. Em lugares com menores chances e menores oportunidades para as classes de baixa renda. Enquanto as de renda alta tem mais oportunidades e chances em todos os lugares, sem contar o preconceito contra as baixa classe social. (Fem, 16, 3º)</p> <p>Sim. Por exemplo na educação física, onde as meninas <b>são excluídas</b> pelos meninos do futebol (Fem, 16, 3º).</p> <p>Desigualdade social acaba sendo uma coisa que esta no nosso cotidiano do dia a dia, isso nós vemos com a <b>desigualdade financeira</b> de algumas pessoas de nosso conviveo, o que eu entendo por desigualdade social é a diferença que vemos na vida de uma pessoa para outra. (Mas, 16, 2º)</p> <p>Sim, um exemplo disso é <b>a forma que as pessoas mais humildes são tratadas</b>, não pela gestão mas sim por alunos. (Masc, 16, 2º)</p> <p>quando <b>uma pessoa se acha melhor do que a outra em questão financeira</b>, cor, sexo, etc. (Masc, 16, 2º)</p> <p><b>Tratar os outros de maneira diferentes</b>, tratar alguns de uma forma, e outros de outras formas. (Fem, 17, 2º)</p> <p>A grande <b>desvalorização</b> entre diferentes grupos sociais (Fem, 16, 2º)</p> <p>sim como muitas vezes presencie caso <b>de meninas diminuindo as outras</b> por causa de seus celulares, bolsas, matérias e etc (Fem, 16, 2º)</p> <p>Pessoas com <b>mais privilégios</b> que outras sem motivos evidentes (Fem, 16, 2º)</p> <p>Sim, na educação física os meninos <b>podem usar calção mas as meninas</b> não; Preconceito com pessoas trans, <b>impedimento do nome social</b> e do uso do banheiro correto. (Fem, 16, 2º)</p> <p>Que normalmente e uma prática da antiga geração, que acaba influenciando a nova. (Mas, 16, 2º) sim, com os transexuais, (Mas, 16, 2º).</p> <p>É o <b>privilegio</b> para alguns e a desvantagem para outros. (Fem, 16, 2º). Sim, <b>homofobia, racismo</b>, etc. (Fem, 16, 2º).</p> <p>Entendo que a desigualdade social, é <b>tipo quando a pessoa se sente diferente</b> das outras pessoas (Fem, 18, 2º).</p> <p>Sim, tipo na escola tem os descolados e os nerds, os que faz amizade mais rápido e os anti- sociais. (Fem, 18, 2º).</p> <p>que sao pessoas que nao tem o mesmo as mesmas <b>condicoes financeiras que outras</b>. (Masc, 16, 2º)</p> <p>É um <b>ato extremamente ofensivo</b> praticado por pessoas que tem uma mente fechada e que gostam de humilhar outras pessoas. (Masc, 15, 2º).</p> <p>Sim, a <b>desvalorização da escola pública</b>. (Masc, 15, 2º).</p> <p>sim, o <b>privilegio</b> entre outras turmas (Fem, 16, 2º).</p> <p>são leis que não abrangem para todos os tipos de pessoas, sejam elas deficientes ou não, <b>são pessoas tratadas diferentes pela cor da pele</b>, tendo dificuldades não só em socializar com as pessoas, como também se ingressar no mercado de trabalho (Fem, 16, 2º).</p> <p>sim e muito, como por exemplo, <b>a questões raciais ou deficiências</b>, essas pessoas são <b>excluídas sem ao menos ter a chance</b> de ter alguma oportunidade. (Fem, 16, 2º).</p> <p><b>falta de acesso à educação. os baixos salários. a política fiscal injusta (carga tributária regressiva, cobra um percentual maior da população pobre) dificuldade de acesso aos serviços básicos (saúde, transporte, habitação, saneamento básico e de segurança alimentar, por exemplo).</b> (Masc, 16, 2º)</p> <p>Quando falamos de desigualdade escolar estamos falando sobre as <b>diferenças nos resultados de aprendizagem e</b>, portanto, da necessidade de um olhar atento para as políticas públicas educacionais que busquem reduzir essa desigualdade. (Masc, 16, 2º)</p>
--	--

	<p>são ações que <b>não são inclusas para todo tipo de pessoa</b>(deficientes e questões raciais) (Masc, 16, 2º)</p> <p>Sim, <b>falta de inclusão para pessoas com Deficiência visual e exclusão de certos tipos de pessoas</b> por questões da sua cor. (Masc, 16, 2º)</p> <p>Que quem tem <b>mais dinheiro vai ter mais vantagens do quem e pobre</b>, também tem a <b>questão de cor que a maioria das pessoas são preconceitosa</b> da mais oportunidades a gente branca e quem e negro geralmente a maioria com para com bandidos e <b>só mora na favela aí que</b> eles concideram mesmo (Masc, 18, 2º).</p> <p>Sim, tipo a meu celular e melhor que o seu meu sapato e melhor ou a vc e negro não pode andar com a gente. (Masc, 18, 2º).</p> <p>basicamente quando uma tem <b>mais condições que a outra</b>, seja em educação, financeira. (Fem, 16, 2º). sim, pessoas que <b>vão pra escola pra merendar lá porque não tem comida em casa</b>, meninas que tem pobreza menstrual. (Fem, 16, 2º)</p> <p>Eu entendo pela forma de que algumas <b>pessoas não são incluídas</b> em determinadas áreas ou momentos. (Masc, 17, 2º)</p> <p>Sim. Existe isso em diversas escolas. Exemplo:<b>a identidade de gênero</b>. Pessoas trans, não binárias e entre outras identidades de gênero geralmente não são incluídas na escola. Claro, elas/eles/elus podem participar das aulas e muito mais, mas em questão de banheiros públicos, essas pessoas não são incluídas nessa parte. Por exemplo:uma mulher trans não pode frequentar o banheiro feminino só porque ela nasceu com um pênis. Sim, muitas pessoas usam genital como argumento. (Masc, 17, 2º)</p> <p><b>Diferença entre classes sociais</b> de uma sociedade relacionada à fatores como: economia, educação, cultura etc. (Fem, 17, 3º)</p> <p>Sim. <b>Estudantes de escolas públicas são menos favorecidos do que estudantes</b> da rede privada, por causa da diferença de ensino. Algumas atividades esportivas são <b>propostas mais para homens do que mulheres, não é igualitária</b>. Além da dificuldade de <b>acesso à educação de estudantes negros e com renda</b> familiar baixa, pois não possuem todos os instrumentos necessários para acessar as aulas, como ficou evidente na pandemia. (Fem, 17, 3º)</p> <p>pessoas tendo <b>mais oportunidades que as outras</b> por conta de fatores como etnia, gênero e posição social. (Fem, 16, 2º)</p> <p>Sim, com toda certeza. Acredito que aconteça diversos tipos de desigualdade sociais na escola, <b>como financeiro, pessoas com deficiência, questão de gênero</b>. Geralmente, o acesso é mais difícil para pessoas com <b>deficiência</b>. (Fem, 16, 2º)</p> <p>Que é algo real e extremamente escancarado para nós todos os dias. <b>É sobre quem tem demais, e quem tem bem menos</b>. (Fem, 16, 3º). Sim. Exemplos como alunos que <b>tem muito mais recursos materiais para bons estudos</b>, alunos que não precisa pagar passagem de ônibus todos os dias porque pode ir de carro. E assim por diante. (Fem, 16, 3º).</p> <p><b>Injustiça social</b> (Fem, 16, 2º).</p> <p>Sim,<b>racismo,homofobia</b> etc. (Fem, 16, 2º).</p> <p>Desigualdade de <b>cresça raça e cor</b> (Masc, 16, 2º)</p> <p><b>Grupos sociais que são menosprezados</b> por serem considerados superiores de acordo com <b>suas condições, financeiras, raciais, de gênero e afins</b>. (Fem, 16, 3º)</p> <p>Desigualdade <b>social é quando pessoas tem mais privilégios que outras</b>, desigualdade social geralmente está ligada com o preconceito. (Fem, 16, 3º)</p> <p>Sim, por <b>conta de cor ou por motivos de dinheiro</b> (Fem, 17, 2º)</p> <p>e uma coisa que sempre existiu e todos nos vemos e tambem vemos que nem <b>todos tem oportunidade quando voce e um negro,tem baixa</b> renda etc (Masc, 16, 2º).</p> <p>Que é uma situação em que as pessoas <b>não tem a mesma oportunidade para as mesmas coisas, muitas pessoas não têm nem condições básicas para viver</b>, mas</p>
--	--

	<p>não só isso, oportunidades também são diferentes. (Fem, 17, 2º). Com certeza. Há pessoas que chegam aqui pela manhã sem ter tomado café da manhã, e geralmente <b>não tem condições básicas</b> Algumas meninas <b>não tem dinheiro</b> nem pra comprar absorvente Algumas pessoas (caso morem longe), não tem condições <b>de pagar transporte par vir e voltar</b> e etc. (Fem, 17, 2º)</p> <p>é muito comum nas escolas e fora dela também, <b>acho uma situação muito chata</b> pois causa muitos traumas (Fem, 16, 2º). Sim, é muito comum acontecer e ver gente <b>menosprezando uns aos</b> outros. (Fem, 16, 2º).</p> <p>quando uma pessoa <b>deixa de andar com outras por sua sexualidade</b> (Masc, 16, 2º). sim, com pessoas <b>homossexuais</b>. (Masc, 16, 2º)</p> <p>A minha opinião sobre a desigualdade social <b>é quando uma pessoa tem mais bens que outros</b> (Masc, 16, 2º)</p> <p>Onde as pessoas vivem por <b>escadas, onde quem tá em cima tem todo método sem se sentir diferente, e quem está embaixo são os esquisito</b>. (Masc, 18, 2º). Sim, pessoas que <b>não faz amizade com quem é diferente</b> dela ou até mesmo pobres. (Masc, 18, 2º).</p> <p>Em minha opinião desigualdade social se trata de uma diferença em relação ao estilo de vida, em <b>base a questões financeiras</b>. (Fem, 16, 2º)</p> <p>sim, <b>preconceito com alunos trans, gay...</b> (Fem, 15, 2º)</p> <p>Que muitas pessoas, sofrem por a desigualdade em questão de <b>dinheiro não só dinheiro mas em muitas outras</b> coisas (Masc, 15, 2º) Sim, tem muitas pessoas que vem pra escola pra se alimentar pois passa necessidade em casa (Masc, 15, 2º).</p> <p>muita <b>falta de respeito</b> do proximo. (Masc, 15, 2º) das vezes que acontecem os fatos chatos de homofobia, racismo, xenofobia muitas das vezes a escola toma medidas. (Masc, 15, 2º)</p> <p>quando <b>nao ha igualdade entre as pessoas</b>, e <b>desrespeitam</b> pela seu jeito ou por ser apenas voce (outros, 16, 2º). sim, muitas vezes por alguém <b>n ter dinheiro como o outro</b>, ou por alguém ser de uma <b>raca diferente ou por ser lgbt</b> (outros, 16, 2º).</p> <p><b>Existem classes e preconceitos</b> que não deveriam existir e o que deveria ser igual para todos acaba sendo desigual por conta das pessoas que dizem "cuidar" do nosso país (Fem, 15, 2º). Sim, <b>preconceitos com pessoas trans, travesti, homossexuais</b>. (Fem, 15, 2º).</p> <p>Formas <b>desumanas de tratar</b> as pessoas (Fem, 14, 1º)</p> <p>Que é <b>uma falta de respeito com o próximo, como: negros, deficientes, gordos, magros</b> etc.. (Fem, 14, 1º) Sim, por causa da <b>cor e da raça</b>. (Fem, 14, 1º)</p> <p>tudo e qualquer coisa que faça com que alguma pessoa se sinta inferior ou <b>excluido pelo fato de ser "diferente"</b>. (Fem, 15, 1º) <b>transfobia racismo</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>Forma de <b>desrespeito por opiniões</b> diferentes. (Fem, 16, 1º). Sim. alguém que <b>sofre bullying por gostar de algo diferente</b> dos outros alunos, <b>ter um corpo mais forte ou menos forte</b> e até mesmo ser Lgbtq. (Fem, 16, 1º).</p> <p>desigualdade de tratamento das pessoas (Outros, 15, 1º). claro. <b>excluir ou tratar alguém diferente por conta de algo pessoal</b>. (Outros, 15, 1º)</p> <p>eu entendo que desigualdade social e um tipo de <b>discriminação contra pessoas gordas negras</b> e etc (Fem, 17, 1º). sim as pessoas as vezes <b>escluem as otras apenas por seren diferente</b>. (Fem, 17, 1º).</p> <p><b>pessoal que não são tão aceita na sociedade</b> entre outros motivos e causa a desigualdade social (Fem, 16, 1º).</p>
--	---

	<p>sim, poderia dizer que bastante até, exemplos <b>com pessoas de outros gêneros.</b> (Fem, 16, 1º)</p> <p>Desigualdade social, para mim é quando uma pessoa acha que é superior a alguém <b>e trata ela mal</b>, não tem respeito com ela, quando a pessoa julga e não tem respeito ao próximo. Por que tal pessoa, não agrada ela, ou, <b>não tem a mesma classe que ela</b>, ou <b>o tom de pele é diferente</b>, ou não está no seu padrão, <b>as mulheres também não são valorizadas</b>, Exemplo, no trabalho, quando não a querem trabalhando só pelo fato de ser mulher, ou estar <b>no mesmo carro que um homem e ganhar menos só por ser mulher</b> (Fem, 14, 1º).</p> <p>Sim, quando um aluno é <b>excluído, por causa do seu tom de pele</b>, ou por não estar no "padrão" que os outros impõe, ou por ser órfã, etc (Fem, 14, 1º).</p> <p>eu entendo que desigualdade social e <b>quando uma pessoa trans tenta usar exemplo...um banheiro feminino e alguém não deixa</b> sendo que aquela pessoa se identifica com aquele gênero (Fem, 15, 1º).</p> <p>Quando <b>uma coisa é diferente da outra</b> (Masc, 15, 1º). Sim. <b>Por causa da cor das pessoas..</b> é umas são mais avançadas que outras.</p> <p>Desigualdade social é basicamente o nome para os problemas que muitas pessoas vivem, Por exemplo: uma pessoa rica tem um saneamento básico decente mas por outro lado, uma pessoa pobre não tem um saneamento básico que possa ser útil até um certo ponto. Ou seja, <b>problemas sociais!</b> (Fem, 14, 1º).</p> <p>Acredito que sim, por exemplo: <b>uma escola particular tem ar-condicionado e etc... Já a pública, tem ventiladores</b> e na maioria do tempo não são eficazes no calor de Recife (Fem, 14, 1º).</p> <p>Sim acredito tanto <b>financeira quanto racial</b> (Masc, 16, 1º).</p> <p>Sim, <b>racismo, homofobia, gordofobia e bullying</b> (Masc, 15, 1º).</p> <p>Quando <b>o outro é tratado de forma desigual</b> só pelo fato dele não ser igual aos outros (Fem, 16, 1º).</p> <p>Sim, muitas vezes um aluno é <b>excluído de algumas atividades por não estar em forma, não ser o mesmo gênero sexual</b> que o professor está pedindo. (Fem, 16, 1º).</p> <p>Desigualdade entre as pessoas, como <b>desrespeito por ser de uma classe ou etnia</b> (Fem, 14, 1º).</p> <p>Sim, pessoas por exemplo <b>trans sofrem bullying e são privadas de coisas na escola, como até a utilização do banheiro com a qual o gênero</b> que o estudante se identifica. (Fem, 14, 1º).</p> <p>Pessoas com mais <b>privilégios</b> que outras, por sua questão social e econômica (Masc, 15, 1º).</p> <p>Sim, filhos de pessoas que trabalham na escola tem <b>mais acesso a projetos e coisas do tipo classes menos favorecidas</b> como os negros, lgbtqi+, pessoas que moram distantes ou vem a pé. (Masc, 15, 1º).</p> <p><b>Classe média é classe alta</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>"eu <b>sou melhor que você</b> por causa do meu celular" " <b>eu sou melhor que</b> você porque eu tenho o celular do ano" (Fem, 15, 1º).</p> <p>Eu acho que são pessoas que querem <b>ser mais que outras pessoas tipo pisar nas pessoas</b> para se sentir melhor e etc (Fem, 15, 1º).</p> <p>É um <b>problema entre classes sociais</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>Acho que sim, <b>uns tem mais condições do que os outros financeiramente.</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>Pessoas que se <b>acham melhor do que as outras</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>Sim, pessoas que <b>querem tirar vantagem em certas coisas.</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>Eu entendo que desigualdade social <b>é a falta de igualdade econômica, social é racial.</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>Pessoas <b>pobres tendo menos oportunidades do que as pessoas ricas</b> (Masc, 14, 1º).</p>
--	---

	<p>Sim, as <b>crianças ricas tem mais oportunidades de ensino por causa da influencia do dinheiro</b>. (Masc, 14, 1º).</p> <p><b>diferença no tratamento entre as pessoas</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>Uma <b>coisa que não e engual a outra, tipo : gêneros,sutaques,pais ,etc.</b> (Masc, 15, 1º).</p> <p>A desigualdade social é a <b>falta de igualitáriedade entre as pessoas</b> (Fem, 14, 1º).</p> <p>Sim , <b>desigualdade racial e desigualdade financeira</b> (Fem, 14, 1º).</p> <p>uma <b>sociedade racista, machista</b> e etc (Masc, 16, 1º).</p> <p>Sim. Por exemplo as vezes algumas <b>pessoas podem ser mais privilegiadas que as outras</b> (Masc, 15, 1º).</p> <p>que no nosso país, a <b>desigualdade social é uma das maiores incógnitas presentes no nosso dia a dia</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>sim. Principalmente <b>na questão da educação, a escola pública e a privada são completamente diferentes</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>Sim, <b>entre ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres e etc</b> (Masc, 15, 1º)</p> <p><b>é algo que não é igual</b>. (Masc, 15, 1º). a <b>estrutura dos espaços</b>. (Masc, 15, 1º).</p> <p>sim. <b>as diferenças entre as pessoas</b>, no comportamento, nas atitudes. (Masc, 17, 1º).</p> <p>sao especies de <b>precoceitos por cor de pele ate mesmo por doencas e financeiramente</b> (Masc, 15, 1º). sim,<b>desigualdade na cor de pele, rico ou pobre</b> etc. (Masc, 15, 1º).</p> <p>a <b>falta de oportunidades baseada</b> na origem da pessoa (Masc, 16, 3º)</p> <p>a <b>diferenca tanto politica, educacional e financeira</b> de uma certa minoria, geralmente de baixa renda. (fem, 17, 3º).</p> <p>sim, <b>principalmente em questoes de recursos</b>, um aluno com melhores condicoes financeiras tem mais oportunidades. (fem, 17, 3º)</p> <p>A <b>falta de oportunidades</b> (fem, 17, 3º). Sim, pois alguns tem mais <b>vantagens</b> do que outros (fem, 17, 3º).</p> <p><b>dificuldade de qualidade educacional, financeira e etc. por motivos de desfavorecimento social</b>, morar longe de escolas ou não ter melhor condição de ensino (masc, 18, 3º). sim, <b>qualidade de ensino e verba aplicada nos alunos</b>, (masc, 18, 3º).</p> <p>A desigualdade social é oriunda de processos relacionais na sociedade. <b>Ela condiciona, limita ou prejudica o status e a classe social de uma pessoa ou um grupo</b> e, conseqüentemente, interfere em requisitos primários para a qualidade de vida. (masc, 17, 3º). sim, <b>muitas escolas tem pessoas ricas e ao mesmo tempo pessoas pobres</b>. (masc, 17, 3º).</p>
<p><b>Dificuldades</b></p>	<p>Sim, <b>pessoas com deficiência pode ser menosprezada</b>, ou simplesmente deixada de lado. (Masc, 16, 3º)</p> <p>Talvez.. por conta de quem talvez em uma <b>escola privada há um professor profissional na educação física onde ele trabalha a saúde física e mental, e nas escolas públicas não seja muito trabalho nisso</b>. (Fem, 15, 2º).</p> <p>Sim, <b>desigualdade de gênero e racial</b>. (Fem, 15, 2º)</p> <p>sim, a <b>falta de material para participar das aulas praticas</b> de alguns alunos de escola publica. (Masc, 18, 3º)</p> <p>sim, <b>no futebol</b>. (Mas, 17, 3º)</p> <p>Sim, exemplo: <b>as pessoas relativamente fracas ou ruins em certo</b> esportes vão ficar</p>

	<p>de fora, lei da selva. (Masc, 18, 3º)</p> <p>Depende do contexto aqui presente, afinal existem várias sociedades, a do futebol e a do vôlei, xadrez e damas, se for essa a questão existe sim, afinal <b>o esporte predominante e o futebol, o investimento nas outras áreas são escassas, de roda forma, se a questão é uma globalização das sociedades</b>, "A Sociedade" acredito que se existe é bem pouco, ou se for grande não se mostra tão presente. (Masc, 16, 3º)</p> <p>Sim, ainda mais pelo fato de quando algum aluno ou pessoa possui algum tipo de <b>deficiência</b> ou pelo fato da <b>homofobia</b>. (Fem, 17, 3º)</p> <p><b>A resistência</b> (Masc, 18, 3º)</p> <p>Sim, <b>sexismo e homofobia</b>. (Fem, 17, 3º).</p> <p>Existe sim. Na aula teórica por exemplo <b>a parte que mais prevalece é os meninos por jogarem futebol e as meninas não</b> (a maioria) (Fem, 19, 3º)</p> <p>Sim e muito. Exemplo a <b>homofobia</b> pelo fato de algumas pessoas não querem jogar com pessoas do gênero diferente, ou por que os meninos não querem jogar com outras meninas pelo fato deles se acharem superior a elas e também a questão da maioridade masculina. (Mas, 18, 3º)</p> <p>Sim! Os <b>meninos não pensam</b> nas meninas (Masc, 15, 2º).</p> <p>Sim. <b>Quando não podemos jogar</b> com os meninos. (Fem, 16, 3º).</p> <p>Sim, entre os meninos e meninas e pessoas com melhores <b>condições físicas</b>. (Fem, 16, 2º)</p> <p>A questão da roupa e existe <b>sexismo em relação aos jogos</b> aplicados nas aulas. (Fem, 16, 2º)</p> <p>Sim, <b>separação de grupos masculino e feminino</b>. (Mas, 16, 2º).</p> <p>Sim, <b>discriminação do gênero</b> feminino nas atividades físicas. (Fem, 16, 2º)</p> <p>Sim, tipo os meninos <b>jogam com meninos e meninas com menina</b>, assim eu acho que poderia ser tudo misturado (Fem, 18, 2º)</p> <p>sim, a maioria dos <b>meninos nao deixam nos meninas jogarem</b> (Fem, 16, 2º).</p> <p>sim, as pessoas <b>que tem algumas dificuldades de se locomover</b> são bastante excluídas desses esportes e, por questões sociais, as pessoas são <b>excluídas e deixadas de lado, pelo simples fato de sua cor não ser igual</b> das demais. (Fem, 16, 2º).</p> <p>Sim, Varias pessoas deixam de fazer diversos tipos de exercícios e esportes <b>por falta de equipamentos</b> que possa contribuir para sua inclusão (Masc, 16, 2º).</p> <p>sim, tem pessoas que <b>não tem possibilidade de acessar as aulas nem de</b> participar (Fem, 16, 2º)</p> <p>Sim, quando se <b>trata do ensino em diferentes</b> escolas (privada/pública). (Fem, 17, 3º)</p> <p>Sim, <b>a questão de deficiência</b>, como dito anteriormente. Geralmente nas escolas, pessoas com <b>deficiência não podem praticar algumas matérias da</b> educação física por conta da sua condição. (Fem, 16, 2º)</p> <p>Simm <b>condições físicas</b> de cada aluno (Fem, 16, 2º)</p> <p>sim, na prática de esportes considerados ""masculinos"" <b>onde algumas vezes meninas nn participam</b>. (Fem, 16, 3º)</p> <p>Eu nunca vi na minha escola, até hoje não. Acho que vi um caso em outra escola sobre o aluno assediado uma aluna que estava de short na aula de educação física, e</p>
--	---

	<p>não fizeram nada. <b>Dai a gente vê a desigualdade social, pois pessoas de gênero masculino geralmente são colocadas acima das mulheres</b>, tornando com que isso possa cooperar pra desigualdade. (Fem, 16, 3º)</p> <p>Sim, pois acho <b>q melhora muito o físico de cada pessoa não só físico</b> como mental (Masc, 15, 2º).</p> <p>sim, <b>falam do corpo das pessoas</b> e que nao pode fazer tal coisa por causa q e gordo ou magro. (outros, 16, 2º)</p> <p>Sim, nosso ensino é muito limitado. Uma pessoa que usa <b>cadeira de rodas não poderia praticar um esporte como futebol</b>. (Fem, 15, 2º).</p> <p>Sim, <b>uma pessoa gorda sofre com isso</b> porque as outras pessoas acham graça. (Fem, 14, 1º).</p> <p>Sim, muitas vezes <b>por conta do corpo das pessoas</b> que estão ali jogando. (Fem, 16, 1º)</p> <p>na minha opinião existe sim em varios lugares as veses <b>acham que uma pessoa gorda por exenplo não pode core ou joga queimado</b> so por ser gorda. (Fem, 17, 1º)</p> <p>Sim, quando a <b>quadra é separada por meninos e meninas, e os meninos jogam futebol, e as meninas não podem elas jogam queimada ou ficam já arquibancada. Também quando vão escolher time, eles olham pela aparência, e escolhem os mais fortes aparentemente.</b> (Fem, 14, 1º)</p> <p>Sim, <b>uma pessoa mais acima do peso por exemplo muitas vezes são excluídas de atividades físicas</b> (Fem, 14, 1º).</p> <p>Sim, dependo da aula, pessoas com problemas de <b>cansaço,colunas ou deficientes podem ter dificuldade para realizá-las</b> (masc, 15, 1º).</p> <p>Existe, "eu tenho um tênis <b>melhor que o seu</b>" (Fem, 15, 1º).</p> <p>Acho que tem <b>pessoas que se acham melhor</b> que as outras (Fem, 15, 1º).</p> <p>Sim,pessoas com a <b>estatura menor não podem jogar certos jogos ou fazer algumas atividades</b> é <b>meninas muitas vezes não podem jogar certos jogos porque estão com o shorte muito curto</b> . (Fem, 15, 1º).</p> <p>Sim, tipo tem gente q <b>não participa pq tem um problema ou uma dor</b>. (Fem, 15, 1º).</p> <p>Sim, <b>desigualdade racial</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>sim. em alguns casos individuais de várias turmas, colegas de classe têm preconceito com <b>pessoas de diferentes raças, costumes, e até mesmo com pessoas limitadas de forma capacitada fisicamente ou mentalmente</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>Sim, Pessoas com <b>deficiência acabam ficando "excluído" homossexuais, lésbicas e acaba gerando o preconceito.</b> (Masc, 15, 1º)</p> <p>a <b>estrutura da escola</b>, como exemplo a quadra sem teto, com muito sol. (Masc, 15, 1º)</p> <p>Sim, <b>um magro zoando uma pessoa mas gordinha</b> (Masc, 16, 1º)</p> <p>Depende. as diferenças são <b>relacionadas ao corpo e as habilidades</b> (Masc, 17, 1º)</p> <p>Pode ser que sim, todos podem praticar educação física <b>mas algumas pessoas com deficiências ou até mesmo pelo gênero são deixadas de lado em alguns casos</b> (Fem, 16, 1º).</p> <p>acredito que sim, pois <b>alguem com um equipamento melhor teria melhor performance</b>. (masc, 16, 3º)</p>
--	--

	<p>sim, força física por questão de alimentação ou oportunidade de algum exercício e especialmente para mulheres que quase sempre são excluídas de atividades físicas desde criança. (masc, 18, 3º).</p>
<p><b>Contribuições</b></p>	<p>Sim, expondo atividades que sejam abrangente para ambas classes e condicionamento físico. (Masc, 16, 3º).</p> <p>Talvez cm ajuda de profissionais onde o esporte leve em conta a saúde física e mental dos alunos. (Fem, 15, 2º).</p> <p>Sim, podemos tentar falar com o professor(a) ou tentar resolver nós mesmos mudando a dinâmica sozinhos. (Outros, 17, 2º)</p> <p>Sim. Valores como respeito, senso de justiça e companheirismo são estimulados. (Masc, 15, 2º)</p> <p>Sim, pois praticamos com Todos, tentando evitar esses tipos de desigualdade. E tentando fazer um lugar mais acolhedor para todos(as). (Fem, 15, 2º)</p> <p>Sim, pois através do esporte , a ideia de igualdade pode ser implantada. (Masc, 18, 3º)</p> <p>Sim, na questão de jogos escolares em relação a separação de sexos em certos esportes. (Masc, 17, 3º)</p> <p>Sim, inclusão das pessoas isoladas. (Masc, 18, 3º)</p> <p>Sim , deixando todos participar etc (Masc, 17, 3º).</p> <p>O combate a desigualdade certamente é com a igualdade, e isso se aplica a está questão aqui, mostrando um equilíbrio entre as classes presentes na educação física, investimento igualitário, e certamente justo, pode sim diminuir a desigualdade social... (Masc, 16, 3º).</p> <p>Lógico! Debatendo com os alunos, instruindo a denuncias a professores e responsáveis familiares. (Fem, 17, 3º)</p> <p>Realizar apenas uma atividade, que todos possam praticar. (Masc, 17, 3º)</p> <p>Os professores desenvolverem uma forma mais dinâmica entre os alunos de praticar a aula teórica juntos. (Fem, 19, 3º)</p> <p>Sim. Com os professores mais atentos ao que acontece em sala de aula, em questão dos alunos conversarem com os professores. As escolas fazerem mais conselhos de classe para alertar os alunos sobre isso. (Mas, 18, 3º)</p> <p>sim, incluindo as mulheres em todos os esportes. (Fem, 17, 3º)</p> <p>Sim, juntando todos os gêneros em todos os jogos (Fem, 16, 2º)</p> <p>Sim, pois ocorre a inclusão na questão de praticar as aulas. (Masc, 16, 2º)</p> <p>sim, sem ter preconceito com o próximo e na base da conversa (Masc, 16, 2º)</p> <p>De várias formas, juntando alunos de várias séries e etc...(Fem, 17, 2º)</p> <p>sim, nas aulas a participação de todos e aulas dinâmicas onde todos possam participar (Fem, 16, 2º)</p> <p>Sim, pode começar com os alunos etendendo que nem todos tem a mesma condições que outros (Fem, 16, 2º).</p> <p>Ouvindo os alunos. (Fem, 16, 2º).</p> <p>sim, com a inclusão de grupos. (Fem, 16, 2º).</p>

	<p>Sim, pois através delas acontece a <b>inclusão</b>. (Fem, 16, 2º).</p> <p>Sim, <b>jogando todos juntos</b> não importa se é meninas ou meninos tudo junto. (Fem, 16, 2º).</p> <p>Sim, <b>o trabalho em equipe durante as partidas</b> podem fazer com que os alunos se conheçam melhor e lidem melhor com várias pessoas. (Masc, 15, 2º).</p> <p>sim, <b>mostrando que todos são</b> iguais. (Fem, 16, 2º).</p> <p>sim, na <b>maneira de criar jogos e esportes que ajudem na socialização</b> dos alunos e até mesmos os professores. (Fem, 16, 2º).</p> <p>Sim, Fazendo <b>jogos que ajude as socializações</b> dos estudantes durante a ação. (Masc, 16, 2º)</p> <p>Podem sim. Uma aula de educação física não é só para aquecer o corpo, é uma forma de todos <b>possam ser incluídos independentemente se a pessoa tem problemas físicos ou psicológicos</b>. Existem várias outras pessoas que podem ser incluídas na escola, principalmente na sociedade. (Masc, 17, 2º)</p> <p>Sim. <b>Democratizando o acesso à educação de maneira igualitária aos</b> estudantes de diversas escolas, independente de sua classe. Logo, expandir seu ensino e suas práticas na vida de cada estudante. (Fem, 17, 3º)</p> <p>sim, se <b>tornando acessível</b>, em todas as questões (Fem, 16, 2º)</p> <p><b>Incluindo alunos que se sentem excluídos</b> de alguma forma e propondo dinâmicas de grupo onde todos vão interagir (Fem, 16, 3º)</p> <p>Sim. Conscientiza os alunos, fazer com que <b>todos sejam tratados de forma igual</b>, ou até tomar atitudes quando vê uma cena de desigualdade. (Fem, 16, 3º)</p> <p>sim; <b>com jogos onde todos podem</b> jogar (Fem, 17, 2º).</p> <p>sim <b>quando todos nos se ajuntamos</b>. (Masc, 16, 2º)</p> <p>Sim, acho que <b>a interação em conjunto</b> ajuda muito (Fem, 16, 2º)</p> <p>sim, fazendo com que as <b>pessoas tenham um momento com essas pessoas</b> (Masc, 16, 2º)</p> <p>Sim, pois, <b>todos vão estar em conjunto</b> (Masc, 16, 2º)</p> <p>Sim, todos se <b>socializam se igualam quando se trata</b> de educação física (Masc, 18, 2º)</p> <p>Sim, como sempre há aulas iterativas ocorre a interação entre varios alunos, sendo assim <b>ocorre a interação</b> entre eles. (Fem, 16, 2º)</p> <p>sim, com <b>atividades em grupo</b> que ajude a melhorar a situação. (outros, 16, 2º).</p> <p>Sim, <b>respeitando o espaço do outro</b> e <b>a igualdade prevalecendo</b> nos esportes. (Fem, 15, 2º).</p> <p>sim, palestras e exercicios que permitam com que <b>todos da sala de aula sejam inclusos como iguais</b> sem nenhum tipo de diferença. (Fem, 15, 1º).</p> <p>Sim, com a <b>orientação do professor (a) chamando a atenção que todos</b> tem o mesmo direito. (Fem, 16, 1º).</p> <p>claro, <b>tratando as pessoas de forma igual e respeitando os seus</b> limites sem forçar (Outros, 15, 1º).</p> <p>sim por que se verem que <b>todos jogão juntos iso pode muda varias visões</b>. (Fem, 17, 1º)</p>
--	--

	<p>sim bastante, posso ate dar um <b>exemplo de futebol femenino</b> que é bastante criticado. (Fem, 17, 1º)</p> <p>Sim, <b>mostrando que meninas, Também, podem jogar futebol, pessoas acima do peso também poderem jogar, respeitar pessoas</b> que não sabem e estão aprendendo a fazer tal coisa, não xingar caso a pessoa errar, e acima de tudo respeitar e entender que ninguém é perfeito. (Fem, 14, 1º)</p> <p>Sim, <b>colocando TODOS os alunos para praticar</b> educação física (Masc, 16, 1º)</p> <p>Sim, na educação física ocorre de se <b>ter muito trabalho em equipe, por causa dos esportes em conjunto</b> como a queimada que é muito presente. (Fem, 14, 1º).</p> <p>Sim, <b>fazendo exercícios que contribuam para o bem estar do aluno</b>, não apenas o que os alunos querem mas também aulas teóricas. (Masc, 15, 1º).</p> <p>Acho que <b>mostras pras pessoas que ela não e melhor que ninguém</b> (Fem, 15, 1º).</p> <p>Sim, <b>através da união de todas as pessoas</b> que estão fazendo a atividade física (Fem, 15, 1º).</p> <p>sim <b>incluindo todos os alunos</b> (Fem, 15, 1º)</p> <p>Sim, <b>ajudando e também insentivando aquelas pessoas q são diferentes a fazer</b> a mesma coisa. (Masc, 15, 1º)</p> <p>Sim, elas fazem com que <b>as pessoas sejam incluídas</b> nas atividades físicas (Fem, 15, 1º).</p> <p>sim, com os <b>professores auxiliando de forma que todos participem e interajam, incluindo a todos e</b> principalmente os que tem algum tipo de insegurança em participar. (Fem, 15, 1º)</p> <p><b>interação nas aulas</b>, entre os estudantes e professores. (Masc, 15, 1º)</p> <p>Sim, pode ser <b>através da avaliação que é dado durante a aula, se tiver algum problema durante a aula o professor auxilia</b>, e ajuda no psicológico do estudante (Masc, 17, 1º).</p> <p>sim, <b>unindo pessoas e diminuindo preconceitos</b> (masc, 16, 3º)</p> <p><b>atividades em grupo</b>, onde alunos socializam e se comunicam pode dar uma certa baixa no preconceito, ou seja, na diferenca (fem, 17, 3º).</p> <p>Sim <b>melhorar a quadra da escola, ter teto na quadra e outras coisas</b>, (fem, 17, 3º).</p> <p><b>descobrir habilidades e melhorando o</b> desempenho funcional (masc, 17, 3º)</p>
<p><b>Identificação</b></p>	<p><b>Sexismo e Gênero</b>. Já não é novidade que mulheres são desprezadas em meios escolares e a diferença de gênero também é muito presente (Masc, 16, 3º).</p> <p><b>Econômico/ deficiência</b>. (Fem, 15, 2º)</p> <p><b>Gênero</b>: (divisão de meninos e meninas) mas algumas pessoas são dois gêneros ou nenhum e isso complica muito! <b>Corpo</b>: os meninos podem vir como quiser mas as meninas são muito limitadas.</p> <p><b>Cultura e gênero</b>. (Masc, 15, 2º)</p> <p><b>Corpo</b> (muitos se sentem desconfortáveis em relação a ISSO....) <b>Diferença</b> (em relação aos preferidos dos professores, que tratam eles com uma certa diferença.) (Fem, 15, 2º).</p>

	<p><b>corpo e genero</b>, muitas vezes <b>meninas evitam a pratica de educação física</b> por vergonha do seu corpo. (Masc, 18, 3º)</p> <p><b>Gênero e diferença</b> (Masc, 19, 3º)</p> <p><b>Gênero e deficiência.</b> (Masc, 17, 3º)</p> <p><b>Corpo</b> devida ao fato que nem todos tem a mesma aptidão para fazer as atividades imposta, nem todos são compatíveis como o esporte disponível, e <b>sexismo</b>, normalmente só os garotos jogam futebol, poucas são as garotas que participam das aulas práticas. (Masc, 16, 3º)</p> <p><b>Deficiência</b>-Em relação a deficiência física ou psicológica. <b>Corpo</b>- Olhares de julgamento e exclusão social.</p> <p><b>Genero</b>- a força e a resistência da mulher acho bem desigual <b>Deficiência</b>- muitos deficientes querendo ou não sofrem um pouco pra praticar a Ed.Física por causa de uma perna ou um braço a menos ou a "demência" não deixa isso e triste mais e a realidade, mais tentamos ajudá-los do jeito que podemos</p> <p><b>Sexismo</b>-Por que os meninos podem mais do que as meninas <b>Diferença</b>-por que tem muita diferença de poder, diferença de autoridade masculina sobre a feminina.(Fem, 18, 3º).</p> <p><b>Cultural</b>- Por que podem haver pessoas de certas religiões, exemplo o maracatu-pode haver pessoas com certos tipos de indiferença quanto a isto. <b>Sexismo</b>- Pelo fato dos meninos estando se impondo mais do que as meninas, ou seja, eles querem ser mais do que as meninas. (Mas, 18, 3º)</p> <p><b>sexismo</b>, as pessoas olham com olhar de julgamento corpo, pra as pessoas nunca e o bastante ou magra demais ou acima do pesso demais (Fem, 17, 3º)</p> <p><b>deficiência e gênero</b>, são duas palavras que representam muito o dia a dia nas escolas e com os estudantes, elas geram muita dúvida e muito debate gerando sérios problemas na socialização dos alunos. (Fem, 16, 2º)</p> <p><b>Deficiência, gênero</b> pois quem tem alguma deficiência ele vai ter dificuldade em algum esporte que o professor passou e gênero que sempre os homens não querem mulheres no time pois achão elas fraca e nunca vai conseguir. (Masc, 18, 2º).</p> <p><b>diferença e deficiência</b>, são as que melhores se encaixam, por pessoas com deficiência etc. (Fem, 16, 3º)</p> <p><b>Deficiência e corpo.</b> Esses são bem utilizados nas aulas de educação física, porque as pessoas consideram essas pessoas fracas e lentas. (Não estou generalizando as pessoas) (Masc, 17, 2º).</p> <p><b>Econômico e Sexismo.</b> Em relação ao EaD, o econômico é evidente pois nem todos têm acesso a uma boa Internet e dispositivos eletrônicos. E sobre o sexismo, existe uma diferença enorme (dependendo do professor) nas práticas esportivas, priorizando alguns esportes para homens, enquanto difere para as mulheres.(Mas, 16, 3º).</p> <p><b>Deficiência e gênero.</b> Deficiência porque não há acessibilidade na educação física para pessoas com deficiência. Gênero porque há a questão do machismo, que é enorme nessa área. Muitas mulheres são criticadas ao praticarem educação física, assim como seus corpos também são. (Fem, 16, 3º).</p> <p><b>Gênero</b> sobre "esportes de meninos" e "esporte de meninas", meninos jogam futebol, meninas pulam corda. Sobre os meninos terem mais força, meninas serem mais fracas. Dentre diversos outros problemas. <b>Deficiência</b> - alunos que são cadeirantes, por exemplo, não participam de grande parte das atividades de educação física, é preciso essa inclusão. Não apenas essa deficiência como tantas outras, é tratada diferente em vários esportes. Exemplo dessa falta de valorização são os jogos paralímpicos. (Fem, 17, 3º)</p> <p><b>Gênero e deficiência.</b> Tem muita desigualdade de gênero, sabemos bem disso, como</p>
--	--

respondi nas questões anteriores. E eu acho que as pessoas separam as pessoas deficientes, por achar que elas são incapazes de realizar algum tipo de atividades, o que é bem errado e o nome disso é capacitismo. Pessoas deficientes pode ter suas dificuldades, mas elas não são incapazes. (Masc, 17,2º)

**Corpo**; muitas pessoas não gostam de praticar por estarem acima do peso, ou não sentir confortáveis **Deficiência**; nem todas as aulas são pensadas com inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência (Fem, 17, 2º).

**Sexismos e gênero**, pois dizem que no esporte quem tem a vantagem é o homem (Masc, 18, 2º).

**Corpo e sexismo**, corpo: pessoas acima do peso. Sexismo; com uma mulher se exercitando. (fem, 15, 1º)

**Corpo e gênero**, são os que mais as pessoas olham na hora de jogar ou conversar. (Fem, 16, 1º).

**corpo** pois acham que não podem fazer as coisas sexismo por que acham que as mulheres não podem fazer o que os homens fazem. (Fem, 17, 1º).

**gênero** principalmente o feminino, duvidam bastante do potencial de mulheres e até meninos de meninos que as vezes é bastante julgado por não se considera do mesmo gênero que os de mais. **corpo** já ouvir bastante em uma coisa chamada porte físico que eu vejo sem necessidade (Fem, 17, 1º).

**Gênero e corpo**. Bem desde que nós mulheres existimos, existe desigualdade entre mulheres e homens, antigamente as mulheres sofriam muito, em todos os sentidos. de não poder ter escolha em nada, e desde o início na humanidade sempre teve isso de "isso não é de mulher" "isso não é de homem" e dentro da educação física, a questão é exatamente essa de "mulher não pode fazer isso" "porquê ela tá fazendo isso? Isso é coisa de homem" normalmente os jogos são futebol, e eu nunca joguei, por quê os meninos não deixavam, assim como várias outras meninas, sempre quis mas não podia pelo simples fato de ser mulher, eles acham que somos fracas, e precisamos de um homem para viver, mas a verdade é que se não fosse uma mulher não existiria 7 bilhões de pessoas no mundo, -"ah, mas pra poder gerar precisa de um homem e uma mulher" Não, é possível sim uma mulher gerar sem precisar de um homem, foi comprovado cientificamente. A questão não é o gênero e sim a imaturidade dos homens. E sobre o corpo na educação física, pessoas muito magras ou gordas, são excluídas por acham que são fracas e não conseguem, fazer o que os outros fazem, por isso essas pessoas normalmente sentam não fazem nada e só ficam sentada por medo de ser julgado. (Fem, 14, 1º)

**Corpo e diferença**. Porque existem corpos mais gordos, eles possuem mais dificuldade em fazer as aulas, vergonha de participar e até excluídos por isso. (Masc, 15, 1º)

**Corpo e deficiência**, muitas pessoas acham que só porque uma pessoa é deficiente ele não tem a capacidade para fazer a atividade pedida, e também tem o corpo que novamente algumas pessoas não fazem educação física porque não estão em forma. Ou seja tudo preconceito. (Masc, 16, 1º)

**Deficiência e corpo**, muitas escolas não tem estrutura o suficiente quando se trata de apoio á pessoas deficientes e por isso acabam ficando de fora, assim como pessoas acima do peso ou muito magras acabam tendo dificuldade nos exercícios e por isso também são deixados de fora (Fem, 14, 1º)

**Corpo, deficiência**, as pessoas hoje em dia julgam muito umas às outras com base na aparência (Fem, 14, 1º).

**deficiencia** por não conseguir fazer o mesmo que os outros e **genero** por ter a divisão de esportes. (Fem, 14, 1º).

**Deficiência**, o pq dessa palavra e q tem várias pessoas q não fazer a educação física por causa de uma deficiência que ela tem. **Corpo**, eu escolhi essa palavra pq tem muita gente q não pratica a educação física pq tem uma dor ou também pq tem trauma (Masc, 15, 1º).

	<p><b>Sexismo e cultural.</b> Alguns alunos principalmente meninos sexualizam as garotas e certos aluno excluem outros por causa da cultura que é diferente das deles. (Fem, 14, 1º).</p> <p><b>Deficiência e gênero.</b> Porque as pessoas que tem algum tipo de deficiência pode haver bullying entre outras coisas. (Masc, 16, 1º)</p> <p><b>Corpo</b> por causa que um é magro e pode ter vergonha do seu corpo. (Fem, 15, 1º)</p> <p><b>deficiência e sexismo,</b> a maioria das vezes meninos preferem escolher entre si, do que incluir uma menina no seu time, ou até mesmo pessoas mais frágeis, com identificação de gênero diferente. em casos de deficiência, optam por pessoas nao capacitadas, por achar que as capacitadas não são capaz. (Masc, 16, 1º)</p> <p><b>Deficiência e diferente.</b> Por muitas vezes fazer parte disso, eu era muito excluído das atividades e da sala. A própria professora fazia essas coisas. . (Masc, 15, 1º)</p> <p><b>deficiência e biológico.</b> são duas palavras que está precisando de atenção maior na escola.</p> <p><b>gênero e deficiência,</b> a maioria acha que não são capazes por ser diferente (Masc, 17, 1º).</p> <p><b>Diferença e deficiência,</b> pois nesses dois contextos tem desigualdade. Na escola não tem condições pra pessoas com deficiência nem aparelhos específicos pra isso. Já diferença não é por causa de sexo mais de agilidade e habilidade do corpo. (Fem, 17, 3º)</p>
--	--

Respostas “Não sei” e “não” <b>(PÚBLICA/REFERÊNCIA)</b>	Quant não sei	Quant não
O que você entende por desigualdade social?	7	
Você acha que existem desigualdades sociais na escola? cite exemplos.	9	14
Nas aulas de educação física, existem desigualdades sociais? cite exemplos.	6	54
As aulas de educação física escolar podem contribuir para diminuir as desigualdades sociais? como?	17	3
Dentre as palavras abaixo, escolha duas que mais representam as desigualdades sociais nas aulas de educação física na escola. justifique a escolha.	1	1

Fonte: Produção da autora.

Questionários realizados com estudantes do Ensino Médio <b>(ESCOLAS PRIVADAS)</b>		
Unidades de contexto <i>DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO FÍSICA</i>		
Categories e suas características	Unidades de registro	
Constituição de conceito relacionando a Desigualdade social e desigualdade social no ambiente escolar.	Conceitos	<b>Diferença entre classes</b> 3 <b>Diferença na forma de tratar o próximo</b> <b>Privilégio</b> 5

		<p>Condição financeira 5</p> <p>Diferença dos serviços escolares</p> <p>Falta de oportunidade</p> <p>Interferir na qualidade de vida</p> <p>Dificuldade de acesso a serviços e materiais</p> <p>Discrepância nas relações entre os indivíduos da social</p> <p>Exclusão de grupos sociais</p>
Dificuldades encontradas na relação desigualdade social-Educação Física escolar.	<i>Dificuldades</i>	<p>Desigualdade de gênero</p> <p>Preconceito com a diferença corporal</p> <p>Preconceito pelo poder aquisitivo</p> <p>Menosprezo de pessoas com deficiência</p> <p>Falta de material para as aulas práticas 2</p>
Contribuições da prática pedagógica da Educação Física na caminhada de superação das desigualdades sociais.	<i>Contribuições</i>	<p>Agregar realidades diferentes na prática 4</p> <p>Ensino eficaz</p> <p>Aulas acessíveis para todos</p> <p>Oportunidades e incentivos</p> <p>Eventos esportivos</p> <p>Preocupação com as questões sociais</p>
Reconhecimento de possíveis potencializadores das desigualdades sociais nas aulas de Educação Física. Com base na lógica das Representações Sociais.	<i>Identificação</i>	<p>Corpo 6</p> <p>Gênero 5</p> <p>Diferença 3</p> <p>Sexismo 3</p> <p>Ser visto como incapaz</p> <p>Econômico 5</p> <p>Deficiência 3</p> <p>Cultural</p>

UNIDADES EXTRAÍDAS DOS ESTUDANTES (ESCOLAS PRIVADAS)	
Categorias	Temas/ unidades de registro
<b>Conceitos</b>	<p>“Desigualdade é quando temos uma <b>diferença</b> entre pessoas da sociedade. Muitas vezes essa diferenças são exposta na quantidade de dinheiro e educação que um indivíduo tem comparado a de outro.” (Masc, 15, 1º).</p> <p>“A <b>diferença entre classes</b> inferiores e superiores, sendo a inferior com menor acesso à educação de qualidade, baixo saneamento básico e direito a segurança alimentar, etc (Fem, 15, 1º)”.</p> <p>“Dentro de alguma escola, especificamente, acho que não muito diretamente, mas alguns alunos podem <b>ser privilegiados por serem filhos de alguém importante</b>, como algum governador, por exemplo. (Fem, 15, 1º)”</p> <p>Uma situação em que algumas pessoas tem <b>mais vantagens e privilégios</b> na vida enquanto outras não tem acesso a alguns direitos básicos. (Masc, 14, 1º)</p> <p>A <b>diferença presente</b> no indivíduo na sociedade. podendo ser <b>financeiramente</b> ou outro tipo. (14, Masc, 1º).</p> <p>Sim. Pode haver <b>bullying por causa das condições financeiras</b> de algum aluno, ou diretores e <b>professores tratar o aluno diferente</b> dos demais pelo fato dele ser mais pobre. (Masc, 14, 1º).</p>

	<p>É justamente quando há uma <b>diferença na forma de tratar</b>, ou respeitar alguém pelo fato dele ser de uma classe social diferente. Quando alguém é tratado de forma desigual (Masc, 17, 3º).</p> <p>Sim, e pudemos ver principalmente com a pandemia do corona vírus, onde muitas pessoas com situação precárias foram prejudicadas <b>por não terem condições de comprar aparelhos para terem acesso as aulas online</b>. (Masc, 17, 3º)</p> <p>Direito que <b>algumas pessoas tem e outras não</b> (Fem, 16, 2º) Sim, principalmente <b>quando a escola é pública</b> e particular. (Fem, 16, 2º).</p> <p>Quando não existe <b>oportunidades e qualidade de vida igualitária, pode ser econômica, gênero, cor, religião...</b> (Fem, 15, 2º) Sim, questões financeiras no geral. (Fem, 15, 2º)</p> <p><b>Difrenças econômicas</b> que existem na sociedade. (Fem, 16, 3º)</p> <p>Sim, como na escola em que eu estudo, mesmo que seja uma escola particular, ainda sim tem muita desigualdade. Tem alunos que <b>só tem condições financeiras de ter coisas como um sapato</b>, uma calça, um celular que não é tão bom, a mensalidade em dia, assim como tem alunos que tem motorista particular, mensalidade sempre em dia, iphone, muitos sapatos e calças para ir a escola. (Fem, 16, 3º)</p> <p>Desigualdade social é um <b>problema financeira</b> em determinado grupo (Fem, 15, 1º)</p> <p>Problema relacionado a Sociedade, que está muito ligado <b>a oportunidades e bens materiais, onde uns tem muito e outros não têm nada</b>. (Fem, 16, 2º)</p> <p>Sim ,algumas pessoas irem pra escola para terem a oportunidade de se <b>alimentarem ao menos uma vez no dia</b> (em escolas públicas onde a merenda é de graça) e nas escolas privadas <b>alguns alunos não conseguem comprar o material pedido</b>. (Fem, 16, 2º)</p> <p>Quando <b>pessoas tem mais oportunidade que outras</b> por algum fator como renda, gênero, raça e etc. (Fem, 16, 3º)</p> <p><b>Discrepância nas relações dos indivíduos de uma sociedade</b>, seja na questão econômica, étnica, gênero... (Masc,19, 3º).</p> <p>Sim, diferença entre meninos e meninas, <b>exclusão dos que não são interessados aos esportes comum a grade</b> curricular, como por exemplo a exclusão de alunos que gostam mais de video games etc... (Masc,19, 3º).</p> <p>quando <b>umas pessoas tem</b> muito e outras pouco (Fem,18, 3º). sim, de <b>gênero,renda</b>,etc...(Fem,18, 3º).</p> <p>(Fem, 15, 1º)</p>
<b>Dificuldades</b>	<p>“Durante as aulas de educação física vemos mais <b>desigualdade de gênero</b> e não social em si.” (Masc, 15, 1º).</p> <p>sim. As vezes pode ter algum <b>preconceito pelo corpo</b> de alguém ser diferente. (14, masc, 1º).</p> <p>Sim, o fato de <b>alguém ser pobre pode gerar</b> algum tipo de preconceito. (Masc, 17, 3º)</p> <p>Sim , quando a pessoa <b>é deficiente</b> (Fem, 16, 2º).</p> <p>Sim, existem alunos <b>que não têm sapatos adequados</b> para praticar educação física. (Fem, 16, 3º)</p> <p>Sim, muitas pessoas <b>não têm condições de ter as roupas "ideias"</b> de educação física (Fem, 15, 1º).</p> <p>Sim ,em <b>relação a vestimenta por exemplo</b> alguns alunos não conseguem ter o tênis ou a roupa necessária (Fem, 16, 2º).</p> <p>Não que seja notável ou que tenha sabedoria para compreender a desigualdade social nas aulas de Ed.Física (Masc, 19, 3º)</p>

<b>Contribuições</b>	<p>“Sim, de forma a <b>juntar realidades diferentes a jogar aquele jogo ou fazer aquele exercício.</b>” (Masc, 15, 1º).</p> <p><b>Dependendo do ensino que a educação física estiver ensinando,</b> talvez possa contribuir. (14, masc, 1º).</p> <p>Sim! O fato de <b>estarem juntos</b> realizando as atividades sejam práticas ou teóricas, ajuda para que os alunos se conheçam melhor evitando preconceito com certas diferenças. (Masc, 17, 3º).</p> <p>Acredito que <b>dando acessibilidade para todos</b> que tem suas limitações. (Fem, 16, 2º).</p> <p>Sim, buscar trazer <b>oportunidades e incentivos</b> para todos (Fem, 15, 2º)</p> <p>Sim, uma boa ideia <b>é por meio de campeonatos e aulas que</b> possam abraçar todos os tipos de pessoas e suas condições (Fem, 15, 1º).</p> <p>Sim, ligada <b>a projetos sociais.</b> (Fem, 16, 2º)</p> <p>Sim, <b>integrando</b> todas as pessoas (Fem, 16, 2º)</p> <p>Sim, <b>abrangendo as classes, gêneros, e individualidades</b> de forma adaptativa referente a cada classe/indivíduo (Masc, 19, 3º)</p>
<b>Identificação</b>	<p><b>Corpo, gênero e diferença</b> (Masc, 15, 1º).</p> <p><b>Corpo e Sexismo,</b> em relação ao corpo, as pessoas que tem alguns quilos a mais são vistas como <b>incapacitadas ou mais fracas</b> para entrar no "time". Sexismo pois em alguns lugares as meninas precisam usar roupas muito curtas e desconfortáveis enquanto os garotos usam algo super confortável e não se preocupam como alguém olha para o corpo deles. (Fem, 15, 1º)”</p> <p><b>Biológico e cultural</b> (14, masc, 1º).</p> <p><b>corpo,</b> por que pode haver indiferença com alguém por causa do seu corpo <b>econômico,</b> pode ter tratamento de forma rigorosa com alguém pelo sua condição financeira. (14, masc, 1º).</p> <p><b>Corpo:</b> o fato de alguém <b>estar acima do peso</b> pode gerar certo preconceito. <b>Gênero:</b> o fato de algumas meninas <b>não saberem praticar</b> alguns esportes pode gerar um certo preconceito. (Masc, 17, 3º)</p> <p><b>Gênero,</b> as meninas acabam sendo pré-julgadas de incompetentes nas aulas, principalmente de esportes.</p> <p><b>Econômico,</b> pela a falta de condições financeiras para praticar educação física. <b>Deficiência,</b> muitas escola não são tao inclusivas na hora da prática de educação física. (Fem, 16, 3º)</p> <p><b>Econômico, Sexismo.</b> Econômico por conta do aluno as vezes não conseguir ter a vestimenta pedida e Sexismo porque além de ser raro se vê professorAs de Educação física ainda se pensa que por ser mulher aquela aula não vai ser produtiva ou coisas do tipo. (Fem, 16, 2º)</p> <p><b>sexismo e deficiência,</b> principalmente as mulheres são excluídas e não há inclusão dos deficientes nas aulas. (masc, 18, 3º)</p>

Respostas “Não sei” e “não” <b>(PRIVADA)</b>	Quant não sei	Quant não
O que você entende por desigualdade social?	1	
Você acha que existem desigualdades sociais na escola? cite exemplos.		
Nas aulas de educação física, existem desigualdades sociais? cite exemplos.	2	1

As aulas de educação física escolar podem contribuir para diminuir as desigualdades sociais? como?	2	1
Dentre as palavras abaixo, escolha duas que mais representam as desigualdades sociais nas aulas de educação física na escola. justifique a escolha.		

Fonte: Produção da autora.